**LUMEN FLUENS**
**ESTUDOS COMPARADOS**

**HUGO TOMAZETI NETO**

# LUMEN FLUENS E O VEDANTA:
# ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado IV

**GOIÂNIA**

**2026**

**HUGO TOMAZETI NETO**

# LUMEN FLUENS E O VEDANTA:
# ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado IV

Estudo Comparado IV da série “Onde nos tocamos, onde nos separamos”, do Lumen Fluens, sobre o Cânon v1.2, refeito no formato completo da série em novembro de 2026. Versão 1.1, com as decisões do fundador de 4 de novembro de 2026. Preparado com assistência de inteligência artificial (Claude, Anthropic) sob direção e revisão do autor.

**GOIÂNIA**
**2026**

*A luz não se acende — ela se revela.*

Cânon Lumen Fluens, v1.2, Os Quatro Pilares, I

## RESUMO

Este estudo compara a filosofia de vida Lumen Fluens, em seu Cânon v1.2, com o Vedanta, seguindo o princípio da série de Estudos Comparados: apresentar a doutrina visitada em sua melhor forma e só depois marcar as fronteiras. É a refação, no formato completo da série, da Ficha que servia de Estudo IV desde outubro de 2026. O Vedanta é exposto pelas Upaniṣad, na tradução de Olivelle, pela Bhagavad Gītā, na de Edgerton, por Śaṅkara, no Comentário aos Brahmasūtra traduzido por Thibaut, por Rāmānuja e Madhva, e pela tradição que o lê e o disputa — Hacker, Halbfass, Eltschinger, Radhakrishnan, Kabīr, Gandhi, Ambedkar. Encontra doze pontos de contato (“o Si é a sua luz” e a Lux; a face coberta pelo disco de ouro e a luz encoberta; “revelar, não fabricar”; “só na ação, nunca nos frutos” e o Portar; a testemunha e o Examinar; a caverna do coração e “estar consigo”; a morada do Si e os “tijolos do templo”; “o mal não o queima” e a luz que a falha não apaga; o svadharma e a vocação; a bhakti e a celebração; Maitreyī e Gārgī; a disputa de família) e doze fronteiras (de quem é a luz; a pessoa e a identidade nas três escolas; a água comum e o Si; o que cobre e o que se revela; o saṃsāra, o Flumen e a māyā; o saṃnyāsa, a margem e o corpo; a ação sem fruto e o Portar; “quem sou eu?” e “onde minha luz ficou escondida hoje?”; o guru, a śruti e a Bússola; o karma, a noite e a Vigília; a casta, as mulheres e as almas; “não nasce nem morre” e a luz atemporal). Mede a Ficha de outubro frase a frase e propõe uma Ficha reescrita. Propõe a fórmula “o Lumen Fluens aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução”, e entrega ao fundador dez questões novas, decididas em 4 de novembro de 2026 com a fórmula e a Ficha. Toda citação traz localização e marcador de verificação.



**Palavras-chave:** Vedanta; Lumen Fluens; ātman; Brahman; descoberta; dissolução; filosofia comparada.

## ABSTRACT

This study compares the philosophy of life Lumen Fluens, in its Canon v1.2, with Vedanta, following the principle of the Comparative Studies series: to present the visited doctrine in its best form and only then to draw the borders. It remakes, in the full format of the series, the sheet that had served as Study IV since October 2026. Vedanta is expounded from the Upaniṣads, in Olivelle's translation, from the Bhagavad Gītā, in Edgerton's, from Śaṅkara, in Thibaut's translation of the Brahmasūtra commentary, from Rāmānuja and Madhva, and from the tradition that reads and disputes it — Hacker, Halbfass, Eltschinger, Radhakrishnan, Kabīr, Gandhi, Ambedkar. It finds twelve points of contact ("the Self is his light" and the Lux; the face covered by the golden disc and the covered light; "revealing, not making"; "in action alone, never in its fruits" and bearing; the witness and the Examining; the cave of the heart and "being with oneself"; the abode of the Self and the "bricks of the temple"; "evil does not burn him" and the light that failure does not put out; svadharma and vocation; bhakti and celebration; Maitreyī and Gārgī; the family dispute) and twelve borders (whose the light is; person and identity in the three schools; the common water and the Self; what covers and what reveals itself; saṃsāra, the Flumen and māyā; saṃnyāsa, the bank and the body; action without fruit and bearing; "who am I?" and "where did my light stay hidden today?"; the guru, śruti and the Compass; karma, the night and the Vigil; caste, women and souls; "is not born and does not die" and the timeless light). It measures the October sheet sentence by sentence and proposes a rewritten sheet. It proposes the formula "Lumen Fluens accepts from Vedanta discovery and refuses dissolution", and hands the founder ten new questions, decided on 4 November 2026 together with the formula and the sheet. Every quotation carries a location and a verification marker.



**Keywords:** Vedanta; Lumen Fluens; ātman; Brahman; discovery; dissolution; comparative philosophy.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---|---|
| **[V-pt: tradutor] / [V-en: tradutor] / [V-es]** | citação conferida em edição portuguesa, inglesa ou espanhola nomeada |
| **[V-pi] / [V-skt] / [V-zh]** | citação conferida no páli (SuttaCentral), no sânscrito (GRETIL) ou no chinês do cânon Taishō |
| **[V via secundária: autor]** | citação lida por intermédio de outro autor, nomeado no Apêndice A |
| **[tradução do estudo]** | tradução de trabalho feita pelo estudo, com o original nas Fontes |
| **[paráfrase]** | sentido fiel ao texto; palavras do estudo |
| **[tese a confirmar] / [localização a confirmar] / [página a confirmar]** | o que ainda falta conferir |
| **[leitura do estudo] / [inferência do estudo] / [hipótese do estudo]** | marcas de autoria do estudo, distintas das três vozes |
| **[Ficha, não cânon]** | frase da Ficha de outubro de 2026, apontamento do fundador que o estudo mede e que a Ficha reescrita substitui |
| **decisão n.º 1–7** | decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VII |
| **decisão n.º 1–12 (19/10)** | decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII |
| **decisão n.º 1–13 (23/10, Estudo IX) / 1–10 (23/10, Estudo X)** | decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre os Estudos IX e X |
| **decisão n.º 1–11 (31/10, Estudo XI) / 1–11 (31/10, Estudo XII) / 1–12 (31/10, Estudo XIII)** | decisões do fundador de 31 de outubro de 2026 sobre os Estudos XI, XII e XIII |
| **decisão n.º 1–12 (3/11, Estudo I)** | decisões do fundador de 3 de novembro de 2026 sobre este estudo, numeradas na seção 1.2 |
| **decisão n.º 1–12 (3/11, Estudo II)** | decisões do fundador de 3 de novembro de 2026 sobre o Estudo II, escrito em paralelo |
| **Cânon v1.2** | Cânon do Lumen Fluens, versão 1.2 (agosto de 2026), texto publicado |
| ***sati* / presença** | a atenção do budismo e a presença do Corpus, lidas lado a lado |
| **margem / outra margem** | a margem do cânon, dentro do rio; a outra margem (*pāra*) do budismo, fim da travessia |
| ***dīpa*** | ilha ou lâmpada, em *DN* 16 e no *Bodhicaryāvatāra* III: controvérsia declarada, sem decisão |

**SUMÁRIO**

**1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO 10**
1.1 Como ler este estudo 13
1.2 O que a Ficha dizia e o que a série já disse 17
1.3 Decisões do fundador (versão 1.1, 4 de novembro de 2026) 17
**2 O VEDANTA EM SUA MELHOR FORMA 20**
2.1 O percurso em vinte linhas 20
2.2 As três escolas, sem escolher 20
2.3 O *Brahman* e o *ātman* 21
2.4 Os *mahāvākya* 23
2.5 A *avidyā*, o *adhyāsa* e o *jñāna* 24
2.6 *Karma*, *saṃsāra* e *mokṣa* 25
2.7 Os três caminhos 25
2.8 O *dharma* e os *āśrama* 26
2.9 A *śruti* e o *guru* 27
2.10 A *māyā* bem dita 28
2.11 O *yoga* de Patañjali, para não confundir 29
2.12 O que o Vedanta deixa 29
2.13 O que o capítulo deixa ao leitor 30
**3 ONDE NOS TOCAMOS 32**
3.1 “O Si é a sua luz” e a Lux 32
3.2 A face coberta pelo disco de ouro e a luz encoberta 33
3.3 “Revelar, não fabricar”: a letra de Śaṅkara e a do cânon 33
3.4 “Só na ação, nunca nos frutos” e o Portar 34
3.5 A testemunha e o Examinar 35
3.6 A caverna do coração e “estar consigo” 35
3.7 A morada do Si e os “tijolos do templo” 36
3.8 “O mal não o queima” e “falhar na regra não apaga a luz” 37
3.9 O *svadharma* e a vocação 37
3.10 A *bhakti* dos *ālvār* e a celebração 38
3.11 Maitreyī e Gārgī 38
3.12 A disputa de família como estrutura comum 39
**4 ONDE NOS SEPARAMOS 40**
4.1 De quem é a luz 40
4.2 A pessoa e a identidade: três escolas 41
4.3 A água comum e o Si 41
4.4 O que cobre e o que se revela 42

4.5 O *saṃsāra*, o Flumen e a *māyā* 43
4.6 O *saṃnyāsa*, a margem e o corpo 43
4.7 A ação sem fruto e o Portar 44
4.8 “Quem sou eu?” e “onde minha luz ficou escondida hoje?” 45
4.9 O *guru*, a *śruti* e a Bússola 45
4.10 O *karma*, a noite e a Vigília 46
4.11 A casta, as mulheres e as almas 47
4.12 “Não nasce nem morre” e a luz atemporal 48
4.13 A Ficha corrigida e a fórmula 49

**5 O VEDANTA DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE 51**
5.1 Hegel: o “abstrato” e o corretivo da tradição 51
5.2 Schopenhauer: o leitor que ligou o Vedanta e o budismo 52
5.3 Levinas e Ricoeur: a genealogia negada e o limite de memória 53
5.4 Platão: pessoas lado a lado e duas vizinhanças de palavra 54
5.5 Aristóteles: o *Brahman* e o motor imóvel 54
5.6 Agostinho e Arendt: o que não há, e uma palavra que muda de sentido 55
5.7 A Stoa: o Si e o *logos* 56
5.8 O budismo: a disputa de família, medida pelo lado do Vedanta 56
5.9 O cristianismo, o existencialismo e o taoísmo: três portas 57
5.10 O padrão: o que as casas receberam do Vedanta e o que lhe opuseram 58

**6 A FICHA E AS PRÉVIAS: O QUE A SÉRIE JÁ DISSE DO VEDANTA 60**
6.1 A Ficha do Estudo IV, toque a toque e fronteira a fronteira 60
6.2 A disputa de família que o Estudo I ofereceu 62
6.3 As seções dos Estudos VII a XIII, I e II sobre o Vedanta 62
6.4 A Ficha reescrita: aprovada pelo fundador 63

**7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS 67**
7.1 O que o estudo encontrou 67
7.2 A fórmula 69
7.3 Questões abertas 70
7.4 O que o Vedanta oferece 73
7.5 A lamparina 74

**REFERÊNCIAS 75**

**APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO 90**

**APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES 121**

**APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO 127**

## 1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial a Lux (o que o Vedanta diz do Si, posto ao lado dela, sem nome para ela [hipótese do estudo]; a luz interior atemporal; a origem em aberto diante de uma casa que dá nome à origem), o Flumen (o *saṃsāra* e o rio em que se fica), a Mutatio e o Portar (a ação sem fruto; o *svadharma*), o Corpus (o corpo como carruagem e como templo), o Examinar (“quem sou eu?”), a margem (o *saṃnyāsa*; a caverna do coração), a Bússola (o *guru* e a *śruti*), a Vigília, a noite e o lobo (o *karma* como explicação do sofrer; a casta), as Águas Comuns (“onde tudo se tornou o Si, quem veria quem?”)
Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.
Versão 1.1, 4 de novembro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 4 de novembro de 2026.

O Vedanta é a casa que diz, com mais letra do que qualquer outra, que há em cada pessoa uma luz que não nasce nem morre; Śaṅkara diz que ela não se fabrica, que a ignorância a encobre e o conhecimento a revela. O rei Janaka pergunta a Yājñavalkya qual é a fonte de luz para uma pessoa: o sol, a lua, o fogo, a voz — e, quando todos se apagam, “o Si é então a sua fonte de luz” (*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.3.6; ver 2.3) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo].

A Ficha de outubro chamou o *ātman* “o eco mais direto da luz interior”, e tem razão no eco. A fronteira é que o Vedanta responde à pergunta que o cânon deixa em aberto: a frase seguinte da mesma Upaniṣad nomeia — essa luz é a pessoa feita de percepção, a luz interior no coração (IV.3.7) —, e outra passagem diz que este Si é *Brahman* (II.5.19), no que Śaṅkara vê identidade e Madhva elogio (4.1). O cânon diz que “a luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) e não diz de onde ela vem: a origem que cada um lhe atribui é “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). Por isso este estudo tem, na pergunta “de quem é a luz?”, a fronteira mais nítida da série, e, quando as luzes de fora se apagam, o contato mais forte com a letra do cânon [leitura do estudo].

Este é um estudo refeito. O Estudo IV existia desde outubro de 2026 como Ficha na Biblioteca do site, a mais curta da série: dois toques (“O eu atemporal: o *ātman* que não nasce nem morre (*Katha Up.* II.18-19) é o eco mais direto da luz interior”; “Revelar, não fabricar: a ignorância encobre o que sempre esteve lá”) e duas fronteiras (“Participação vs. identidade: no *advaita, tat tvam asi* — a individualidade é aparência; para nós cada luz é única e irredutível”; “História real: o rio tem margens — não é véu (*māyā*)”).

Em 3 de novembro de 2026 o fundador decidiu refazer os Estudos I a VI no formato completo da série — integral, resumo trilíngue, fórmula e decisões —, dois por vez, na ordem da numeração, antes do Estudo XIV. Os Estudos I, sobre o budismo, e II, sobre o estoicismo, foram refeitos, validados e publicados no mesmo dia; o Estudo III, sobre o cristianismo, é escrito em paralelo a este. A numeração é a da série, mas a escrita vem depois do Estudo XIII e dos dois primeiros refeitos: este estudo herda todas as decisões do fundador, de 17 de outubro a 3 de novembro de 2026, e a letra dos Estudos VII a XIII e I e II, e trata a Ficha de outubro como ponto de partida a testar, não como autoridade. O que a conferência das fontes confirmou, confirma-se com a letra; o que corrigiu, corrige-se e registra-se (4.13 e 6.1), e a Ficha vale até o fundador dizer outra coisa.

Dois registros da série entram aqui como material. O Estudo I ofereceu à Ficha IV a disputa de família sobre o eu: o Buda manda ver cada agregado como “isto não é meu” e se cala diante da pergunta direta pelo eu; o Vedanta afirma o *ātman*; este estudo mede o eco pelo lado do Vedanta (3.12, 5.8). E a decisão n.º 6 de 3 de novembro de 2026 sobre o Estudo I estendeu ao Oriente as fronteiras da série: “nenhuma pessoa está fora da Lux” diz-se também diante do renascimento, do *kamma* e da desigualdade, e “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” entra como fronteira “para as casas que virão”. Diante do Vedanta a desigualdade tem nome próprio, a casta, e o estudo a diz com a letra (2.12, 4.11).

A tese de partida, que o estudo testou: o Vedanta e o cânon partilham a estrutura da luz interior — dada, encoberta, revelada e não produzida, testemunha serena do que passa (esta última parte da tese é a pergunta (cn) de 7.3) — e divergem na resposta. Para Śaṅkara, a luz é o absoluto e a pessoa se dissolve na identidade: “tu és isso” (*Chāndogya Upaniṣad*, VI.8.7; ver 2.4); Rāmānuja e Madhva [tese a confirmar] a guardam distinta (ver 4.1). O cânon deixa a origem sem nome e mantém a pessoa: “pessoal, nunca individual” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”); “a Lux é de alguém” (decisão n.º 3 de 3 de novembro de 2026 sobre o Estudo I). O estudo não faz do *ātman*, do *Brahman*, do *sākṣin*, da *cit*, do *jyotis* nem do *tat tvam asi* um nome da Luz, como a série não fez do Bem, do intelecto, da luz imutável, da pluralidade, da mente luminosa, do *logos* nem da centelha; registra a estrutura comum e marca a fronteira — e pergunta ao fundador se o tratamento que a série deu ao *logos* e à mente luminosa, estrutura e nunca nome, se estende a estes nomes [hipótese do estudo].

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: o Vedanta entra no Lumen Fluens pela estrutura e encontra cinco fronteiras, das quais três se dizem aqui, a do nome, a da pessoa e a do rio; a do corpo e a da casta e do *karma* ficam para 6.4 e 6.1.

Entra pela estrutura, porque o conhecimento, em Śaṅkara, não produz o Si: “assim que surge o conhecimento discriminativo, diz-se que ela realizou a sua verdadeira natureza, embora na realidade já a tivesse realizado antes” (Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19; ver 3.3) [V-en: Thibaut; tradução do estudo] — e o cânon diz que a luz “já está lá,

atemporal, esperando ser revelada” (Meditações Práticas, “O Acender da manhã”); porque a face da verdade coberta por um disco de ouro (*Īśā Upaniṣad*, 15; ver 3.2) e a luz encoberta pelo medo, pelo hábito e pela adaptação às expectativas alheias (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”) são a mesma figura [leitura do estudo]; porque “Que o seu interesse esteja só na ação, nunca nos frutos” (*Bhagavad Gītā*, II.47; ver 2.7) [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo] e o Portar, que leva a mudança “como mensagem” (Catecismo, 14), separam do mesmo modo o que se faz do que se recebe (3.4) [leitura do estudo]; e porque o pássaro que olha sem comer e quem “revisita o rio percorrido no dia” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”) têm o mesmo recuo (3.5) [hipótese do estudo].

Encontra a fronteira do nome, porque o Si de Śaṅkara é o *Brahman*, o *jīva* de Rāmānuja é corpo de Deus e a Lux é de alguém sem origem dita (4.1, 4.2). Encontra a fronteira da pessoa, porque, onde tudo se tornou o Si, Yājñavalkya pergunta: “quem haveria para ver, e por meio de quê?” (*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, II.4.14; ver 4.3) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo], enquanto as Águas Comuns são comuns porque há outros reais: “ninguém navega um rio privado” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”); e porque “abrir-se não é diluir-se” (Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve”). E encontra a fronteira do rio, porque o *saṃsāra* é ciclo de que se sai e o Flumen é “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações” (Cânon v1.2, “Origem”) em que se fica e se deixa luz; porque o renunciante, na lei de Manu, sai do rio e a margem do cânon “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; 4.5, 4.6) [leitura do estudo].

Quatro correções à Ficha de outubro saem dessa resposta, e o estudo as diz como correção, sem ironia (4.13, 6.1). “O eu atemporal” não é letra — mas “atemporal” é: o cânon diz que “cada pessoa carrega uma luz interior atemporal” (Cânon v1.2, “Origem”); a Ficha trocou o sujeito, e a troca importa diante de uma casa em que o *ātman* é o eu; a Ficha reescrita diz “a luz interior atemporal”.

“No *advaita*” é só Śaṅkara: o Vedanta tem três escolas, e Rāmānuja afirma a pessoa eterna e distinta, e Madhva, por Cowell e Gough, as almas eternamente distintas [tese a confirmar] — “a distinção das várias almas individuais e a corrente de suas obras são eternas” (Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, II.3.18–20; ver 2.2) [V-en: Thibaut; tradução do estudo] —, de modo que a fronteira muda de forma e não desaparece. “Única” não é letra: a letra é “cada luz é singular” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”) e “irredutível”, dito da pessoa. E “véu” não é de Śaṅkara: é a imagem do tradutor Thibaut, e a tradição lê que Śaṅkara quase não usa *māyā*; a fronteira do rio diz-se pela letra, sem “véu” e sem “margens”, que no cânon são lugar de retiro dentro do rio, não limite da história.

Um achado vem primeiro. A numeração da Ficha, “*Katha Up.* II.18-19”, é a de uma edição que conta as seções em sequência; a corrente é I.2.18–19, e o estudo a usa,

declarando as duas (2.3). E o verso diz mais do que a Ficha: “o sábio — ele não nasce, não morre; não veio de lugar algum; não se tornou ninguém. Ele é não nascido e eterno, primevo e perene” (*Kaṭha Upaniṣad*, I.2.18; ver 2.6) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. O cânon não diz “eterna” nem “imortal” da Lux — fora da Antífona, que não é tratada neste estudo —; diz “atemporal” e “intrínseca” (4.12). A diferença entre o que não nasce nem morre e o que é atemporal é a diferença entre uma tese sobre a natureza do eu e uma afirmação sobre o seu valor, e o cânon só tem a segunda [leitura do estudo].

O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la, uma fórmula: **o Lumen Fluens aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução** (7.2). Aceita a descoberta como estrutura, não como palavra da letra védica: “a dignidade não é conquistada, é descoberta” (Tratado da Luz Interior, “Definição”), e o Vedanta é a casa que mais letra tem para isso — o conhecimento revela o que já era. Recusa a dissolução como condição: que o que a pessoa é, ou vale, dependa de se desfazer — a pessoa como superposição a remover —, e não a unidade nem o *Brahman*, que ficam com o Vedanta; o nome fica fora da fórmula. A fórmula vale diante do *advaita* de Śaṅkara; diante de Rāmānuja e de Madhva [tese a confirmar], que mantêm a pessoa, a fronteira muda de forma — origem nomeada × origem em aberto —, e o estudo o diz na mesma frase.

O estudo pesou outras letras e as deixou de lado (4.13): “aceita o Si como luz e recusa o Si como Todo”, porque “Si” é nome védico e “Todo” colide com a ordem do todo (decisão n.º 7 de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XII); “aceita a testemunha e recusa a identidade”, porque “testemunha” é do Vedanta e “identidade” colide com os pilares da identidade e com a leitura *idem* de Ricoeur; “aceita a luz que se revela e recusa a dissolução da pessoa”, porque aceitar “a luz” na voz do Vedanta é aceitar o *jyotis*, e “da pessoa” afirma tese sobre o eu, que o cânon não tem; e “recusa a identidade”, sozinha, pelas mesmas razões. Fica a reserva “aceita a testemunha, como leitura, e recusa a dissolução”, se o fundador quiser a imagem védica. A escolha é a pergunta (ci) de 7.3 [leitura do estudo].

### 1.1 Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. O Vedanta diz o que está nos textos, citado e localizado: as Upaniṣads por nome, livro, seção e verso, com a numeração declarada e a tradução nomeada; a *Bhagavad Gītā* por capítulo e verso; Śaṅkara, Rāmānuja e Madhva por obra e seção. “O Vedanta diz” só se escreve onde as três escolas concordam; onde divergem, o nome do mestre. A tradição lê o que um intérprete nomeado faz do texto: Olivelle nas introduções e notas, Radhakrishnan, Hume, Thibaut, Mayeda, Hacker por quem o cita, Halbfass, Deutsch, Rambachan, Lipner, Cowell e Gough para Madhva, Schopenhauer, Deussen, Otto, Hegel pelo Estudo VII, e Vivekananda, Ramana, Aurobindo, Gandhi e Ambedkar como vozes da Índia moderna.

O cânon responde com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, a margem, Regra da Misericórdia, Acender, Portar, Examinar, Revisão do rio, sabbath do fluxo. As Fichas dos Estudos I a VII são apontamentos do fundador, não cânon, e se citam como tais; os Estudos VII a XIII e I e II entram como leitura anterior e se citam pelas seções. O budismo foi o Estudo I: a disputa de família cita-se por ele e não se refaz (5.8).

O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta. Chama-se aqui homônimo à palavra que o cânon e o Vedanta escrevem igual e entendem de modo diferente; o capítulo 2 traz dois deles (2.9), e cada capítulo avisa quando um aparece.

As citações trazem marcadores de verificação, e este estudo tem limites que convém declarar na primeira página. O sânscrito das Upaniṣads e da *Gītā* foi conferido no texto do GRETIL, salvo o da *Muṇḍaka* e o da *Kena*, que vêm de sanskritdocuments.org, e é dele que vem o marcador [V-skt]; a *Bṛhadāraṇyaka* segue a recensão Kāṇva, que é a de Olivelle; a *Kaṭha* numera-se I.2.18, e Olivelle, 2.18. As traduções inglesas foram vistas: Olivelle (1998), que é a referência das Upaniṣads, com as páginas lidas de uma cópia digitalizada e marcadas onde faltou conferir; Radhakrishnan, Hume e Max Müller para as variantes; Edgerton para a *Gītā*; Thibaut (*Sacred Books of the East*, 34, 38 e 48) para Śaṅkara e Rāmānuja, e Mayeda para o *Upadeśasāhasrī*, os dois em reconhecimento óptico corrigido à mão, com as páginas lidas dos cabeçalhos. O sânscrito dos comentários não foi conferido: os *sūtra* estão no GRETIL, as glosas não.

Nenhuma tradução portuguesa foi tomada como texto — nem as Upaniṣads de Gloria Arieira, nem a *Gītā* de Rogério Duarte ou de Huberto Rohden, nem Schopenhauer por Jair Barboza —; a *Gītā* do Instituto Gita Society Brasil foi aberta só como amostra do português corrente (2.5), e o português do Vedanta é tradução do estudo, salvo o que vem por intermediário nomeado. Hacker chega por quem o cita, e a frase sobre a *māyā* em Śaṅkara é de Eltschinger, numa lista de discussão, citada por Uskokov e Buescher; Madhva chega só pela exposição de Cowell e Gough, e a letra dele sobre a natureza das almas não foi achada — tudo o que o estudo diz de Madhva é [tese a confirmar]; a passagem de Śaṅkara sobre o *śūdra* e o estudo do *Veda* (*Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.34–38) não foi lida e não se cita; os *ālvār* ficaram sem letra. As datas de Śaṅkara (c. 700–750, ou 788–820), de Rāmānuja e de Madhva seguem a tradição corrente, com as divergências ditas (2.1).

Quatro leituras em disputa ficam ditas, sem decidir: em *Bṛhadāraṇyaka* IV.3.1, o GRETIL e Olivelle divergem no que Yājñavalkya decide (falar ou não falar); em IV.3.6–7, Olivelle verte *jyotis* por “fonte de luz” e lê a cena como preâmbulo ao sono e ao sonho, e Hume, Müller e Radhakrishnan traduzem “luz”; em *Kaṭha* I.2.23, *vṛṇute* (“só o homem que

ele escolhe”) e *vivṛṇute* (“revela a sua própria pessoa”) são duas leituras com dois sentidos; em *Chāndogya* VI.8.7, “tu és isso”, “é assim que és” e as leituras de Rāmānuja e de Madhva divergem no que a frase afirma (2.4). *Bhagavad Gītā* IX.32 diz *pāpayonayaḥ*, “de origem baixa”, que o verso estende a “mulheres, *vaiśya*, *śūdra*”, e a tradução se registra (2.12).

Por isso [V-skt] indica que a passagem foi conferida no sânscrito; [V-en: tradutor], na tradução inglesa nomeada; [V-pt via secundária: autor], que o português vem por intermediário nomeado; [V via secundária: autor], que a passagem foi lida dentro de outro texto; [V-pt: autor], que o português foi visto na edição nomeada. [tradução do estudo] diz que o português é do estudo, com o original nas Fontes. [paráfrase] diz que há a tese sem a letra. [tese a confirmar], [localização a confirmar] e [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e [atribuição a confirmar] diz que a frase circula, mas o estudo não achou a passagem: “o que pensas, tornas-te” não tem essa letra em *Bṛhadāraṇyaka* IV.4.5; “*namaste*: a luz em mim saúda a luz em ti” é folclore ocidental. O estudo prefere uma lacuna marcada a uma citação falsa. Dentro das aspas fica a grafia da edição; fora delas, o português do Brasil.

Cuidados de vocabulário, os homônimos de que o estudo se guarda (dois em 2.9), que cada capítulo repete onde trabalha. “Luz” é, no Vedanta, o *jyotis* do Si, que é *Brahman*; no cânon, a Lux de cada um, que fica sem nome. “Si”, “eu”, “pessoa” e “indivíduo”: o Vedanta recusa o *ahaṃkāra*, o ego, e o cânon recusa o indivíduo fechado — “pessoal, nunca individual” — sem dissolver a pessoa; a fronteira passa aqui. “Margem” é, no cânon, lugar de retiro dentro do rio; a Ficha IV a usava como limite da história, e o Estudo I já marcou o terceiro sentido. “Rio” é o Flumen e é o *saṃsāra*, dois rios. “Revelar” é, no cânon, o que a luz faz; no Vedanta, a *śruti*, “o que foi ouvido”, é texto revelado. “Mestre” é o *guru*; o mestre interior de Agostinho fica como herança nomeada (decisão n.º 3 de 31 de outubro de 2026 sobre o Estudo XII), e o cânon não tem mestre. “Testemunha” é o *sākṣin*; o cânon não usa a palavra.

“Estação” é, na Regra de Vida, a do ano; o *āśrama* é a da vida. “Renúncia” é o *saṃnyāsa*; o cânon não a tem. “Ação” e “fruto” são da *Gītā*; “portar” é do cânon. “Dever” é o *svadharma*, dado pelo nascimento; a vocação da Mutatio não. “Ignorância” é *avidyā*, metafísica; o encobrimento do cânon é do dia. “Véu” é de Thibaut. “Eterno” e “imortal” são do Si; o cânon diz “atemporal” da luz interior e “eterno” só na Antífona, em “O eterno dança no tempo” (letra da Origem, que não nomeia a Luz) e, nas palavras de Buber que o Tratado das Águas Comuns cita como material confessional, “o Tu eterno”. “Libertação” é *mokṣa*; o cânon não a tem. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

Quando um capítulo diz que o Vedanta não trata de algo, a afirmação vale só para os textos que o estudo leu. Quando diz que a letra do cânon não traz uma palavra, vale com a extensão que o estudo conferiu, por contagem repetida sobre o Cânon v1.2, os Tratados, a

Disputatio, o Catecismo e as Meditações Práticas: “Si”, “testemunha”, “ignorância”, “véu”, “renúncia”, “libertação”, “ciclo”, “renascimento”, “casta”, “imortal”, “única” dita da luz interior de cada pessoa (a “Definição” do Tratado da Luz Interior usa “a única” só da imagem da luz sensível) e “eterna” dita da Lux fora da Antífona não ocorrem nessa letra; “atemporal” ocorre, dito da luz interior, no Cânon, no Catecismo e nas Meditações Práticas; “margem” ocorre vinte e quatro vezes, sempre como posição dentro do rio.

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. O Vedanta é exposto primeiro em sua melhor forma, pelos textos e pelas escolas, na ordem do pensamento (capítulo 2), e o que ele deixa — a casta, a teodiceia do *karma*, a dissolução da pessoa no *advaita*, a autoridade da revelação — é dito com clareza no mesmo capítulo, sem desculpa de época e sem anacronismo acusatório, com a tradição que o disputou ao lado; a história da tradição não é a doutrina, e a *Gītā* é um texto de guerra. Só depois se procura onde o cânon já anda ao seu lado (capítulo 3), e onde se separa dele (capítulo 4). O capítulo 4 numera as perguntas, de (ci) a (cr), e o capítulo 7 as reúne; as letras seguem às do Estudo III, escrito em paralelo, que vão de (by) a (ch).

O capítulo 5 pergunta o que cada casa que a série já visitou disse do Vedanta ou da Índia: Hegel, que lê Brahma como “substância sem determinação”, e a tradição que o corrige; Schopenhauer, o leitor que ligou o Vedanta e o budismo; Levinas, que nega a genealogia, e Ricoeur, que não a visitou; Platão, por vizinhança de palavra; Aristóteles, pelo motor imóvel que o Estudo XI aproximou do *Brahman* sem intérprete; Agostinho e Arendt, em quem não há Índia; a Stoa, pelo Si e pelo *logos*; o budismo, pela disputa de família medida do lado do Vedanta; e as três casas que o capítulo só aponta: o cristianismo, em paralelo, o existencialismo e o taoísmo. Dele sai um padrão (5.10).

O capítulo 6 mede a Ficha de outubro frase a frase, recolhe a disputa de família que o Estudo I ofereceu, relê as seções em que os Estudos VII a XIII e I e II falaram do Vedanta e propõe ao fundador uma Ficha reescrita, com cinco toques e cinco fronteiras, e “a luz interior atemporal” no lugar de “o eu atemporal” (6.4). O capítulo 7 reúne a síntese, a fórmula, as questões abertas numa só lista, o que o Vedanta oferece ao Examinar, ao Portar, às Fichas e ao Estudo I, e a lamparina. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23 de outubro sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), de 31 de outubro sobre o Estudo XI (n.º 1 a 11), sobre o Estudo XII (n.º 1 a 11) e sobre o Estudo XIII (n.º 1 a 12), e de 3 de novembro sobre o Estudo I (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo II (n.º 1 a 12) valem como palavra dele e não são reabertas; as listas de dias com mais de um estudo vão sempre com o nome do estudo. Nenhuma delas nomeia o Vedanta; uma, a n.º 6 de 3 de novembro sobre o Estudo I, alcança o Oriente, e já se disse qual.

Quando o estudo relaciona ao Vedanta as demais decisões, pergunta se a leitura vale, e marca. Toda extensão de decisão ao Vedanta vem como [hipótese do estudo]. As relacionadas são estas: a luz dada antes de qualquer relação (n.º 3 de 17 de outubro), a dívida e não a eleição (n.º 1 de 19 de outubro), a fonte que “continua sem nome no cânon” e os graus “de visão, nunca de valor” (n.º 3 e n.º 2 de 23 de outubro sobre o Estudo X), o veto sem voz externa e “só templo” (n.º 7 e n.º 6 de 23 de outubro sobre o Estudo X).

E ainda: o intelecto “como a luz” que é estrutura (n.º 9 de 31 de outubro sobre o Estudo XI), o mestre interior como herança nomeada e a ordem do todo que “o cânon não adota nem recusa” (n.º 3 e n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII), “de onde vem o começo fica sem dizer” (n.º 2 de 31 de outubro sobre o Estudo XIII), a margem dentro do rio e “a Lux é de alguém” (n.º 4 e n.º 3 de 3 de novembro sobre o Estudo I), o retiro em si ao lado da margem e “o cânon não diz que a noite é prova” (n.º 5 e n.º 7 de 3 de novembro sobre o Estudo II).

### 1.2 O que a Ficha dizia e o que a série já disse

A Ficha de outubro está em 6.1, frase a frase, com o veredito de cada uma: das quatro, nenhuma é letra inteira; “atemporal” e “revelar, não fabricar” têm letra, “o eu atemporal”, “ignorância”, “sempre esteve lá”, “única”, “identidade”, “véu”, “margens” e “história real” são da Ficha ou do tradutor. O que a série já disse do Vedanta está em 6.3 — o Estudo VII, 4.4; o VIII, 4.6; o IX, 4.2 e 4.2; o X, 3.2; o XI, 5.8; o XII, 5.8; o XIII, 5.9; o II, 5.8; o I, 5.8 e 6 (ver 6.2) — e o capítulo 5 o retoma casa a casa. A Ficha reescrita está em 6.4, como proposta.

### 1.3 Decisões do fundador (versão 1.1, 4 de novembro de 2026)

O fundador leu a versão 1.0 e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das de 17 de outubro (Estudo VII), das de 19 de outubro (Estudo VIII), das de 23 de outubro sobre os Estudos IX e X, das de 31 de outubro sobre os Estudos XI, XII e XIII, das de 3 de novembro sobre os Estudos I e II, e das de 4 de novembro sobre o Estudo III, tomadas no mesmo dia; as listas de 4 de novembro vão sempre com o nome do estudo: as desta lista são citadas como “decisão n.º N de 4 de novembro sobre o Estudo IV”. Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou, e substituem a Ficha de outubro pela Ficha reescrita. No corpo, cada questão decidida leva a marca “[Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º N): …]”.

1. **A fórmula** está adotada: o Lumen Fluens aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução. A descoberta entra como estrutura — “a dignidade não é conquistada, é descoberta”; o conhecimento revela o que já era —, não como palavra da letra védica; a dissolução recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa

de se desfazer — não a unidade nem o *Brahman*, que ficam com o Vedanta; o nome fica fora da fórmula. Vale diante do *advaita* de Śaṅkara; diante de Rāmānuja e Madhva, que mantêm a pessoa, a fronteira muda de forma — origem nomeada × origem em aberto. A reserva (“aceita a testemunha, como leitura, e recusa a dissolução”) não foi adotada.

2. **“O Si é a sua luz” lê-se ao lado de “a luz não se acende — ela se revela”** (questão (cj)): como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a luz do Si é *Brahman*; a Lux é de alguém. **O *ātman*, o *Brahman*, o *sākṣin*, a *cit* e o *tat tvam asi* recebem o tratamento que a série deu ao *logos* e à mente luminosa: estrutura, nunca nome da Luz** (decisões n.º 4 de 3 de novembro sobre o Estudo II e n.º 3 de 3 de novembro sobre o Estudo I); a Lux segue sem nome e de alguém.
3. **As três escolas** (questão (ck)): a Ficha reescrita diz “no *advaita* de Śaṅkara” e registra que Rāmānuja afirma a pessoa distinta e eterna, dentro de Deus nomeado, e que Madhva, segundo um doxógrafo, afirma almas eternamente distintas; a fronteira muda de forma e não desaparece.
4. **A *māyā* sai da Ficha como “véu”; “margens” sai** (questão (cl)): “véu” é imagem do tradutor Thibaut, não de Śaṅkara; entra a fronteira pela letra — o *saṃsāra* é ciclo de que se sai, o Flumen é o fluxo em que se fica e se deixa luz —; “margens” sai por homônimo com a margem do cânon, que é dentro do rio (decisão n.º 4 de 3 de novembro sobre o Estudo I).
5. **“Só na ação, nunca nos frutos” lê-se ao lado do Portar** (questão (cm)): como leitura, com a fronteira da direção — desapego do fruto × mensagem que a mudança traz —, como o Estudo II leu “o que depende de nós”.
6. **A testemunha lê-se ao lado do Examinar** (questão (cn)): como leitura, com a fronteira “quem sou eu?” × “onde minha luz ficou escondida hoje?”; a Ficha reescrita a registra.
7. **O *saṃnyāsa*, a margem e o corpo** (questão (co)): a Ficha reescrita registra a fronteira do renunciante que sai do rio × a margem que devolve ao rio, par do retiro estoico (decisão n.º 5 de 3 de novembro sobre o Estudo II); e “sem corpo” × “a transcendência passa pela matéria; o corpo, o lugar, o ritmo […] são seu instrumento” entra como fronteira do Corpus.
8. **A casta e o *karma*** (questão (cp)): a Ficha IV recebe as frases da série — “nenhuma pessoa está fora da Lux”; “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” (decisão n.º 6 de 3 de novembro sobre o Estudo I) — com letra própria do Vedanta (*Chāndogya* V.10.7; *Gītā* IX.32; a teodiceia do *karma* em Śaṅkara), com a tradição que disputou a casta registrada (Kabīr, Gandhi, Ambedkar) e a que a defendeu (Radhakrishnan); Madhva entra na mesma fronteira se a letra confirmar.

9. **O *guru*, a *śruti* e a Bússola** (questão (cq)): a Ficha reescrita registra a fronteira — o cânon não tem mestre nem texto revelado; a Bússola “apenas veta”, e o veto é a própria Luz (decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X) —; o *vṛṇute* de *Kaṭha* I.2.23 fica como nota ao lado da eleição recusada (decisão n.º 1 de 19 de outubro).
10. **A Ficha reescrita está aprovada** (questão (cr)): como proposta em 6.4, com a disputa de família do Estudo I incorporada, “a luz interior atemporal” no lugar de “o eu atemporal”, e com os acréscimos das n.º 9 e 11 — cinco toques e sete fronteiras; saem “ignorância”, “sempre esteve lá”, “única”, “participação”, “véu”, “margens” e “história real”; substitui a Ficha de outubro na Biblioteca do site.
11. **O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao Vedanta** (questão (k)): a casta e a mulher (*Gītā* IX.32; Manu V.148) registram-se na Ficha reescrita como fronteira, com quem as disputou; (k) segue aberta até o estudo de Marx para o mal estrutural.
12. **Registros adotados**: a *ahiṃsā* e o dique de *Chāndogya* VIII.4.1 entram como matéria do tratado da justiça ((g) segue aberta até o tratado); o silêncio do Vedanta sobre Moriá fica registrado ((j)); “atemporal” é letra do cânon, dita da luz interior, e “eterna” e “imortal” não se dizem da Lux — fora da Antífona, que não é tratada. **Publicação** como o Estudo II: integral, resumo trilíngue e nota de decisões; a Ficha reescrita vai à Biblioteca do site nas três línguas.

# 2 O VEDANTA EM SUA MELHOR FORMA

## 2.1 O percurso em vinte linhas

O Vedanta é uma tradição de textos, comentários e mestres que dura cerca de três mil anos, e não a obra de um autor. Esta seção põe os marcos, com as divergências de data.

*Vedānta* quer dizer, pela etimologia corrente, “o fim do Veda”: as Upaniṣads nascem como a parte final dos corpos de textos védicos [tese a confirmar]. Os hinos do *Ṛgveda* costumam ser datados de c. 1500–1000 a.C., e os Brâhmaṇas (tratados do rito) e os Āraṇyakas (textos da floresta) de c. 1000–500 a.C. [data a confirmar]. As duas Upaniṣads em prosa mais antigas, a *Bṛhadāraṇyaka* e a *Chāndogya*, são pré-budistas, dos séculos VII–VI a.C., com um século de margem; Olivelle diz que essa datação é “tão estável quanto um castelo de cartas” e anota que, se a data do Buda descer um século, a delas desce junto (*The Early Upaniṣads*, “As Upaniṣads antigas”, Introdução) [V-en: Olivelle; tradução do estudo].

Seguem-se a *Taittirīya*, a *Aitareya* e a *Kauṣītaki* (séculos VI–V a.C.); as Upaniṣads em verso nos últimos séculos antes da era comum, a *Kena* a mais antiga, depois a *Kaṭha*, a *Īśā*, a *Śvetāśvatara* e a *Muṇḍaka*; e, não muito antes do início da era comum, a *Praśna* e a *Māṇḍūkya* (mesma Introdução) [V-en: Olivelle; paráfrase].

A *Bhagavad Gītā* foi composta, diz Edgerton, “provavelmente antes do início da nossa era, mas não mais que poucos séculos antes” (*The Bhagavad Gītā*) [V-en: Edgerton; tradução do estudo]; a faixa corrente, de c. 200 a.C. a 200 d.C., é mais larga, e as duas ficam registradas. Os *Brahmasūtra* de Bādarāyaṇa, a súmula que as escolas comentam, são de c. 400–450 d.C.; Gauḍapāda, autor da *kārikā* (comentário em versos) à *Māṇḍūkya*, de c. 600; Śaṅkara, de c. 700–750 segundo os estudiosos modernos ou de 788–820 segundo a data tradicional, uma diferença de quarenta a oitenta anos que o estudo não decide; Rāmānuja, de c. 1017–1137; Madhva, de 1238–1317 [data a confirmar].

Ao lado deles corre a *bhakti* (a devoção): Nammāḻvār, dos *ālvār*, poetas de língua tâmil, entre os séculos IX e X, data disputada, e Kabīr, no século XV, voz da devoção que disputou a casta, fora das três escolas. O Vedanta moderno vai ao Ocidente com Vivekananda (1863–1902); Ramana Maharshi (1879–1950) e Radhakrishnan (1888–1975) são vozes que a tradição lê; e Ambedkar (1891–1956) é a voz mais radical da tradição que o contesta [data a confirmar].

Dos marcos passa-se às três escolas que os comentam (2.2).

## 2.2 As três escolas, sem escolher

O Vedanta é um nome para três respostas à pergunta sobre o *Brahman* e os *jīva* (as almas individuais): só se escreve “o Vedanta diz” onde as três concordam.

As três comentam os mesmos *Brahmasūtra*, as sentenças breves de Bādarāyaṇa, que o estudo cita pela numeração de Thibaut (o GRETIL às vezes difere em um número; a de Rāmānuja nem sempre é a de Śaṅkara) [paráfrase; localização a confirmar]. O primeiro aforismo abre o Vedanta como investigação, e não como doutrina dada: "Então, portanto, a investigação do *Brahman*" (*Brahmasūtra*, I.1.1) [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo].

Śaṅkara funda o *advaita*, o "não-dualismo": em verdade o *jīva* é *Brahman*, e "o próprio conhecimento errado é removido pelo conhecimento de que o Si de cada um é uno com o Si de *Brahman*" (Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.4) [V-en: Thibaut; tradução do estudo].

Rāmānuja funda o *viśiṣṭādvaita*, o "não-dualismo qualificado": *Brahman* tem as almas por corpo (ver 2.4), e cada alma é real, "essencialmente um conhecedor", "de tamanho atômico", e "a distinção das várias almas individuais e a corrente de suas obras são eternas" (Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, II.3.18–20) [V-en: Thibaut; tradução do estudo].

Madhva funda o *dvaita*, o "dualismo": a escola afirma cinco diferenças — entre a alma e o Senhor, entre a matéria e o Senhor, entre as almas, entre a matéria e a alma, entre as coisas materiais —, e diz do mundo assim dividido que "isto mesmo é real e desde toda a eternidade; se tivesse tido começo, teria fim" (Cowell e Gough, *The Sarva-Darśana-Saṅgraha*, cap. V) [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar]. A exposição é a de um doxógrafo *advaita* (autor de um resumo das escolas), e não a letra de Madhva.

Nimbārka (*dvaitādvaita*, "dualismo e não-dualismo"), Vallabha (*śuddhādvaita*, "não-dualismo puro") e Caitanya (*acintya-bhedābheda*, "diferença e não-diferença inconcebíveis") o estudo só nomeia [tese a confirmar]. O estudo expõe as três e não escolhe: cada uma diz que as outras leem mal o *Brahman*, e cada uma tem os textos nas mãos. "O Vedanta" sem nome é sempre porque as três concordam, o que acontece menos do que se supõe.

Das escolas passa-se aos dois termos que elas disputam (2.3).

### 2.3 O *Brahman* e o *ātman*

Dois termos sustentam o Vedanta: *Brahman*, o que sustenta o mundo, e *ātman*, o que há de mais interior em cada um; as escolas disputam se são dois.

*Brahman* é, no segundo aforismo, aquilo "de que procedem a origem, a subsistência e a dissolução deste mundo" (*Brahmasūtra*, I.1.2) [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo]. As Upaniṣads o dizem de outros modos — *prajñānaṃ brahma*, "*brahman* é conhecer" (*Aitareya Upaniṣad*, III.3) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]; "No início havia a existência, apenas Um, sem segundo" (*Chāndogya Upaniṣad*, VI.2.1) [V-skt; V-pt via secundária: Loundo] — e por negação: "sobre este Si (*ātman*) só se pode dizer 'não—, não—'" (*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, III.9.26), o *neti neti* [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo].

*Ātman* já foi vertido por “Alma, Ser, Eu, Ego, Espírito, Princípio de Vida”, e o sentido varia com o contexto (Botelho, *Estudos Orientais* 5) [V-pt: Botelho]; o estudo o deixa sem tradução fixa e escreve “o Si”, com maiúscula, só na voz do Vedanta.

A definição mais nítida está numa cena. O rei Janaka pergunta a Yājñavalkya: *kiṃjyotir ayaṃ puruṣaḥ*, “qual é a fonte de luz para uma pessoa aqui?”. O sol, responde ele; depois a lua, o fogo, a voz; de cada um se diz que é pela luz dele que a pessoa se senta, anda, trabalha e volta. Janaka insiste: quando o sol e a lua se puseram, o fogo morreu e a voz calou, qual é então a fonte de luz? “O Si (*ātman*) é então a sua fonte de luz. É pela luz do Si que a pessoa se senta, anda, faz o seu trabalho e volta” (*Bṛhadāraṇyaka*, IV.3.2–6, versão (recensão) Kāṇva, na tradução de Olivelle) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo].

Olivelle verte *jyotis* por “fonte de luz” e anota que a passagem prepara os estados de sono e sonho; Hume, Müller e Radhakrishnan traduzem “luz”. A cena é, pois, a do homem que, apagadas as luzes de fora, ainda age por uma luz que lhe é própria, ao dormir e sonhar. Qual Si?, pergunta o rei, e a resposta nomeia: “É esta pessoa — a que consiste de percepção entre as funções vitais (*prāṇa*), a luz interior no coração” (IV.3.7) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. A abertura da cena tem leitura em disputa: *sam enena vadiṣya*, “conversarei com ele” (GRETIL), ou *sa mene na vadiṣye*, “pensou: não direi” (Olivelle, seguindo Śaṅkara) (IV.3.1) [V-skt].

O mesmo Si é maior e menor que tudo: “mais sutil que o mais sutil, maior que o maior, é o Si que jaz aqui escondido no coração de um ser vivo” (*Kaṭha Upaniṣad*, I.2.20) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]; é a *guhā*, a caverna do coração. A *Kaṭha* é citada por *adhyāya*, *vallī* e verso; Olivelle e o GRETIL numeram por *vallī* contínua (3.20), e a Ficha de outubro escreve “II.18–19” nessa forma.

A *Muṇḍaka* dá o Si como testemunha: “dois pássaros, companheiros e amigos, pousam na mesma árvore; um deles come um figo saboroso; o outro, sem comer, olha” (*Muṇḍaka Upaniṣad*, 3.1.1) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. Daí o *sākṣin*, a “testemunha” [tese a confirmar]: o Si interior “é, em verdade, a testemunha de todas as modificações do órgão interno” (Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, introdução). Thibaut diz que o sujeito é o Si universal “cuja natureza é inteligência (*cit*)” [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. Ramana resume o resíduo da investigação em *sat-cit-ānanda*, “existência, consciência, bem-aventurança” (*Quem sou eu?*, *Nān Yār?*, Q3) [V-en: Sri Ramanasramam; tradução do estudo].

*Ātman*, *Brahman*, *cit*, *jyotis*, *sākṣin* e *ānanda* são os nomes que o Vedanta dá ao que afirma, e o estudo os expõe na voz de quem os usa. A Independência confessional dá à Luz dois exemplos de nome, o de Deus “para o cristão” e “a consciência mais funda, o verdadeiro em si” (locução, e não o Si), e nenhum do Vedanta (Cânon v1.2, “Independência confessional”) [leitura do estudo]. O estudo propõe tratar esses nomes como a decisão n.º 4

de 03/11/2026 sobre o Estudo II tratou o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus*, e a n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I, a mente luminosa e a natureza de Buda: estrutura, nunca nome da Luz [hipótese do estudo]. O estudo pergunta ao fundador se esse tratamento vale aqui (ver 7.3, questão (cj)).

Dos nomes do Si passa-se às sentenças que o dizem uno com o *Brahman* (2.4).

### 2.4 Os *mahāvākya*

As “grandes sentenças” (*mahāvākya*) são quatro fórmulas que a tradição escolheu nas Upaniṣads para dizer o que o *ātman* é; a lista é posterior às Upaniṣads [leitura do estudo].

*Ahaṃ brahmāsmi*, “eu sou *brahman*”, nasce numa narrativa da origem do mundo, antes de ser fórmula de prática: *brahman* era no princípio e, “pensando: ‘Eu sou *brahman*’”, “em consequência tornou-se o Todo” (*Bṛhadāraṇyaka*, I.4.10) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. *Ayam ātmā brahma*, “este Si é *brahman*”, está em “este *brahman* não tem antes nem depois, nem dentro nem fora; *brahman* é este Si (*ātman*) aqui, que percebe tudo” (II.5.19) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo], e na *Māṇḍūkya Upaniṣad*, 2, onde o Si tem “quatro quartos” — vigília, sonho, sono profundo e o quarto, *turīya* [V-skt; tradução do estudo]; *prajñānaṃ brahma* já foi dita (2.3).

*Tat tvam asi*, “tu és isso”, é a mais discutida. Fecha, nove vezes, as lições de Uddālaka ao filho Śvetaketu (*Chāndogya Upaniṣad*, VI.8–16), que começam na argila — “por meio de um só torrão de argila se perceberia tudo o que é feito de argila; a transformação é um apoio verbal, um nome” (VI.1.4) — e chegam ao ponto: “A essência mais fina aqui — isso constitui o si deste mundo todo; isso é o verdadeiro; isso é o Si (*ātman*). E é assim que és, Śvetaketu” (VI.8.7) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. A tradução já é tese. Olivelle, seguindo Brereton (1986), verte “é assim que és” e anota que a frase afirma uma qualidade, não uma identidade; Radhakrishnan traz “That art thou” (*The Principal Upaniṣads*) [V-en: Radhakrishnan], a leitura que a tradição consagrou.

Cada escola a lê à sua maneira. Para Śaṅkara, ela diz a unidade que só a *śruti* faz saber: o fato de que tudo tem seu Si em *Brahman* “não pode ser apreendido sem o auxílio da passagem escriturária ‘Tu és isso’” (Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.4) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. Para Rāmānuja, “nos textos como ‘Tu és isso’, a coordenação das partes não pretende transmitir a ideia da unidade absoluta de uma substância sem diferença: ao contrário, as palavras ‘isso’ e ‘tu’ denotam um *Brahman* distinguido por diferença” (*Śrībhāṣya*, I.1.1), e “tu” diz o *Brahman* “como tendo as almas individuais por corpo” (*Śrībhāṣya*, I.1.1) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. Radhakrishnan registra que Madhva a lê *a-tat tvam asi*, “tu não és isto” [V via secundária: Radhakrishnan; tese a confirmar]. A sentença não tem, portanto, uma leitura vedantina: tem três.

Das sentenças passa-se ao erro que elas desfazem (2.5).

## 2.5 A *avidyā*, o *adhyāsa* e o *jñāna*

O Vedanta diagnostica um erro e propõe um conhecimento que o desfaz. Esta seção diz o que as fontes dão por erro e por conhecimento, na ordem em que Śaṅkara os põe.

A Upaniṣad já separa as duas coisas: “muito distantes e diferentes são estas duas: a ignorância e o que se chama conhecimento” (*Kaṭha Upaniṣad*, I.2.4) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. A *Gītā* lhe dá a imagem do encobrimento: “o conhecimento está encoberto pela ignorância; por isso as criaturas se iludem” (*Bhagavad Gītā*, V.15) [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]. A letra diz *āvṛta*, “coberto”, e Edgerton escreve “obscured”; a versão devocional do Instituto Gita Society Brasil escreve “o véu da ignorância cobre o auto-conhecimento”, e “véu” e “auto-conhecimento” são acréscimos do tradutor [V-pt: IGS Brasil].

Śaṅkara dá ao erro um nome e uma teoria. O *adhyāsa*, a “superposição” (tomar uma coisa por outra), é “a apresentação aparente à consciência, em forma de lembrança, de algo antes observado, em alguma outra coisa”, como a madrepérola que aparece como prata; sujeito e objeto são “opostos um ao outro tanto quanto a escuridão e a luz”, e é “procedimento natural” do homem “não distinguir as duas entidades […], mas superpor a cada uma a natureza e os atributos da outra e, acoplando o Real e o Irreal, dizer ‘Isso sou eu’, ‘Isso é meu’” (Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, introdução) [V-en: Thibaut; tradução do estudo].

Esse erro é a *avidyā*, a “nesciência”, e o discernimento é a *vidyā* [V-en: Thibaut; paráfrase]; dele vem o *saṃsāra*, a existência transmigratória (ver 2.6): “como a causa raiz desta existência transmigratória é a ignorância, deseja-se a sua destruição” (Śaṅkara, *Upadeśasāhasrī*, “Mil ensinamentos”, I.1.5) [V-en: Mayeda; tradução do estudo].

O conhecimento que a desfaz não produz coisa alguma: “só o conhecimento [de *Brahman*] pode destruir a ignorância; a ação não pode, pois [a ação] não é incompatível [com a ignorância]”, e “o conhecimento destrói os fatores da ação como [destrói] a noção de que há água no deserto salgado” (*Upadeśasāhasrī*, I.1.6 e I.1.14) [V-en: Mayeda; tradução do estudo]. É a corda tomada por serpente, que Ramana repete (*Quem sou eu?*, Q5–6) [V-en: Sri Ramanasramam; paráfrase]. Rāmānuja não aceita: não é possível “que a *Brahman*, cuja natureza essencial é conhecimento, livre de toda imperfeição, onisciente, […] pertença a Nesciência” (*Śrībhāṣya*, I.1.1) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. O erro, o conhecimento que o remove e o lugar da nesciência são, portanto, de Śaṅkara.

Do erro e do conhecimento passa-se ao cenário que os sustenta (2.6).

### 2.6 *Karma, saṃsāra* e *mokṣa*

O diagnóstico tem um cenário: a pessoa vive, morre e volta conforme agiu, até o conhecimento a soltar; *karma* é a ação e seu resultado, *saṃsāra*, a passagem de corpo em corpo, *mokṣa*, a libertação.

A doutrina é dita primeiro em segredo, entre dois homens: o que segue o morto é o seu *karma*, e ele se torna bom pelo ato bom, mau pelo ato mau (*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, III.2.13) [V-skt; paráfrase]. Depois: “a pessoa aqui consiste simplesmente de desejo”, e “quando todos eles são banidos, os desejos que espreitam no coração, então um mortal se torna imortal e alcança *brahman* neste mundo” (IV.4.5–7) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. A letra de IV.4.5 é *yathākārī yathācārī tathā bhavati*, “como age, como se comporta, assim se torna”; a frase que circula, “você se torna o que pensa”, não é desta passagem [atribuição a confirmar].

A pergunta pelo depois da morte abre a *Kaṭha*: o menino Naciketas pede a Yama, o senhor dos mortos, que lhe diga se o homem “é” ou “não é” depois de morrer, e Yama lhe oferece riquezas, filhos, cavalos e mulheres, que ele recusa (*Kaṭha Upaniṣad*, I.1.20–29) [V-skt; paráfrase]. A resposta vem em I.2.18: “o sábio — ele não nasce, não morre; não veio de lugar algum; não se tornou ninguém. Ele é não nascido e eterno, primevo e perene. E não é morto quando o corpo é morto” (*Kaṭha*, I.2.18; 3.18 em Olivelle) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo].

O *mokṣa*, para Śaṅkara, não é fruto de ação alguma: a chamada libertação “difere de todos os frutos da ação e é um estado eternamente e essencialmente sem corpo” (Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.4) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]; não se conquista, é o que o *Brahman* já é, conhecido. E quem sabe continua vivo, “como no caso da roda do oleiro”, até que cesse o movimento do que já começou a se mover (IV.1.15) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]; o termo *jīvanmukti*, “libertação em vida”, não vem em Thibaut [tese a confirmar]. Ramana vai ao limite: “não há libertação, e onde estão os libertados?” (*Talks with Sri Ramana Maharshi*, n.º 266) [V-en: Sri Ramanasramam; tradução do estudo].

Do cenário passa-se aos caminhos que levam à libertação (2.7).

### 2.7 Os três caminhos

A tradição fala em três caminhos — conhecimento (*jñāna*), ação (*karma*) e devoção (*bhakti*) —, divisão de manual e não das Upaniṣads [leitura do estudo]; cada escola põe um na frente.

O do conhecimento é o de Śaṅkara, e tem condições: “o discernimento do que é eterno e do que é não eterno; a renúncia a todo desejo de fruir o fruto (das ações) aqui e depois; a aquisição da tranquilidade, do autocontrole e dos outros meios; e o desejo de libertação final” (Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.1) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. O percurso é ouvir, considerar e refletir: “o Si deve ser ouvido, considerado,

refletido” (*Bṛhadāraṇyaka*, II.4.5, citada por Śaṅkara na voz do adversário) [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo]. A lista em quatro e os termos técnicos *śravaṇa*, *manana* e *nididhyāsana* são de manual, e não vêm em Thibaut [tese a confirmar].

O da ação é o da *Gītā*, e a *Gītā* é um texto de guerra. Arjuna, no campo, recusa-se a lutar, e o primeiro argumento de Kṛṣṇa é metafísico: “quem o crê matador, e quem o pensa morto, esses dois não compreendem; ele não mata, não é morto” (*Bhagavad Gītā*, II.19). O verso seguinte repete o da *Kaṭha* (ver 2.6): “não nasce, nem morre jamais […]. Não nascido, eterno, perene, este antigo não é morto quando o corpo é morto” (II.20) [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo].

O segundo argumento é a ação sem o fruto: “Que o seu interesse esteja só na ação, nunca nos frutos; que o fruto da ação não seja o seu motivo, nem o seu apego à inação” (II.47; *karmaṇy evādhikāras te*) [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]. A *Gītā* termina com Arjuna de pé, a dúvida desfeita, dizendo que fará o que Kṛṣṇa disse (XVIII.73) [V-skt; paráfrase]: o fim da dúvida é o começo da batalha.

Śaṅkara lê II.47 como ensino a quem ainda não é apto ao conhecimento — “Você é qualificado só para as obras, não para o caminho do conhecimento” (Śaṅkara, *Comentário à Gītā*, II.47) [V-en: Mahadeva Sastri; tradução do estudo] —, de modo que a ação sem fruto prepara e não é o fim. Gandhi lê a *Gītā* como o “duelo que ia sem cessar nos corações da humanidade” (introdução ao *Anasaktiyoga*) [V-en: Desai; tradução do estudo]; é leitura dele, e a tradição a divide.

O da devoção se apoia em XVIII.66, lido de três modos. A letra: “Abandone todos os (outros) deveres, venha a Mim como único refúgio; de todos os males Eu o resgatarei: não se aflija!” (*Gītā*, XVIII.66; *sarvadharmān parityajya mām ekaṃ śaraṇaṃ vraja*) [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]. Śaṅkara lê renúncia a toda ação, “pois aqui se pretende ensinar *naiṣkarmya*, a liberdade de toda ação” (*Comentário à Gītā*, XVIII.66) [V-en: Mahadeva Sastri; tradução do estudo]. Rāmānuja lê o abandono do sentido de agente, de posse e de fruto, e não da ação (*Comentário à Gītā*, XVIII.66), e o editor Adidevananda anota que “ambas as leituras” do verso ensinam só o *bhakti-yoga* e não a *prapatti*, a entrega — frase do editor, não de Rāmānuja [V-en: Adidevananda; tradução do estudo].

Dos caminhos passa-se à ordem de deveres e estágios em que cada um está (2.8).

### 2.8 O *dharma* e os *āśrama*

O dever e o estágio da vida são a moldura prática do Vedanta: dizem onde cada um está enquanto o conhecimento não vem.

*Dharma* é, na tradição, a ordem que sustenta o mundo e o dever de cada um nela [paráfrase; localização a confirmar]. O *svadharma*, o dever próprio, a *Gītā* o diz assim: “melhor o próprio dever, ainda que imperfeito, que o dever alheio bem cumprido; melhor a morte no cumprimento do próprio dever; o dever alheio traz perigo” (*Bhagavad Gītā*,

III.35, repetido em XVIII.47; *śreyān svadharmo viguṇaḥ paradharmāt svanuṣṭhitāt*) [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]. No contexto de XVIII.41–48, o dever próprio é o do *varṇa*, a classe em que se nasce (2.12); não é, pois, a "vocação", palavra que o cânon reserva à mudança (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", III).

Os *āśrama* são quatro estágios da vida: estudante, chefe de família, eremita e renunciante, o *saṃnyāsin*. Manu, cuja lei não é Vedanta mas dá a moldura, põe a renúncia por último: "tendo assim passado a terceira parte da vida na floresta, ele pode viver como asceta durante a quarta, abandonando todo apego aos objetos mundanos", e, "quando pagou as três dívidas, que aplique a mente à libertação final; quem a busca sem as ter pago, afunda" (*Manusmṛti*, VI.33 e VI.35) [V-en: Bühler; tradução do estudo]. A *Jābāla Upaniṣad* abre a exceção: "no dia em que tiver o espírito de renúncia, nesse mesmo dia renuncie" (4) [tradução do estudo; atribuição a confirmar]. O exemplo antigo é Yājñavalkya, que deixa a vida de casado, e a pergunta de Maitreyī, a quem ele diz que nem a terra inteira lhe daria a imortalidade (*Bṛhadāraṇyaka*, II.4 e IV.5) [V-skt; paráfrase].

Śaṅkara toma a casta, o estágio da vida e a idade por condições superpostas ao Si: os mandamentos do rito só operam "sob a suposição de que se superpõem ao Si condições particulares, como a casta, o estágio da vida, a idade, as circunstâncias externas" (*Comentário aos Brahmasūtra*, introdução) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. Valem enquanto dura o erro. Homônimos (palavras iguais com sentido diferente) a guardar: *āśrama* é estágio da vida, e a "estação" do cânon é o trimestre da Regra de Vida (Cânon v1.2, "Regra de Vida"); e "renúncia", palavra do *saṃnyāsa*, não ocorre no cânon (Estudo I, Prólogo).

Do dever e dos estágios passa-se à autoridade que os ensina (2.9).

### 2.9 A *śruti* e o *guru*

O Vedanta diz de si que não se inventa: ouve-se. A *śruti*, "o que foi ouvido", é o corpo do Veda e das Upaniṣads, e o *guru* é quem o transmite.

Para Śaṅkara, a *śruti* é o meio de conhecimento de *Brahman*: "(a onisciência de *Brahman* decorre) de ser ele a fonte da Escritura" (Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.3; *śāstrayonitvāt*) e "de tudo isto resulta que o Veda possui autoridade como meio de conhecimento correto de *Brahman*" (I.1.4) [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo].

O *guru* está nas Upaniṣads: "quando um homem tem um mestre, ele sabe: 'Há para mim aqui um atraso somente até que eu seja libertado; então chegarei!'" (*Chāndogya Upaniṣad*, VI.14.2) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. Em Śaṅkara o ensino é diálogo: o discípulo, cansado de nascer e morrer, aproxima-se de um conhecedor de *Brahman*, e o mestre lhe diz: "escute, meu filho, esta não é a sua própria natureza, mas se deve a uma causa"; "a causa é a nesciência; ela é removida pelo conhecimento" (*Upadeśasāhasrī*, II.2.46 e II.2.48) [V-en: Mayeda; tradução do estudo]. Ramana corrige a

imagem: o *guru* e Deus “apenas mostram o caminho” (*Quem sou eu?*, Q20) [V-en: Sri Ramanasramam; paráfrase].

Uma letra não decidida: a *Kaṭha* diz de quem alcança o Si em I.2.23, e há duas leituras. Olivelle lê *vṛṇute*, “escolhe”: “só o homem que ele escolhe pode apreendê-lo, cujo corpo este Si escolhe como seu”; o arquivo GRETIL imprime *vivṛṇute*, “revela”, e Hume e Müller traduzem “revela a sua própria pessoa” (*Kaṭha*, 3.23 de Olivelle) [V-skt; V-en: Olivelle e Hume; tradução do estudo]. A escolha decide a chave do verso, graça ou revelação, e o estudo não decide. Rāmānuja diz da teoria *advaita* que foi “concebida por homens destituídos das qualidades particulares que fazem os indivíduos serem escolhidos pela Pessoa Suprema revelada nas Upaniṣads” (*Śrībhāṣya*, I.1.1) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. A vizinhança de *vṛṇute* com a eleição que a decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII recusou é tratada em 3.9.

Dois homônimos: “revelar”, pois a luz se revela no cânon (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) e a *śruti* é revelada no sentido de ouvida e transmitida; e “mestre”, pois o *guru* é do Vedanta, e o “mestre interior” do cânon é herança nomeada (ver 4.9).

Da autoridade passa-se à palavra mais mal vertida do Vedanta (2.10).

### 2.10 A *māyā* bem dita

*Māyā* é a palavra do Vedanta mais vertida por “véu” e “ilusão”; esta seção diz a quem pertence cada leitura.

O véu vem de Thibaut, e não de Śaṅkara: “a alma não esclarecida é incapaz de ver através e além de *Māyā*, que, como um véu, lhe esconde a sua verdadeira natureza”, e *māyā* é “um princípio de ilusão” (Thibaut, Introdução ao *Comentário aos Brahmasūtra*) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. A tradição lê, com Eltschinger, que Śaṅkara, ao menos nesse comentário, não tem teoria específica da *māyā* e a usa sobretudo em comparações, como já apontara Hacker [V via secundária: Eltschinger; tradução do estudo]. Cohen, resumindo Hacker, lê que o termo-chave do mundo manifesto em Śaṅkara é *nāmarūpa*, “nome e forma”, e que a identificação do *advaita* com “o mundo é ilusão” é dos advaitinos tardios [V via secundária: Cohen; tese a confirmar].

O que Śaṅkara diz é outro: o mundo vale “enquanto o conhecimento de que *Brahman* é o Si de tudo não surgiu, assim como os fantasmas de um sonho são tidos como verdadeiros até o dormente acordar” (*Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.14) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. Os adjetivos *vyāvahārika* (da lida comum) e *pāramārthika* (do sentido último) são da tradição, e em Thibaut só aparece *vyavahāra* [tese a confirmar]. Gauḍapāda vai ao extremo: “não há dissolução, nem nascimento, ninguém em servidão, nenhum buscador de libertação e nenhum libertado; esta é a verdade absoluta” (*Māṇḍūkya-kārikā*, II.32) [V-skt; V-en: Nikhilananda; tradução do estudo]. Quem escreve “véu” escreve Thibaut; o estudo diz *māyā*.

Da *māyā* passa-se à outra escola que usa a palavra *yoga* (2.11).

### 2.11 O *yoga* de Patañjali, para não confundir

"*Yoga*" é palavra que o Vedanta usa em outro sentido (*karma-yoga*, 2.7); o de Patañjali é outro sistema, de base *sāṃkhya*, que distingue o *puruṣa*, o "vidente", da *prakṛti*, a natureza [leitura do estudo].

O sūtra I.2 o define — *yogaś cittavṛttinirodhaḥ*, "*yoga* é a restrição das flutuações da substância mental" — e o I.3 diz o fim: o vidente repousa em sua forma própria (*Yogasūtra*, I.2–3) [V-skt; V-en: Woods; tradução do estudo]. A *avidyā* do *Yogasūtra* (II.5) é tomar o não-eterno por eterno, e não é a *avidyā* de Śaṅkara (2.5), ainda que a palavra seja a mesma [V-skt; paráfrase; leitura do estudo].

Do *yoga* de Patañjali passa-se ao que o Vedanta deixa (2.12).

### 2.12 O que o Vedanta deixa

O Vedanta deixa quatro coisas que o estudo diz sem atenuar: a casta, a teodiceia do *karma* (explicação do mal que absolve a ordem do mundo), a dissolução da pessoa no *advaita* e a autoridade da revelação.

A casta tem letra, e é dura. "[…] um ventre agradável, como o de uma mulher da classe dos brâmanes, dos *kṣatriya* ou dos *vaiśya*. Mas os de conduta imunda podem esperar entrar num ventre imundo, como o de um cão, de um porco ou de uma mulher sem casta" (*Chāndogya Upaniṣad*, V.10.7) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. Os *kṣatriya* são os guerreiros, os *vaiśya* os comerciantes e os *śūdra*, de que se fala adiante, os servos. A *Gītā* sanciona a casta — "o sistema das quatro castas foi criado por Mim […]" (IV.13) e "a ação que consiste em serviço é igualmente nata ao servo" (XVIII.44) [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo] —, e Manu prescreve ao *śūdra* "uma só ocupação: servir humildemente a esses outros três" (*Manusmṛti*, I.91) [V-en: Bühler; tradução do estudo].

A *Gītā* IX.32 abre a meta suprema a "mulheres, *vaiśya*, *śūdra*", mesmo aos *pāpayonayaḥ*, "de origem baixa" em Edgerton ("base origin") [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]; outras versões dizem "de ventre pecador", e a do Instituto Gita Society Brasil omite "mulheres" e "servos" e não vale como texto. O verso foi lido como porta e como confirmação da hierarquia [tese a confirmar]. Śaṅkara tem a casta por condição superposta (2.8); ele trata do *śūdra* e do estudo do Veda em *Comentário aos Brahmasūtra* I.3.34–38, passagem que este estudo não cita [localização a confirmar].

A biografia da tradição não é a doutrina, e a tradição que disputou a casta, dentro e fora do hinduísmo, discute o Vedanta com os mesmos textos, sem ser toda ela Vedanta. Kabīr: "é desnecessário perguntar a um santo a casta a que pertence; pois o sacerdote, o guerreiro, o comerciante e todas as trinta e seis castas buscam igualmente a Deus" (Tagore, *Songs of Kabir*, "Canções de Kabir", poema II) [V-en: Tagore; tradução do estudo].

Radhakrishnan chama a casta de “produto da tolerância e da confiança”, hoje “degenerado num instrumento de opressão” (*The Hindu View of Life*, “A visão hindu da vida”) [V-en: Radhakrishnan; tradução do estudo]. Ambedkar responde: “o verdadeiro remédio é destruir a crença na santidade dos *śāstras*” (*Annihilation of Caste*, “A aniquilação da casta”, § 20) [V-en: Ambedkar; tradução do estudo], e converteu-se ao budismo em 1956 [tese a confirmar]. A fronteira da série, “nenhuma pessoa está fora da Lux” (decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I), mede-se em 3.11.

A teodiceia do *karma* é explícita na glosa de Śaṅkara aos *Brahmasūtra* II.1.34–36: “a desigualdade (de dispensação) e a crueldade (não se podem) censurar (ao Senhor), por causa de seu atender (ao mérito e ao demérito)” (*Brahmasūtra*, II.1.34); “por isso, a desigualdade da criação se deve ao mérito e ao demérito das criaturas, e não é falta de que o Senhor deva ser culpado” (Śaṅkara, ao mesmo *sūtra*); e, ao regresso infinito: “o mundo transmigratório não tem começo” (II.1.35) [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo]. É a resposta de Śaṅkara, e não “a do Vedanta”: o que Rāmānuja e Madhva dizem desses *sūtra* [localização a confirmar]. A tradição atribui a Madhva a divisão das almas, por natureza, em três classes [tese a confirmar]; o estudo não a afirma.

A dissolução da pessoa é a tese de Śaṅkara, e não a do Vedanta inteiro. A doutrina de que o Si individual tem o seu Si em *Brahman* “elimina a existência independente da alma individual, como a ideia da corda elimina a ideia da serpente” (Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.14) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]; Ramana o diz sem rodeio (*Quem sou eu?*, Q16) [V-en: Sri Ramanasramam; paráfrase]. Rāmānuja responde que sustentar que a consciência do “eu” não persiste na libertação “equivale à doutrina de que a libertação é o aniquilamento do Si”, e que “nenhuma pessoa sensata se esforça […] sob a ideia de que, depois de ela mesma ter perecido, restará uma entidade chamada ‘luz pura’” (*Śrībhāṣya*, I.1.1) [V-en: Thibaut; tradução do estudo].

A autoridade da revelação (2.9) é o que mais separa o Vedanta de quem lê de fora. Ambedkar a atacou de frente e deixou uma abertura: as Upaniṣads seriam um minério a refinar, depois de “considerável raspagem” (*Annihilation of Caste*, § 25) [V-en: Ambedkar; paráfrase]; Gandhi a submete à razão: “nada pode ser aceito como palavra de Deus que não possa ser testado pela razão ou ser capaz de ser espiritualmente experimentado” (*Harijan*, 11 jul. 1936) [V-en: Gandhi; tradução do estudo].

Do que o Vedanta deixa passa-se ao que o capítulo deixa ao leitor (2.13).

### 2.13 O que o capítulo deixa ao leitor

O Vedanta não é uma doutrina única: são três escolas, “o Vedanta diz” só se escreve onde as três concordam, e a própria sentença *tat tvam asi* tem três leituras (2.2, 2.4). *Ātman*, *Brahman*, *cit*, *jyotis*, *sākṣin* e *ānanda* são nomes que o Vedanta dá ao que afirma, e a cena de *Bṛhadāraṇyaka* IV.3 trata da luz de quem dorme e sonha, com o Si já nomeado (2.3). A

*avidyā* e o *adhyāsa* são de Śaṅkara, e *māyā* não é “véu” (2.5, 2.10). O que o Vedanta deixa vem dito com a tradição que o disputou ao lado, e o capítulo 4 o mede (2.12).

O inclusivismo, o modo de absorver as outras religiões como graus da própria, é traço da casa, que o estudo registra e não adota. O verso *Ṛgveda* I.164.46, “ao que é um, os sábios dão muitos títulos”, fala de deuses védicos e não de religiões [V-skt; V-en: Griffith; tradução do estudo]; Hacker chamou inclusivismo a esse modo [V via secundária: Lapshin; tese a confirmar]. O estudo não faz do cânon grau do Vedanta, nem do Vedanta grau do cânon.

Do capítulo 2 passa-se aos lugares em que o cânon e o Vedanta se tocam (capítulo 3).

# 3 ONDE NOS TOCAMOS

Este capítulo reúne os doze lugares em que o Vedanta e o cânon trabalham na mesma oficina. Aproxima; quem separa é o capítulo 4. Cada lugar vem com a letra dos dois lados e, onde passa disso, com o que o estudo lê. O Vedanta tem três escolas (ver 2.2), e "o Vedanta diz" só se escreve onde as três concordam; o que é de uma escola traz o nome dela. O estudo não faz de palavra alguma do Vedanta aqui (*ātman*, *Brahman*, *jyotis*, *sākṣin*) nome da Lux, por analogia com a decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I (a mente luminosa, a natureza de Buda) e a n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo II (o *logos*) [hipótese do estudo]; a filosofia "não decide isso por ninguém" (Cânon v1.2, "Independência confessional").

## 3.1 "O Si é a sua luz" e a Lux

Nos dois lados as luzes de fora se apagam e uma luz resta. É, para este estudo, o contato mais forte com a letra do cânon [hipótese do estudo].

Na *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad* (versão Kāṇva, na tradução de Olivelle), o rei Janaka pergunta a Yājñavalkya que luz resta a uma pessoa quando o sol, a lua, o fogo e a voz se aquietaram, e Yājñavalkya responde que o Si (*ātman*) é "a sua fonte de luz" (IV.3.6; a cena inteira está em 2.3) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. Olivelle verte *jyotis* por "fonte de luz" e anota que a passagem prepara o sono e o sonho: apagadas as luzes de fora, quem dorme e sonha age pela luz do Si.

O estudo lê o cânon como respondendo a uma pergunta da mesma forma: o que resta quando as luzes de fora se apagam? [hipótese do estudo]. A letra diz que "o valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I) e que, ao despertar, "por um instante, ainda não é ninguém — não é o cargo, não é a lista de mensagens não lidas […]. É só luz, ainda quieta, esperando" (Meditações Práticas, "O Acender da manhã"). Que o cargo e a lista sejam as luzes de fora do cânon, como o sol e o fogo são as de Yājñavalkya, é [hipótese do estudo].

A fronteira vem na mesma página. Em IV.3.7 a luz tem nome (*ātman*), lugar (o coração) e natureza (a percepção: "a luz interior no coração"), e em II.5.19 o Si é *Brahman* (*ayam ātmā brahma*, "este Si é *Brahman*") [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. A Lux "é de alguém" e fica sem nome (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I; ver 4.1). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cj)) se "o Si é a sua luz" se lê ao lado de "a luz não se acende — ela se revela" como leitura, com a fronteira dita na mesma frase, e se o *ātman*, o *Brahman*, o *sākṣin*, a *cit* e o *tat tvam asi* recebem o tratamento que a série deu ao *logos* e à mente luminosa: estrutura, nunca nome da Luz. Da luz que resta passa-se à luz coberta (3.2).

### 3.2 A face coberta pelo disco de ouro e a luz encoberta

Dois textos do Vedanta dizem o encobrimento antes de escola alguma, e o cânon o diz com outras causas.

A *Īśā Upaniṣad* tem a imagem: “A face da verdade está coberta por um disco de ouro. Descubra-a, ó Pūṣan…” (*Īśā* 15) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. A *Bhagavad Gītā* diz o mesmo sem imagem: o conhecimento está “encoberto pela ignorância” (*ajñāna*), e por isso as criaturas se iludem (*Gītā* V.15; ver 2.5) [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]. A palavra é *āvṛta*, “coberto”.

O Tratado da Luz Interior dá as causas do encobrimento: “a luz pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias. O exame diário não acende a luz nem a produz: revela onde ela ficou coberta e onde apareceu sem obstáculo” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”). A Ficha dizia “a ignorância encobre o que sempre esteve lá”. “Ignorância” não ocorre no cânon (Estudo X, 3.2), e a palavra da Ficha, *avidyā*, foi posta no lugar de medo, hábito e adaptação [leitura do estudo].

Os dois lugares partilham a presença anterior ao olhar e o encobrimento que não a destrói. O endereço difere: o pedido do disco é feito a Pūṣan, e o Examinar pergunta “onde minha luz ficou escondida hoje?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I) [leitura do estudo]. Se o encobrimento é da condição ou do dia é fronteira do capítulo 4. Da luz coberta passa-se à que se revela (3.3).

### 3.3 “Revelar, não fabricar”: a letra de Śaṅkara e a do cânon

A fórmula da Ficha tem letra dos dois lados.

Do lado do cânon: “A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I); “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar” (Tratado da Luz Interior, “Definição”); a tarefa da vida é “reconhecê-lo, não fabricá-lo” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”).

Do lado de Śaṅkara, a letra mais próxima é o cristal (numeração de Thibaut; o GRETIL conta uma unidade a menos). Antes do conhecimento discriminativo, a natureza da alma individual, que é em realidade “luz pura”, parece misturada ao corpo e aos sentidos, como a transparência de um cristal ao vermelho que o cerca; “assim que surge o conhecimento discriminativo, diz-se que ela realizou a sua verdadeira natureza, embora na realidade já a tivesse realizado antes” (Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. A “luz pura” é a do sujeito em Śaṅkara, e não é nome da Lux.

No *Upadeśasāhasrī* (I.1.6) só o conhecimento destrói a ignorância, “a ação não pode” (ver 2.5) [V-en: Mayeda; tradução do estudo]. A *Chāndogya Upaniṣad* tem o sal na água: “Você não o viu ali, filho; no entanto, estava sempre ali” (VI.13.2) [V-skt; V-en:

Olivelle; tradução do estudo]. A Ficha dizia “o que sempre esteve lá”: o “sempre” é letra da Upaniṣad, e a do cânon é “ela já está lá, atemporal” (Meditações Práticas, “O Acender da manhã”; ver 4.12).

Duas ressalvas, ambas do lado do Vedanta. A primeira é de Śaṅkara, no mesmo lugar: o que se manifesta é “a alma individual em sua verdadeira natureza, isto é, enquanto é o *Brahman* supremo, não enquanto é alma individual”, e a nota de Thibaut diz que o *jīva* cuja natureza se manifestou “já não é *jīva*”. Em Śaṅkara, revela-se que a pessoa não era quem pensava; no cânon, revela-se a luz anterior a qualquer conquista (Catecismo, 6 e 7), e que seja “a luz de quem já se era” é [leitura do estudo].

A segunda é de leitura. A *Kaṭha Upaniṣad* (I.2.23; numeração por *adhyāya.vallī.mantra*, ver 2.3) diz que o Si é alcançado por aquele que ele “escolhe” (*vṛṇute*, Olivelle) ou a quem “se revela” (*vivṛṇute*, GRETIL, Hume, Müller) [V-skt; V-en: Olivelle, Hume]. A passagem fica em 2.9, e a vizinhança de “escolhe” com a eleição que o Estudo VIII recusou é tratada em 3.9. Do revelar passa-se ao agir (3.4).

### 3.4 “Só na ação, nunca nos frutos” e o Portar

A *Gītā* e o cânon pedem uma ação que não se mede pelo resultado.

A *Bhagavad Gītā* é um texto de guerra, e o verso é dito a um guerreiro que se recusa a lutar: o interesse (*adhikāra*, “direito, competência”) de Arjuna está “só na ação, nunca nos frutos”, e o fruto não deve ser o seu motivo (*Gītā* II.47; ver 2.7) [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]. Śaṅkara o dirige a quem ainda não é apto ao conhecimento: “qualificado só para as obras”, a ação sem fruto é degrau, e não fim (*Comentário à Gītā*, II.47) [V-en: Mahadeva Sastri; tradução do estudo].

A mudança, no cânon, “não é acidente a suportar, mas mensagem a carregar. Quem resiste ao fluxo é arrastado; quem o porta, navega” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III). Do fruto o cânon não fala, mas diz o que a ação deixa de ter de provar: a prática “liberta a ação de precisar provar o que a pessoa, antes de agir, já é” (Tratado da Luz Interior, “Síntese”), pois “esforça-se a partir da luz, não para merecê-la” (Tratado da Luz Interior, “O problema que responde”), e a Vigília “promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”).

O que a *Gītā* tira do motivo é o resultado do ato; o que o Tratado tira do ato é a necessidade de provar quem se é. Nos dois lados o ato não se paga com o que vem dele [leitura do estudo]. A direção é a fronteira: lá, o desapego (e, em Śaṅkara, o degrau); aqui, portar é “levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz” (Catecismo, 14) [hipótese do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cm)) se o Portar se lê ao lado de *Gītā* II.47 como leitura, com a fronteira da direção dita na mesma frase. Do ato passa-se a quem o olha (3.5).

### 3.5 A testemunha e o Examinar

O Vedanta tem uma figura e o cânon tem um gesto, e a letra os põe perto sem fazê-los iguais.

A *Muṇḍaka Upaniṣad* (numeração por *muṇḍaka.khaṇḍa.verso*) tem os dois pássaros na mesma árvore: um come o figo, e “o outro, sem comer, olha” (3.1.1; ver 2.3) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. A testemunha (*sākṣin*) tem letra em Śaṅkara: o Si interior é “a testemunha de todas as modificações do órgão interno” (*Comentário aos Brahmasūtra*, introdução; ver 2.3) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. Rāmānuja responde pela definição da palavra: “por testemunha entendemos alguém que sabe de algo por observação pessoal (*sākṣāt*); quem não sabe não pode ser testemunha” (*Śrībhāṣya*, I.1.1) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. A testemunha de Śaṅkara é o Si; a de Rāmānuja é um sujeito conhecedor.

O Examinar, no cânon, “não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos. É mais parecido com quem revisita o rio percorrido no dia e faz, com honestidade e sem crueldade, as duas perguntas do primeiro pilar” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”). “Testemunha” não ocorre no cânon, e o estudo não a atribui a ele. Que o “quem revisita o rio percorrido no dia” suponha alguém um passo atrás do dia é [leitura do estudo], e o dois-em-um cabe na letra do Examinar “como leitura, sem receber o nome de pensar nem de vida examinada” (decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). Os dois pássaros na mesma árvore são, ao pé da letra, um dois-em-um, e o que olha sem comer é quem revisita o dia sem ser só o dia [hipótese do estudo].

A fronteira cabe numa linha: a testemunha de Śaṅkara é o Si imutável; quem examina no cânon é a pessoa, no dia, e recomeça amanhã. O estudo pergunta ao fundador se isso se registra na Ficha (ver 7.3, questão (cn)). Do olhar passa-se ao lugar de onde se olha (3.6).

### 3.6 A caverna do coração e “estar consigo”

Os dois têm um dentro a que se vai sem deixar de ser, e cada um o chama com palavras que o outro não usa.

A *Kaṭha Upaniṣad* diz do Si que está “escondido no coração” de um ser vivo (I.2.20, *nihito guhāyām*; ver 2.3) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. A *Chāndogya Upaniṣad* o desenha como um pequeno espaço (*daharo 'sminn antarākāśaḥ*) na cidade do corpo, que contém o céu e a terra (VIII.1.1) [paráfrase; V-skt]. A tradição chama esse lugar de *guhā*, a caverna do coração. Que a “luz interior no coração” de IV.3.7 (ver 3.1) more ali é [leitura do estudo]; “luz interior” é, aí, expressão da tradução de Olivelle, o cânon diz “luz interior” da Lux, e o estudo não as iguala.

O cânon tem outra palavra para o dentro: “Estar consigo é o dois-em-um do pensar, em que cada um se faz companhia sem deixar o mundo dos seus semelhantes; desolação é a

perda de si que vem de não pertencer ao mundo […]. Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio” (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”). A decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII fez desse critério o glossário da margem, e a margem é dentro do rio: “A margem também é rio”, e o retiro “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). A decisão n.º 5 de 03/11/2026 sobre o Estudo II leu o retiro em si ao lado da margem: “a cidadela se abre: a margem devolve a luz”.

“Consigo” é reflexivo: o cânon não tem “Si” com maiúscula, e “o verdadeiro em si” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) é locução [leitura do estudo]. O lugar a que se vai, no cânon, não fica fora do mundo de ninguém. A caverna do Si e o “estar consigo” ficam lado a lado como leitura, sem pergunta própria [leitura do estudo]; o estudo pergunta ao fundador se a margem se separa do *saṃnyāsa*, a renúncia que sai do rio (ver 7.3, questão (co)). Do lugar passa-se ao corpo (3.7).

### 3.7 A morada do Si e os “tijolos do templo”

O Vedanta também dá lugar ao corpo, e a fronteira vem depois da aproximação.

A *Kaṭha* faz do corpo um carro: “Conheça o Si como o passageiro de uma carruagem, e o corpo, simplesmente como a carruagem” (I.3.3) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. Na *Chāndogya Upaniṣad*, Prajāpati diz a Indra: “Este corpo, Maghavan, é mortal; está preso à morte. Ele é, assim, a morada deste Si imortal e sem corpo” (VIII.12.1) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. E um poeta da *bhakti*, Basava (séc. XII), *vīraśaiva* e não vedantino, escreve em kannada: “[…] Minhas pernas são pilares, o corpo o santuário, a cabeça uma cúpula de ouro. Ouça, ó senhor dos rios que se encontram: as coisas em pé cairão, mas as que se movem ficarão para sempre” (*vacana*, em *Speaking of Śiva*) [V-en: Ramanujan; tradução do estudo; localização a confirmar].

O Pilar IV diz: “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV). São “tijolos porque é com eles que se ergue o templo, o que é estável e concreto” (Catecismo, 17). A Disputatio acrescenta a recusa de “qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida” (Disputatio, “2. Sed contra”). “O corpo é o lugar da luz” não é letra do cânon, e o estudo não a usa.

Morada e tijolo dizem o mesmo lugar, e nem a *Kaṭha* nem o Pilar IV fazem do corpo obstáculo [leitura do estudo]. A *Chāndogya* segue, na mesma passagem, com o Si “sem corpo”, e essa é a fronteira; o estudo pergunta ao fundador se ela entra como fronteira do Corpus (ver 7.3, questão (co)). Do corpo passa-se à falha que o corpo e o dia carregam (3.8).

### 3.8 “O mal não o queima” e “falhar na regra não apaga a luz”

A falha não alcança a luz nos dois lados; por que não alcança é a fronteira, e as duas cabem na mesma página.

A *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad* diz de quem conhece o Si: “O mal não o queima; ele queima todo o mal” (IV.4.23) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. A *Chāndogya* faz do Si um dique (*setu*) que nem dia nem noite, nem velhice, morte ou dor atravessam (VIII.4.1) [paráfrase; V-skt] e, na prova do machado em brasa, quem diz a verdade não se queima (VI.16) [paráfrase]. A *Bhagavad Gītā*, na estrofe de V.15 já citada (ver 2.5), acrescenta que “Ele não recebe o pecado de ninguém, nem as boas ações, o Senhor (a alma)” [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo].

A Regra da Misericórdia diz: “Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama. O rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”); “A luz interior não é um placar. Ela não zera quando você erra” (Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia”). A Disputatio vai além da regra: o que a doutrina recusa é “que a dignidade de alguém seja calculável a partir do que a escuridão fez a essa pessoa, ou do que essa pessoa fez na escuridão” (Disputatio, “3. Respondeo”). Nada disso diz que o mal feito deixa de existir: diante do lobo, “resiste-se, e deve-se justiça” (Cânon v1.2, “A Vigília”).

A fronteira, na mesma frase: lá, o mal não alcança o Si porque o Si é o dique que nada atravessa; aqui, a falha não apaga a luz porque a luz é intrínseca e a mão que retoma é o rio (decisão n.º 4 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII) [leitura do estudo]. O estudo registra o dique como matéria; a questão (g), a justiça devida ao lobo, segue aberta até o tratado da justiça (decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II; ver 7.3, questão (g)). Do mal e do fogo passa-se ao que é próprio de cada um (3.9).

### 3.9 O *svadharma* e a vocação

Um verso e uma palavra pedem o próprio, e a palavra do cânon não é a do verso.

A *Bhagavad Gītā* diz que é “melhor o próprio dever” (*svadharma*), ainda que imperfeito, que o dever alheio bem cumprido, e que o dever alheio “traz perigo” (III.35, repetido em XVIII.47; ver 2.8) [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]. O cânon não tem *svadharma*. Tem uma pergunta que pede o próprio: “Posso estar lá inteiro, sem me trair? Se a resposta é não, não vou. Porque eu sem a minha luz sou uma mentira” (Cânon v1.2, “A Bússola”); e entre as causas do encobrimento está a “adaptação às expectativas alheias” (ver 3.2). Que o dever alheio e a expectativa alheia sejam o mesmo perigo é [hipótese do estudo], com a fronteira na mesma frase: o dever alheio de III.35 é o de outro *varṇa*, e a expectativa alheia do Tratado é a do dia.

O homônimo é *svadharma* e vocação: no cânon “vocação” nomeia a mudança (“O cânon chama a mudança de vocação, não de acidente”, Meditações Práticas, “A mudança

deliberada da semana”), e não o ofício nem o *dharma*. O *svadharma* de III.35 e de XVIII.41–48 é o dever do *varṇa* [paráfrase; V-skt], e essa fronteira, a casta, é do capítulo 4 (ver 7.3, questão (cp)). O que se pede, nos dois lados, é o próprio, e a casta separa o *svadharma* da vocação. Do que é próprio passa-se à celebração (3.10).

### 3.10 A *bhakti* dos *ālvār* e a celebração

O Vedanta também celebra, diante de Deus, e o cânon celebra com o corpo e com outros.

Os *ālvār*, poetas vaiṣṇavas de língua tâmil, entre eles Nammāḻvār (séc. IX–X [data a confirmar]), são lidos na tradição de Rāmānuja como o “Veda tâmil” [tese a confirmar]. Do lado do cânon há letra: “Um momento diário de celebração física plena — dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV); “Idealmente com outros: a luz é para todo o mundo ver, não para consumo próprio” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo semanal”); “O templo também dança” (Meditações Práticas, “A celebração maior”). A decisão n.º 8 de 03/11/2026 sobre o Estudo II fixou que a celebração do cânon passa pelo corpo e se faz com outros. Que a celebração dos *ālvār* diante de Deus e a do cânon se aproximem nisso é [tese a confirmar]. Da celebração passa-se a quem pergunta (3.11).

### 3.11 Maitreyī e Gārgī

Duas mulheres perguntam nas Upaniṣads, e o cânon não tem letra sobre mulher; por isso o contato é curto.

Na *Bṛhadāraṇyaka*, Maitreyī pergunta a Yājñavalkya, que deixa a vida de casado, se a terra inteira lhe daria a imortalidade; ele diz que não, e ensina que o esposo, a esposa, os filhos e os bens são amados por causa do Si (II.4 e IV.5) [paráfrase; V-skt]. Gārgī pergunta em que o espaço está tecido, e Yājñavalkya responde com o Imperecível (*akṣara*): “nem grosso nem fino, nem curto nem longo” (III.8.8) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. A tradição hindu que as cerca é outra: Manu diz que “uma mulher nunca deve ser independente” (*Manusmṛti*, V.148) [V-en: Bühler; tradução do estudo], e a *Gītā* conta as mulheres entre os de “origem baixa” (IX.32; ver 2.12). O estudo registra os dois fatos e não os concilia: a biografia da tradição não é a doutrina.

O cânon responde com o que tem: “cada pessoa carrega uma luz interior atemporal” (Cânon v1.2, “Origem”), e nenhuma palavra sobre mulher. A decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI fixou a fronteira do escravo por natureza e da mulher como fronteira da série, padrão para os clássicos que virão. Que Maitreyī e Gārgī sejam pessoas a quem a pergunta pela luz é feita e respondida é [leitura do estudo]. O que Yājñavalkya diz a Maitreyī sobre o amor ao outro, por referência ao Si, é fronteira do capítulo 4, ao lado de

“uma luz devida ao outro antes de qualquer pacto” (decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII), que a letra do Catecismo, 36, diz do lobo.

A questão (k) segue aberta até o estudo de Marx. O estudo pergunta ao fundador se a Ficha IV recebe a frase da série com a letra de *Gītā* IX.32 (ver 7.3, questões (k) e (cp)). Das mulheres que perguntam passa-se à pergunta que as casas respondem (3.12).

### 3.12 A disputa de família como estrutura comum

O último lugar não é um verso, é uma pergunta que as casas fazem e respondem de modos diferentes: o que sou eu, e há um eu?

O Estudo I deixou o assunto ao Estudo IV: o Buda manda ver cada agregado como “isto não é meu” e, perguntado se há um eu, cala-se, e a tradição budista responde de mais de um modo (Estudo I, 5.8; ver 5.8). No Vedanta a disputa também é de família. Para Śaṅkara, atributos alheios ao Si “são superpostos ao Si quando um homem se considera sadio e inteiro, ou o contrário, conforme a sua mulher, os filhos e os demais estejam sadios e inteiros ou não” (*Comentário aos Brahmasūtra*, introdução) [V-en: Thibaut; tradução do estudo].

Para Rāmānuja, o “eu” “constitui a própria natureza do Si” e persiste na libertação, e “nenhuma pessoa sensata se esforça” por uma “luz pura” que restasse depois de perecer (*Śrībhāṣya*, I.1.1; ver 2.12) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. Em Madhva, segundo um autor de resumo das escolas (um doxógrafo *advaita*), a diferença entre as almas e o Senhor é real e sem começo (ver 2.2) [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar].

O cânon, pelo Estudo I, “sobre a natureza do eu ele não tem tese, só sobre o seu valor e a sua integridade”, e a sua oposição é “entre aberto e fechado, e não entre eu e não-eu” (Estudo I, 4.1). Nas respostas do Buda, de Śaṅkara e do cânon, a pessoa não é o que tem nem o que faz: “isto não é meu”; o corpo, a mulher e os filhos que se superpõem ao Si; “um núcleo que não é feito daquilo que ela produz, conquista ou acumula” (Tratado da Luz Interior, “Definição”) [leitura do estudo]. Onde as respostas se separam, e onde “a Lux é de alguém” (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I; ver 4.1) responde de modo próprio a Rāmānuja e a Śaṅkara, é o assunto do capítulo 4. Da disputa de família passa-se ao que separa as casas (capítulo 4).

## 4 ONDE NOS SEPARAMOS

O capítulo 3 mostrou onde a letra do cânon e a do Vedanta se tocam; este mostra onde se separam, sem diminuir nenhuma das duas. Cada fronteira vem com a letra dos dois lados, e onde o cânon cala o estudo diz que cala. *Brahman*, Īśvara, Viṣṇu e Kṛṣṇa entram na voz do Vedanta, como material: o cânon não é teísta, ateu nem monista, e o diz pela letra da "Independência confessional". A *Bhagavad Gītā* é um texto de guerra, e o estudo o diz. As perguntas ao fundador vêm de (ci) a (cr).

### 4.1 De quem é a luz

A pergunta de Janaka e a que o estudo lê no cânon têm a mesma forma, e o que cada casa responde a "de quem?" é o que as separa [hipótese do estudo].

Na *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, o rei Janaka pergunta a Yājñavalkya qual é a fonte de luz para uma pessoa, e, apagadas as luzes de fora, o Si (*ātman*) "é então a sua fonte de luz" (IV.3.6; ver 2.3). A frase seguinte lhe dá nome, a "luz interior dentro do coração" (IV.3.7), e o texto diz adiante que este Si é *Brahman* (*ayam ātmā brahma*; II.5.19) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. Em Śaṅkara, a luz de cada um é assim o Si de todos; Madhva lê a frase como elogio, e não como identidade [V via secundária: Radhakrishnan; tese a confirmar].

A letra do cânon é outra: "O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I). Sobre a origem, cala por decisão: é "questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"). Para quem crê "a Luz tem nome próprio", para quem não crê "é a consciência mais funda, o verdadeiro em si", e "a filosofia não decide isso por ninguém" (Cânon v1.2, "Independência confessional"). A fonte "continua sem nome no cânon" (decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X), e "a Lux é de alguém" (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I).

O estudo não faz do *ātman*, do *jyotis* (luz) nem do *Brahman* nome da Luz: "o verdadeiro em si" é locução, e a "consciência mais funda" não é a *cit*, a consciência do Vedanta; o cânon deixa o nome com quem o dá e mantém a luz "de alguém" [leitura do estudo].

Questão aberta (cj): "o Si é a sua luz" lê-se ao lado de "a luz não se acende — ela se revela" como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (a luz do Si é *Brahman*; a Lux é de alguém)? E o *ātman*, o *Brahman*, o *sākṣin*, a *cit* e o *tat tvam asi* ("tu és isso") recebem o tratamento que a série deu ao *logos* e à mente luminosa — estrutura, nunca nome da Luz [hipótese do estudo, por analogia com as decisões de 03/11/2026 sobre os Estudos II e I]? Se sim, os capítulos 3 e 6 os registram; se não, ficam como notas.

Da luz de quem passa-se à pessoa que a carrega (4.2).

### 4.2 A pessoa e a identidade: três escolas

A Ficha escreveu “Participação vs. identidade: no advaita”, e o escopo está certo; o que ela não registra é que a casa tem outras duas escolas, que dizem outra coisa do *jīva* (a alma individual).

Śaṅkara escreve, no *Comentário aos Brahmasūtra* (II.1.14), que a doutrina que dá ao *jīva* o seu Si em *Brahman* desfaz a existência independente da alma individual, como a corda desfaz a serpente, e que o mundo é tido por verdadeiro até o despertar (ver 2.12, 2.10) [V-en: Thibaut; paráfrase].

Rāmānuja responde, no *Śrībhāṣya* (I.1.1), que o Si interior “brilha também na libertação” (ver 2.12) e que o *Brahman* tem as almas por corpo (ver 2.4); diz eternas as distinções entre elas (II.3.18; ver 2.2) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. Para ele a pessoa é real, distinta e eterna, e é também parte do corpo de Deus. De Madhva só há a exposição de um doxógrafo *advaita* (autor de um resumo das escolas), que lhe atribui cinco diferenças “reais e desde toda a eternidade”, entre elas a das almas entre si (ver 2.2) [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar].

A letra do cânon diz: “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). “Cada luz é singular” (Tratado das Águas Comuns, “Definição”), “irredutível” é dito da pessoa (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”), e “o nós não é um todo que absorve o eu e o tu” (Tratado das Águas Comuns, “Síntese”). Sobre a natureza do eu o cânon não tem tese, só sobre o seu valor e a sua integridade (Estudo I, 4.1) [leitura do estudo].

A fronteira tem três formas. Com Śaṅkara, a pessoa que o cânon chama luz “de alguém” é, no plano último, superposição (*adhyāsa*, tomar uma coisa por outra); o cânon não diz que é aparência nem que não é, e diz que o valor dela não se mede nem se perde [leitura do estudo]. Com Rāmānuja, a pessoa fica, e fica dentro de Deus nomeado; a letra não diz “eterna” da luz interior (fora da Antífona, que não é tratada neste estudo) nem “dentro de Deus”, e deixa o nome com quem crê.

Questão aberta (ck): a Ficha reescrita diz “no *advaita* de Śaṅkara” e registra que Rāmānuja afirma a pessoa distinta e eterna, mas dentro de Deus nomeado, e que Madhva, segundo um doxógrafo, afirma almas eternamente distintas [tese a confirmar] — de modo que a fronteira muda de forma e não desaparece? Se sim, o capítulo 6 corrige o escopo; se não, a Ficha segue dizendo “*advaita*”, com o escopo anotado ao lado.

Da pessoa passa-se aos outros (4.3).

### 4.3 A água comum e o Si

O Vedanta funda o cuidado com o outro no Si; o cânon, numa dívida, e a diferença está em quantos há.

Yājñavalkya diz a Maitreyī que o outro é amado por causa do Si (ver 3.11) e que, onde tudo se tornou o Si, “quem haveria para ver, e por meio de quê?” (*Bṛhadāraṇyaka* II.4.14) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo].

A letra do cânon diz: “Ninguém navega um rio privado” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”); “você não é o rio inteiro” (Meditações Práticas, “O sabbath do fluxo”). O que se deve ao outro vem de uma dívida: “Há uma luz devida ao outro antes de qualquer pacto” (decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII), e a letra da Vigília diz a frase do lobo (Cânon v1.2, “A Vigília”). Que a dívida exclua a fusão é [leitura do estudo]: ela pressupõe dois, e o Si do *advaita* é um porque, no fim, não há outros [inferência do estudo]. Rāmānuja e Madhva, para quem os outros também são reais, ficam fora desta fronteira.

Do outro passa-se ao que encobre a luz de cada um (4.4).

### 4.4 O que cobre e o que se revela

“Revelar, não fabricar” tem letra nas duas casas; a fronteira está no que cobre e no que se revela.

Śaṅkara diz, no *Upadeśasāhasrī* (I.12.15), que o Ver do *ātman* é “não diminuído e não produzido por fatores de ação” [V-en: Mayeda; tradução do estudo]. No *Comentário aos Brahmasūtra* (I.3.19), dá a imagem do cristal (ver 3.3) e ressalva que o que se manifesta é a alma “enquanto é o *Brahman* supremo”: o *jīva* assim manifesto “já não é *jīva*” [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. O que cobre é a *avidyā*, a ignorância: a superposição natural e sem começo, descrita na introdução do *Comentário* [V-en: Thibaut; paráfrase].

A letra do cânon diz que a luz “se revela, não se acende”, e que “revelar supõe presença anterior a qualquer olhar” (Tratado da Luz Interior, “Definição”; ver 3.3). O encobrimento tem três causas nomeadas, “medo, hábito, adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”; ver 3.2). “Ignorância” só ocorre na Ficha (Estudo X, 3.2), e o corpo, fixou a decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, “não encobre a luz”.

Duas fronteiras na mesma linha. O que cobre: em Śaṅkara a *avidyā* é metafísica, sem começo, e consiste em tomar-se por indivíduo; no cânon o encobrimento é do dia e é de uma luz presente. O que se revela: em Śaṅkara, a identidade com *Brahman*; no cânon, a luz anterior a qualquer conquista [leitura do estudo]. O cânon não faz do erro de percepção o modelo da condição humana: diz que há medo, hábito e expectativa, e que há noite (4.10).

Do que cobre a luz passa-se ao rio em que ela se carrega (4.5).

### 4.5 O *saṃsāra*, o Flumen e a *māyā*

O *saṃsāra* é um ciclo de que se sai, o Flumen é um rio em que se fica, e a Ficha escreveu “véu” onde a letra de Śaṅkara não o diz.

As Upaniṣads dizem que “por boa ação o homem se torna bom, por má ação, mau” (*Bṛhadāraṇyaka* IV.4.5), e a *Gītā* que, “como se deixam as roupas gastas e se tomam outras novas, assim se deixam os corpos gastos” (II.22) [V-skt; V-en: Olivelle; Edgerton; tradução do estudo]. É o *saṃsāra*, o ciclo do renascimento, que Śaṅkara diz sem começo (ver 2.12) e de que se sai pelo conhecimento: o *mokṣa*, a libertação.

O “véu” vem da introdução de Thibaut: a *māyā*, “como um véu, lhe esconde a sua verdadeira natureza” [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. A tradição lê (Eltschinger; Cohen), a partir de Hacker, que Śaṅkara quase não usa a *māyā* e a emprega sobretudo em comparações [V via secundária: Eltschinger; página a confirmar].

A letra do cânon diz que o rio é “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações” (Cânon v1.2, “Origem”) e que “somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II). O Legado é “uma ação concreta voltada a quem vem depois” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”), e “o rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”). “História” ocorre uma vez, em assunto alheio ao tema (Cânon v1.2, “Regra da ocasião”), e “história real” não é letra; a decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX pôs o valor na Lux, antes de qualquer história, e o “quem” na história que a Revisão do rio nomeia.

O *saṃsāra* é ciclo de que se sai; o Flumen é tempo e herança em que se fica e se deixa luz [leitura do estudo]. “Ciclo” não ocorre na letra. A margem do cânon é sempre posição dentro do rio; a Ficha, ao escrever “o rio tem margens”, usou-a como limite, um terceiro sentido que não é a margem do cânon nem a outra margem do budismo (Estudo I, 5.8; decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo I).

Questão aberta (cl): a *māyā* sai da Ficha como “véu” e entra a fronteira pela letra — o *saṃsāra* é ciclo de que se sai, o Flumen é o fluxo do tempo e das gerações em que se fica e se deixa luz —, e “margens” sai da Ficha IV, por homônimo com a margem do cânon? Se sim, o capítulo 6 troca a imagem; se não, a Ficha segue com a ressalva de que “véu” é de Thibaut, e não de Śaṅkara.

Do rio passa-se à margem e ao corpo (4.6).

### 4.6 O *saṃnyāsa*, a margem e o corpo

Duas fronteiras da mesma região: quem sai do rio para buscar a luz, e o que se faz do corpo.

Manu, que não é Vedanta, prescreve ao homem de duas vezes nascido que viva como asceta na quarta parte da vida (ver 2.8). É o *saṃnyāsa*, a renúncia, último dos estágios da vida (*āśrama*). Śaṅkara pede a quem investiga *Brahman* a renúncia ao fruto das

ações (ver 2.7), e o conhecedor segue no corpo até que o *karma* já iniciado se esgote, “como a roda do oleiro” [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. Sobre o corpo, a *Kaṭha Upaniṣad* dá a imagem da carruagem (ver 3.7), e em Śaṅkara a libertação é um estado “eternamente e essencialmente sem corpo” (ver 2.6).

A letra do cânon diz que “o retiro é discreto, e guarda a luz para devolvê-la ao fluxo” e que “a margem também é rio” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; ver 3.6); a decisão n.º 5 de 03/11/2026 sobre o Estudo II leu o retiro estoico ao lado da margem: “a margem devolve a luz”. “Renúncia” não ocorre na letra. O Corpus tem outra palavra: o corpo e o lugar “são seu instrumento” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV; ver 3.7), e “só templo: o corpo não encobre a luz” (decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X). “O corpo é o lugar da luz” não é letra.

A fronteira com o *saṃnyāsa* é de direção: o renunciante da lei de Manu sai do rio social; a margem do cânon fica no rio e devolve a luz [leitura do estudo]. Vale para o *saṃnyāsa* de Manu, não para todo vedantino (ver 2.7). A fronteira com o corpo é “sem corpo”: em Śaṅkara o estado último é sem corpo; no cânon o corpo é instrumento do espírito e templo [leitura do estudo].

Questão aberta (co): o *saṃnyāsa* e a margem — a Ficha reescrita registra a fronteira (o renunciante sai do rio; a margem devolve ao rio), par do retiro estoico (decisão n.º 5 de 03/11/2026 sobre o Estudo II)? E “sem corpo” × “a transcendência passa pela matéria; o corpo, o lugar, o ritmo […] são seu instrumento” entra como fronteira do Corpus? Se sim, o capítulo 6 as escreve; se não, ficam como notas.

Da margem e do corpo passa-se à ação (4.7).

### 4.7 A ação sem fruto e o Portar

A *Gītā* e o cânon pedem uma ação que não depende da vitória, e a fronteira está na direção desse não depender.

A *Bhagavad Gītā* dá o verso a um guerreiro que se recusa a lutar: o interesse só na ação, nunca nos frutos (II.47; ver 2.7). Śaṅkara o lê como ensino a quem ainda não é apto ao conhecimento: a ação sem fruto purifica a mente e não é o fim (ver 2.7).

O Portar é “levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz” (Catecismo, 14), e “quem o porta, navega” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III; ver 3.4). “Fruto” não ocorre na letra.

A fronteira é a direção: lá a ação larga o fruto por desapego, e em Śaṅkara o desapego é degrau; aqui o Portar leva consigo, como mensagem, o que a mudança traz [hipótese do estudo]. A Stoa consente e o cânon porta (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II), e o estudo não diz que a *Gītā* consente.

Questão aberta (cm): “só na ação, nunca nos frutos” (*Gītā* II.47; ver 2.7) lê-se ao lado do Portar como leitura, com a fronteira da direção dita na mesma frase (desapego do

fruto × mensagem que a mudança traz), como o Estudo II leu o *ta eph' hēmin* (“o que depende de nós”)? Se sim, o capítulo 3 a registra e o 5 a leva à Ficha; se não, fica como nota.

Da ação passa-se ao olhar sobre o dia (4.8).

### 4.8 “Quem sou eu?” e “onde minha luz ficou escondida hoje?”

As duas casas têm uma prática de olhar-se, e as perguntas são diferentes: uma pelo ser, outra pelo dia.

Śaṅkara dá ao Si interior o nome de testemunha (*sākṣin*) das modificações da mente (ver 2.3). Ramana Maharshi faz da pergunta um método: descartados corpo, sentidos e pensamento, resta “a consciência (*awareness*) que só ela resta: isso sou eu” (*Quem sou eu?* (*Nān Yār?*), Q1–2) [V-en: Sri Ramanasramam; tradução do estudo].

O Examinar são duas perguntas, “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I; ver 3.5). “Testemunha” não ocorre na letra. A letra diz “quem revisita o rio percorrido no dia” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”); que isso suponha alguém um passo atrás do dia é [leitura do estudo], e o dois-em-um de Arendt cabe na letra do Examinar “como leitura” (decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII).

A fronteira tem duas pontas. Em Śaṅkara a testemunha é o próprio *Brahman*, imóvel; no cânon quem examina é a pessoa, no dia, e recomeça amanhã. E “quem sou eu?” busca o que resta quando tudo o que não sou cai, ao passo que “onde minha luz ficou escondida hoje?” revisita o rio, e o cânon não investiga o Si [leitura do estudo].

Questão aberta (cn): a testemunha (*sākṣin*) lê-se ao lado do Examinar, com a fronteira “quem sou eu?” × “onde minha luz ficou escondida hoje?” dita na mesma frase, e a Ficha reescrita a registra? Se sim, o capítulo 3 a lê como leitura e o 5 a leva à Ficha; se não, a Ficha segue sem ela.

Do olhar sobre o dia passa-se a quem se escuta (4.9).

### 4.9 O *guru*, a *śruti* e a Bússola

A *śruti* (“o que foi ouvido”) é o texto revelado do Vedanta; o cânon tem um fundador e uma Bússola que apenas veta, e “revelar” é o homônimo que atravessa tudo.

As três escolas concordam que o *Veda* é autoridade; Śaṅkara o diz “meio de conhecimento correto de *Brahman*” e que o fato de tudo ter o seu Si em *Brahman* “não pode ser apreendido sem o auxílio da passagem da Escritura ‘Isso és tu’” (ver 2.4) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. A *Chāndogya* põe o mestre na cena: “quando um homem tem um mestre” (VI.14.2; ver 2.9). E a *Kaṭha* tem um verso de duas leituras, “só o homem que ele escolhe” (*vṛṇute*) e “revela a sua própria pessoa” (*vivṛṇute*); o estudo não decide entre elas (I.2.23; ver 2.9) [V-skt; V-en: Olivelle; Müller; tradução do estudo].

A Bússola “não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”), e o veto é “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X). “Revelação” como substantivo não ocorre; “mestre” aparece uma vez, no “mestre interior” de Agostinho, herança nomeada (decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). O cânon tem um fundador, que “somente ele altera a doutrina” (Cânon v1.2, “Parte IV — Papéis”), e não tem texto revelado: “o fundamento está nas próprias ideias, e é por elas que esta filosofia pede para ser julgada” (Cânon v1.2, “Origem”).

A *śruti* é revelada; a luz se revela: os dois verbos não se tocam [leitura do estudo]. O Vedanta pede mestre e texto; o cânon não tem mestre próprio nem texto revelado, mas admite que o olhar do outro seja o primeiro a ver a luz e que o Abrigo a revele encoberta, sem fabricá-la (decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII) [leitura do estudo]. A leitura *vṛṇute* soa à eleição que a decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII recusou (“aceita de Levinas a dívida e recusa a eleição”) [hipótese do estudo]: registra-se, e não se aproxima mais.

Questão aberta (cq): o *guru* e a *śruti* × a Bússola sem voz externa — a Ficha registra a fronteira (o cânon não tem mestre nem texto revelado), e o *vṛṇute* de *Kaṭha* I.2.23 fica como nota ao lado da eleição recusada em 19/10/2026? Se sim, o capítulo 6 as escreve; se não, ficam neste estudo.

Do mestre e do texto passa-se ao sofrer que se explica (4.10).

### 4.10 O *karma*, a noite e a Vigília

A fronteira da série, “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite”, ganha aqui letra vedântica, e a *Gītā* ganha a sua: uma resposta por metafísica, no campo de batalha.

Śaṅkara nega, ao comentar *Brahmasūtra* II.1.34, que o Senhor seja injusto ou cruel: “a desigualdade da criação deve-se ao mérito” das criaturas (ver 2.12), e o círculo da objeção se desfaz porque o mundo é sem começo. Fala, aí, pelo plano empírico [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. O que Rāmānuja e Madhva dizem desses *sūtra* é matéria a localizar [tese a confirmar]. A *Gītā* abre, no campo de batalha, com um argumento sobre quem morre: a Arjuna, que recusa lutar, Kṛṣṇa diz que o Si “não mata, não é morto” (II.19; ver 2.7), e no fim Arjuna diz que fará o que Kṛṣṇa disse (XVIII.73): o poema fecha em batalha [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]. É texto de guerra, e o estudo o diz sem tomá-lo pela descrição do Vedanta inteiro.

A Vigília “promete presença, não vitória”; “a luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite. Ela vela”; a noite é “o mal que ninguém causou”, o lobo, “o mal que alguém inflige”, e diante dele “resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro” (Cânon v1.2, “A Vigília”). Ela não se chama consolo “quando consolar é explicar”

(Tratado da Vigília, “Definição”). O Tratado lê o erro dos amigos de Jó como “a retribuição — a tese de que o sofrimento paga uma culpa” e diz que “a Vigília não lê a noite de cima nem do fim” (Tratado da Vigília, “Fundamentação”).

A decisão n.º 1 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII foi tomada sobre Hegel (a dialética aceita, a teodiceia recusada), e a decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII fixa que ela não se estende por si a outra casa e que o cânon “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”. A decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II diz que “o cânon não diz que a noite é prova”. O que o estudo opõe à retribuição é a letra do Tratado da Vigília [leitura do estudo].

A fronteira: o cânon não diz que a noite é merecida nem fruto de vida anterior, e não diz que a vida é sofrer [leitura do estudo]. Kṛṣṇa responde dizendo que ninguém é morto; a Vigília acompanha; não explica. O lobo se enfrenta porque a luz é devida, e não porque o Si não morra [leitura do estudo]. O estudo não faz o cânon recusar a ordem do todo, que a decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII deixou sem adoção nem recusa; só o erro que o Tratado nomeia, a retribuição como explicação.

Questão aberta (g): a justiça devida ao lobo segue aberta até o tratado da justiça (decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II); o estudo só registra a *ahiṃsā* (a não violência) e o dique de *Chāndogya* VIII.4.1 como matéria (ver 3.8).

Da explicação do sofrer passa-se ao que se herda por nascimento (4.11).

### 4.11 A casta, as mulheres e as almas

Esta é a fronteira da série que mais pesa no Vedanta; o estudo a diz com a letra, sem atenuar e sem acusar o que a letra não faz.

A *Chāndogya Upaniṣad* diz o nascimento como efeito da conduta: os de conduta imunda podem esperar “um ventre imundo, como o de um cão” (V.10.7; ver 2.12). Na *Gītā*, Kṛṣṇa diz que o sistema das quatro castas foi “criado por Mim” (IV.13) e que, de quem se refugia nele, até os de “origem baixa” (*pāpayonayaḥ*), mulheres, homens da casta artesã e servos vão à meta suprema (IX.32; ver 2.12) [V-skt; V-en: Olivelle; Edgerton; tradução do estudo]. A mesma frase abre a porta e usa o vocabulário do rebaixamento [leitura do estudo].

Dentro da letra há contrapeso: no sono profundo, “o pai não é pai […], o pária não é pária” (*Bṛhadāraṇyaka* IV.3.22) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]; e para Śaṅkara o mandamento “um brâmane deve sacrificar” só vale supondo superpostas ao Si “condições como casta, estágio de vida e idade” (introdução ao *Comentário*), de modo que a casta se relativiza no plano último e se mantém no rito [V-en: Thibaut; tradução do estudo].

A tradição que disputou a casta, dentro e fora do hinduísmo, discute o Vedanta com os mesmos textos, sem ser toda ela Vedanta: Kabīr, Radhakrishnan, que a defendeu, e Ambedkar (ver 2.12). Gandhi guarda a *varṇa* e recusa a intocabilidade: “nada na lei da

*varṇa* autoriza a crença na intocabilidade” (*Harijan*, 11/07/1936) [V-en: Gandhi; tradução do estudo]. A letra de Rāmānuja, dos *ālvār* e de Vivekananda sobre a casta fica por localizar [localização a confirmar].

A frase da série diz: “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega” (decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). Foi repetida para o escravo por natureza e a mulher (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI), para quem perde o lugar no mundo (decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII) e, diante do renascimento, do *kamma* e da desigualdade, para o Oriente (decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I). O valor é anterior a qualquer circunstância (ver 4.1), e “a Lux admite graus de visão, nunca de valor” (decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X).

O cânon não tem casta, *varṇa* nem *svadharma*; a única letra sobre a injustiça herdada é a de uma objeção: “a guerra em que se nasce, a injustiça estrutural herdada” (Disputatio, “1. Videtur quod non”, Objeção II).

A fronteira: se o nascimento é efeito da conduta, ele mede a pessoa; o cânon diz que nenhuma circunstância, nem a de nascer, a mede [leitura do estudo]. O *svadharma* (o dever próprio) da *Gītā* é dado pelo nascimento (XVIII.47; ver 2.8); a “vocação” da Mutatio nomeia a mudança, e não o ofício (Catecismo, 13–14). Em Madhva, a tese corrente é que as almas se dividem por natureza em classes, uma destinada às trevas [V via secundária: Sharma; tese a confirmar]; se confirmada, é a fronteira mais grave diante de “nenhuma pessoa está fora da Lux” [hipótese do estudo].

Questão aberta (cp): a casta e o *karma* diante de “nenhuma pessoa está fora da Lux” e de “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” (decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I) — a Ficha IV recebe as frases da série com letra própria (*Chāndogya* V.10.7; *Gītā* IX.32; *Brahmasūtra* II.1.34–36), com a tradição que disputou a casta registrada (Kabīr, Gandhi, Ambedkar, e Radhakrishnan, que a defendeu)? E Madhva (almas más por natureza) entra na mesma fronteira, se a letra confirmar? Se sim, o capítulo 6 as escreve; se não, ficam como notas.

Questão aberta (k): o mal estrutural segue aberta até o estudo de Marx; a decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I já estendeu a frase da série ao Oriente, e o estudo só pergunta se a Ficha IV a recebe com a letra de *Gītā* IX.32 (ver (cp)).

Da desigualdade herdada passa-se ao que não nasce nem morre (4.12).

### 4.12 “Não nasce nem morre” e a luz atemporal

“Atemporal” é letra do cânon; “eu atemporal” não é; “não nasce nem morre” é do *ātman*; as três coisas ficam separadas.

A *Kaṭha Upaniṣad* diz do sábio que não nasce nem morre, “primevo e perene” (I.2.18; ver 2.6), e a *Gītā* o repete do Si (II.20; ver 2.7) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do

estudo]. Yama o diz em resposta a Naciketas, que perguntou se o homem “é” ou “não é” depois da morte (I.1.20) [V-skt; paráfrase].

A letra do cânon: “cada pessoa carrega uma luz interior atemporal e vive imersa num rio” (Cânon v1.2, “Origem”; Catecismo, 1); a luz “já está lá, atemporal, esperando ser revelada” (Meditações Práticas, “O Acender da manhã”). “Atemporal” é dito da luz interior, e não do eu. “Morte”, “morrer” e “imortal” não ocorrem na letra, e ela não diz “eterna” da luz interior (fora da Antífona; ver 4.2). Quanto ao começo, “de onde vem o começo fica sem dizer, e a Lux não depende do começo” (decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII).

Há três separações. De sujeito: o *ātman* é o eu, e a Ficha, ao escrever “o eu atemporal”, pôs em português a frase do *ātman*; a troca de “luz” por “eu” é de sujeito, e importa diante de uma casa em que o eu é o Si [leitura do estudo]. De predicado: “não nasce nem morre” e “eterno” são ditos do Si; o cânon diz “atemporal” da luz e cala sobre a origem e sobre o depois. De resposta: Yama responde a Naciketas; o cânon não responde [leitura do estudo].

Questão aberta (j), a pergunta de Moriá: o Vedanta não traz passagem que a trate, e (j) segue como está.

Da luz atemporal passa-se à Ficha corrigida e à fórmula (4.13).

### 4.13 A Ficha corrigida e a fórmula

A Ficha de outubro tinha quatro frases, e nenhuma é inteira letra do cânon; o capítulo 6 as mede (6.1), e aqui basta nomear o que cada uma pede.

Na primeira, “O eu atemporal: o ātman que não nasce nem morre (Katha Up. II.18-19) é o eco mais direto da luz interior”, “atemporal” é letra, dita da luz; “eu atemporal” e “eco mais direto” são da Ficha (4.12). Na segunda, “Revelar, não fabricar: a ignorância encobre o que sempre esteve lá”, “revelar” e “não fabricar” têm letra nas duas casas (4.4), e “ignorância” é a palavra de *avidyā*. Na terceira, “Participação vs. identidade: no advaita, tat tvam asi — a individualidade é aparência; para nós cada luz é única e irredutível”, “identidade” é da Ficha, “no *advaita*” é só Śaṅkara (4.2) e “única” não é letra. Na quarta, “História real: o rio tem margens — não é véu (māyā)”, “história real” não é letra, “margens” é homônimo e “véu” é de Thibaut (4.5).

Nos Estudos X, XI, XII, XIII e I, a fórmula “o Lumen Fluens aceita de X o A e recusa o B” recusa uma condição de que o valor da pessoa dependeria [leitura do estudo]. O estudo propõe “o Lumen Fluens aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução” [hipótese do estudo]. A descoberta é letra do cânon (“a dignidade não é conquistada, é descoberta”, Tratado da Luz Interior, “Definição”) e é o que o Vedanta diz com mais letra do que qualquer casa: o conhecimento não produz o Si, revela-o (Śaṅkara, *Comentário aos*

*Brahmasūtra*, I.3.19; *Upadeśasāhasrī*; ver 4.4). Entra como estrutura, não como palavra da letra védica, e não coincide com nenhum termo sânscrito.

A dissolução recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de se desfazer — a pessoa como superposição a remover —, e não a unidade nem o *Brahman*, que ficam com o Vedanta; o nome fica fora da fórmula. A letra vizinha é "abrir-se não é diluir-se" (Tratado das Águas Comuns, "Objeção provável e resposta breve").

A fórmula vale diante do *advaita* de Śaṅkara; diante de Rāmānuja e Madhva, que mantêm a pessoa, a fronteira muda de forma (origem nomeada × origem em aberto), e o estudo o diz na mesma frase (4.2).

Caem quatro letras. "Aceita o Si como luz e recusa o Si como Todo": "Si" é nome védico, e "Todo" colide com a ordem do todo (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII). "Aceita a testemunha e recusa a identidade": "testemunha" é do Vedanta, e "identidade" colide com os pilares da identidade (Lux) e com a leitura *idem* de Ricoeur. "Aceita a luz que se revela e recusa a dissolução da pessoa": aceitar "a luz" na voz do Vedanta é aceitar o *jyotis*, e "da pessoa" afirma tese sobre o eu, que o cânon não tem. "Recusa a identidade", sozinha: pelas mesmas razões. Fica a reserva "aceita a testemunha, como leitura, e recusa a dissolução", se o fundador quiser a imagem védica.

Questão aberta (ci): a fórmula da série para o Vedanta. O estudo propõe "o Lumen Fluens aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução", com o escopo das escolas dito na mesma frase [hipótese do estudo]. A fórmula é do fundador: ele a aprova, a emenda ou escolhe a reserva?

Questão aberta (cr): a Ficha reescrita. O estudo propõe, no capítulo 6, cinco toques e cinco fronteiras, com a disputa de família do Estudo I incorporada e "a luz interior atemporal" no lugar de "o eu atemporal"; o fundador aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo? Se aprova, as quatro frases deixam a Ficha; se mantém, ela fica como apontamento, "não cânon", com as correções ao lado.

Do capítulo 4 passa-se ao Vedanta diante das casas da série (capítulo 5).

## 5 O VEDANTA DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE

Os capítulos 3 e 4 põem o Vedanta diante do cânon; este o põe diante das casas que a série já visitou: os clássicos ouvidos de Hegel (Estudo VII) a Arendt (Estudo XIII), a Stoa (Estudo II) e o budismo (Estudo I), mais o cristianismo (Estudo III, escrito em paralelo a este), o existencialismo (Estudo V) e o taoísmo (Estudo VI), que aqui são só portas. Em cada casa diz-se o que o autor escreveu ou calou do Vedanta, o que a tradição discute e o que o cânon responde. O Vedanta tem três escolas: o *advaita* (“não-dualismo”) de Śaṅkara (c. 700–750 ou 788–820), o *viśiṣṭādvaita* (“não-dualismo qualificado”) de Rāmānuja (c. 1017–1137) e o *dvaita* (“dualismo”) de Madhva (1238–1317) [data a confirmar]. “O Vedanta diz” só se escreve quando as três concordam, e as casas, como se verá, quase sempre ouviram uma só.

### 5.1 Hegel: o “abstrato” e o corretivo da tradição

O Estudo VII, 4.4, já ouviu Hegel sobre a Índia; aqui o que ele disse é posto diante da letra de Śaṅkara e de Rāmānuja.

O texto publicado mais extenso de Hegel sobre a Índia é a resenha de 1827 ao ensaio de Humboldt sobre a *Bhagavad Gītā*. Dela o Estudo VII tirou que, por esse caminho, “a alma particular se torne Deus”, que Brahma “é a unidade apenas como universalidade abstrata, como substância sem determinação” e que lhe falta ser levado “até a determinação da subjetividade infinita”. Na resenha, Hegel não nomeia Śaṅkara nem o *tat tvam asi* (“tu és isso”) (Estudo VII, 4.4) [V via secundária: Estudo VII, 4.4; tradução do estudo].

A Ficha de outubro, que o VII resume, tomara o *ātman* (o Si) “que não nasce nem morre” por eco da luz interior, com a referência à *Kaṭha Upaniṣad* “II.18-19”; a numeração é a por *vallī* contínua, e a corrente é I.2.18–19 (ver 2.3) [Ficha, não cânon]. O VII concluiu que Hegel mostra onde cai a fronteira da Ficha, participação contra identidade, e que atrapalha, porque critica “um Vedanta de segunda mão, sem Śaṅkara” (Estudo VII, 4.4) [leitura do estudo].

A tradição lê a resenha como o testamento de Hegel sobre a Índia. Halbfass, o estudioso da recepção europeia da Índia, vê ali o hinduísmo como protótipo da religião da substância e o absoluto indiano como negação abstrata (*India and Europe*) [V-en: Halbfass; paráfrase]. Nas lições, Hegel verte *māyā* por “a delusão causada pelo mundo exterior” (*Filosofia da história*, na versão inglesa de Sibree) [V-en: Sibree; tradução do estudo]. A tradição responde que a “delusão” não está em Śaṅkara: Eltschinger, citado por Uskokov e Buescher, escreve que ele não tem teoria específica da *māyā* e a usa “sobretudo em símiles” (ver 2.10) [V via secundária: Eltschinger; tradução do estudo].

Do Vedanta há duas respostas. Śaṅkara dá o conjunto da existência por verdadeiro “até o dormente acordar” (*Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.14; ver 2.10) [V-en: Thibaut;

tradução do estudo]: o mundo é real no plano da lida comum (*vyāvahārika*), e a "delusão" de Hegel não é a dele. Rāmānuja pesa a mesma coisa pelo outro prato, e o "eu" persiste na libertação (*Śrībhāṣya*, I.1.1; ver 2.12). A crítica que Hegel faz de fora ao absoluto sem determinação, Rāmānuja a faz de dentro contra o *advaita* [hipótese do estudo].

O cânon responde como o VII respondeu. A pergunta de Hegel, o que vale a pessoa em si, é vizinha da pergunta da série; os rótulos, "abstrato", "panteísmo", "substância sem determinação", ficam com quem os pôs. "O estudo segue Hegel na pergunta, não nos rótulos" (Estudo VII, 4.7), e a série "visita casas, não as gradua" (Estudo VII, 4, abertura) [leitura do estudo]. O rótulo de Hegel ajusta-se, quando se ajusta, a uma das três escolas, pois Rāmānuja e, pela exposição de um autor de resumos das escolas (um doxógrafo), Madhva afirmam a pessoa (ver 5.3) [leitura do estudo].

Do abstrato de Hegel passa-se ao leitor que ligou o Vedanta ao budismo (5.2).

### 5.2 Schopenhauer: o leitor que ligou o Vedanta e o budismo

Schopenhauer escreveu de fora, como Hegel, mas com afinidade; vê-se o que a tradição lhe corrige.

No prefácio de 1818 ao primeiro volume de *O mundo como vontade e como representação*, ele chama o acesso aos Vedas e às Upaniṣads "a maior vantagem que este século ainda jovem desfruta" [V-en: Haldane–Kemp; tradução do estudo]. No § 63 cita "*Tatoumes*, mais corretamente *tat twam asi*, que significa: 'isto és tu'", e no § 66 faz da fórmula o fundamento da compaixão: quem puder dizê-la de todo ser, "com conhecimento claro", está "seguro de toda virtude e bem-aventurança e no caminho direto para a redenção" [V-de; tradução do estudo]. Do budismo ele disse, no segundo volume (cap. 17), que, se tomasse os resultados da sua filosofia por medida da verdade, teria de lhe conceder "a primazia" (*den Vorzug*) sobre as outras religiões (Estudo I, 5.2) [V via secundária: Estudo I, 5.2; tradução do estudo].

Ele põe, pois, as duas fontes indianas no mesmo livro, e uma leitura corrente da tradição o conta entre as primeiras leituras ocidentais do budismo (Estudo I, 5.6) [tese a confirmar]. Que as tenha ligado num só testemunho é [leitura do estudo; localização a confirmar].

A tradição corrige a fórmula por três lados. Primeiro, o *tat tvam asi* moderno passou por mediação ocidental: Decock e Debona (2024) dizem que Hacker foi o primeiro a assinalar a influência de Schopenhauer em Vivekananda e registram as críticas que ela recebeu [V via secundária: Decock e Debona; paráfrase]. Segundo, Deussen pôs os indianos, Parmênides e Kant como as três descobertas da metafísica (*The System of the Vedanta*, Introdução, p. 48) [V-en: Johnston; paráfrase], o que faz dele o filtro kantiano pelo qual o *advaita* entra na academia [leitura do estudo]. Terceiro, a fórmula é ela mesma tese

de tradução: as quatro leituras de *Chāndogya Upaniṣad* VI.8.7, de “é assim que és” (Olivelle) a *atat tvam asi* (Madhva, via Radhakrishnan), estão em 1.4.

O cânon não tem “compaixão” em escrito algum (Estudo I, 5.2). A decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII, “aceita de Levinas a dívida e recusa a eleição”, diz que há “uma luz devida ao outro antes de qualquer pacto”; a letra da Vigília diz “uma luz devida ao outro” do lobo (Cânon v1.2, “A Vigília”). O capítulo 4 mede os dois fundamentos, o *tat tvam asi* e a dívida (ver 4.3).

Do leitor que ligou as duas fontes passa-se à genealogia negada de Levinas e ao limite de Ricoeur (5.3).

### 5.3 Levinas e Ricoeur: a genealogia negada e o limite de memória

Dos dois a série ouviu pouco do Vedanta (Estudo VIII, 4.6; Estudo IX, 4.6).

Nos dois volumes que o VIII leu, Levinas não trata de Vedanta. Há duas frases genealógicas: a metafísica grega vislumbrou uma estrutura que admite um além “sem contribuição de um pretenso pensamento oriental”, e a noção de um ser acima do ser “não deve, portanto, ser reconduzida a nenhuma sabedoria oriental” (*Totalidade e Infinito*) [V via secundária: Estudo VIII, 4.6; tradução do estudo]. São reparos sobre a origem de uma ideia, e não juízo sobre doutrina. À pergunta que o VIII tirou dele, o outro foi posto antes do ser, da liberdade, do sistema? (Estudo VIII, 4.7), o Vedanta não responde com uma voz.

A *Chāndogya Upaniṣad* diz, no ensino a Śvetaketu, “no início havia a existência, apenas Um, sem segundo” (VI.2.1) [V-skt; V-pt via secundária: Loundo]. Rāmānuja afirma o “eu” que persiste (ver 2.12), e a escola de Madhva, na exposição de Cowell e Gough, uma diferença entre as almas “real e desde toda a eternidade” (ver 2.2) [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar].

Ricoeur marca um limite ao falar das culturas que não são as da sua memória: as orientais “não fazem parte de minha memória finita” (*Autobiografia intelectual*, ed. esp.) [V via secundária: Estudo IX, 4.6; tradução do estudo]; essas civilizações “bem valem” a grega e a judaica, mas o ponto de vista de onde se veria esse valor “ainda não existe” (*Finitude e culpabilidade*, ed. esp.) [V via secundária: Estudo IX, 4.6; tradução do estudo].

O Estudo IX, 3.2, nomeou o risco da leitura *idem* (ver 4.12), e a decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX o pôs em registros distintos: “o valor está na Lux, antes de qualquer história; o ‘quem’ está na história que a Revisão do rio nomeia”. O verso da Ficha é o caso em que essa leitura soaria mais forte: “não nasce, não morre” (*Kaṭha Upaniṣad*, I.2.18; ver 2.6) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo] [inferência do estudo]. Que Ricoeur o diria *idem* sem *ipse* o estudo não sabe [hipótese do estudo].

O cânon diz “atemporal” da luz interior (Cânon v1.2, “Origem”; ver 4.12), e a letra não diz “eterna” da luz interior (fora da Antífona, que não é tratada neste estudo). Quanto

ao Vedanta, vale o que o IX disse do Oriente: “o cânon não responde, porque nada lhe foi perguntado” (Estudo IX, 4.6) [leitura do estudo].

Da genealogia negada e do limite de memória passa-se às pessoas lado a lado de Platão (5.4).

### 5.4 Platão: pessoas lado a lado e duas vizinhanças de palavra

Na Grécia o Vedanta não aparece como doutrina ao lado de doutrina (Estudo X, 4.7).

O Estudo X não achou intérprete nomeado que aproxime Platão do Vedanta. O que há são pessoas lado a lado: Jaspers põe Sócrates com Buda, Confúcio e Jesus, e Buber o nomeia ao lado de Abraão, Moisés, Jesus, Confúcio e Buda [V via secundária: Estudo X, 4.7]; põem pessoas, e não doutrinas [leitura do estudo]. A comparação entre o *Brahman* e o Bem, atribuída a Radhakrishnan e a Zaehner, fica sem texto de nenhum dos dois [tese a confirmar].

Há, porém, duas vizinhanças de palavra, do feitio das que o VII, 4.4, registrou. A primeira é a luz. A decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X, “o sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”, tomou a imagem do sol como estrutura. Na *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.3.2–6 (ver 2.3), a série das luzes de fora, sol, lua, fogo e voz, esgota-se antes que se diga que o Si é então “a sua fonte de luz” [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. Olivelle verte *jyotis* por *source of light* numa passagem que prepara o sono e o sonho; Hume, Müller e Radhakrishnan verteram *light*.

A *Kaṭha Upaniṣad* tem o mesmo gesto em verso: “ali o sol não brilha, nem a lua e as estrelas; […] por sua luz tudo isto resplandece” (II.2.15, que é 5.15 em Olivelle) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. Em Platão o sol sobe ao Bem; na Upaniṣad apaga-se para que se veja a luz do Si [leitura do estudo].

A segunda é o renascimento, ponto em que o cânon cala (Estudo I, 4.8) [leitura do estudo]: a *Gītā* o diz com a imagem das “roupas gastas” (II.22; ver 4.5) [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]. Nenhuma das duas tem intérprete, e o estudo não faz a ponte, como o X não fez a da Ficha IV com a reminiscência (Estudo X, 4.7) [hipótese do estudo].

Das pessoas lado a lado passa-se ao motor imóvel (5.5).

### 5.5 Aristóteles: o *Brahman* e o motor imóvel

Aristóteles não conheceu o Vedanta, e o que há é aproximação de intérprete (Estudo XI, 5.8).

O XI ouviu três aproximações, todas [tese a confirmar], entre elas o *Brahman* com o motor imóvel. Sem intérprete nomeado, este estudo não afirma essa: a ponte seria sua [hipótese do estudo]. Pela letra, vê onde ela teria de cruzar. Aristóteles diz que o motor

move “como amado”: “a causa final produz movimento sendo amada” (*Metafísica* XII, 7, 1072b3) [V via secundária: Estudo XI, 2.10; tradução do estudo], e o XI leu que ele “move como fim e não cria” (Estudo XI, 5.3) [leitura do estudo]. O *sūtra* de Bādarāyaṇa, que as três escolas comentam, define o *Brahman* pela origem, pela subsistência e pela dissolução do mundo (*Brahmasūtra*, I.1.2; ver 2.3) [V-skt; V-en: Thibaut; paráfrase]. A primeira diferença visível é, pois, entre o que move como fim e aquilo de que o mundo procede [leitura do estudo].

A decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI fixou que “nem o intelecto, nem o motor, nem o divino em nós dão nome à Luz”. O estudo propõe dar ao *Brahman* o mesmo tratamento, por analogia; a decisão não o menciona [hipótese do estudo; ver 7.3, questão (cj)].

Do motor imóvel passa-se às ausências de Agostinho e Arendt (5.6).

### 5.6 Agostinho e Arendt: o que não há, e uma palavra que muda de sentido

Aqui o capítulo descreve ausências (Estudo XII, 5.8; Estudo XIII, 5.9), e uma delas deixa um homônimo.

De Agostinho o XII diz que “budismo, vedanta e taoísmo não estão no texto de Agostinho, e isso é achado, não lacuna” (Estudo XII, 5.8) [leitura do estudo]. Há uma frase da *Cidade de Deus*: sábios de outras gentes, indianos entre eles, “viram e ensinaram” o que um pronome designa, e “a todos eles pomos à frente dos demais e confessamos mais próximos de nós” (VIII, 9) [V via secundária: Estudo XII, 5.8; tradução do estudo]; não há obra, doutrina nem nome.

O homônimo é o mestre. O Tratado da Luz Interior herda de Agostinho o “mestre interior”, que ensina “antes de qualquer voz externa” (“Fundamentação”), como herança nomeada (decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII; ver 4.9). O Vedanta tem outro mestre, o *guru* (*Chāndogya Upaniṣad*, VI.14.2; ver 2.9): um ensina antes de toda voz; o outro é uma voz, e a fronteira é do capítulo 4 [leitura do estudo].

Há ainda uma pergunta que a decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII, “aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção”, deixa audível. A *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.23, é lida de dois modos: *vṛṇute*, “escolhe” (Olivelle), e *vivṛṇute*, “revela” (GRETIL, Hume, Müller; ver 2.9) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. A leitura *vṛṇute* soa à eleição que a decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII recusou [hipótese do estudo]; a decisão do XII distingue a exceção de Agostinho dessa eleição, e o estudo não liga uma à outra (ver 4.9).

De Arendt o XIII não achou passagem sobre o Vedanta, nem intérprete que o ponha em conversa com ela [localização a confirmar]; o XIII anotou que isso “não diz coisa alguma sobre elas” (Estudo XIII, 5.9) [leitura do estudo]. O XIII notou que nenhuma decisão estendia ao Oriente as fronteiras da série; depois, a decisão n.º 6 de 03/11/2026

sobre o Estudo I fixou que “nenhuma pessoa está fora da Lux” diz-se também diante do renascimento, do *kamma*, da desigualdade e de “poucos cruzam” (ver 4.11). Na casa do Vedanta, a desigualdade tem nome próprio, a casta, e o renascimento e o *karma* são o modo como a tradição a explica (ver 2.12); o capítulo 4 os mede.

Das ausências de Agostinho e Arendt passa-se à Stoa (5.7).

### 5.7 A Stoa: o Si e o *logos*

O Estudo II deixou a pergunta ao IV: “o Vedanta, e a pergunta se o Si e o *logos* se comparam” (Estudo II, 5.8).

A Stoa dá nome ao que há de divino em cada um. Epicteto chama as almas “partes e pedaços” de deus (*Diatribes*, I, 14, 6) [V via secundária: Estudo II, 2.6; tradução do estudo], e Dinucci lê o universo estoico como “um ser vivo” que percebe suas partes (nota 471) [V-pt: Dinucci]. Rāmānuja lê o *tat tvam asi* de modo vizinho: “tu” designa *Brahman* “como tendo as almas individuais por corpo” (*Śrībhāṣya*, I.1.1; ver 2.4) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. Um todo vivo cujas partes são as almas: a forma é visível nas duas letras, e nenhum intérprete nomeado as compara [tese a confirmar]. O estudo a registra como leitura sua, e só de Rāmānuja [hipótese do estudo].

A diferença com o cânon é a que o II fixou para a centelha: ela é parte de um todo que a nomeia e a governa, e “a Lux é de alguém” (Estudo II, 4.1; ver 4.1) [leitura do estudo]. A decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo II diz que “o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* são estrutura, nunca nome da Luz”; o estudo propõe o mesmo tratamento ao *ātman*, por analogia, e a decisão não o estende [hipótese do estudo; ver 7.3, questão (cj)].

A outra vizinhança é o retiro. Marco Aurélio recolhe-se “em si mesmo” para voltar “àquilo a que você volta” (*Meditações*, IV, 3) [V via secundária: Estudo II, 3.6; tradução do estudo], e a decisão n.º 5 de 03/11/2026 sobre o Estudo II lê o retiro ao lado da margem: “a margem devolve a luz” (ver 3.6). O *saṃnyāsa* (a “renúncia”, a saída do mundo) é outro retiro, e o capítulo 4 o mede.

Da Stoa passa-se ao budismo (5.8).

### 5.8 O budismo: a disputa de família, medida pelo lado do Vedanta

O budismo é do Estudo I; aqui a disputa que ele ofereceu à Ficha IV é medida pelo lado do Vedanta, e não refeita.

O Estudo I, 5.8, a pôs assim: o Buda manda ver cada agregado como “isto não é meu” (*Saṃyutta Nikāya*, 22.59) e, perguntado se há um eu, cala-se (44.10); a disputa passa por dentro do budismo, entre a *Ratnagotravibhāga*, que diz evitar o extremo dos *tīrthika* (os não-budistas), e o *Mahāparinirvāṇa Sūtra*, que faz do eu o sentido de *tathāgatagarbha*

(a natureza de buda), ao que o budismo crítico responde que isso não é budismo [V via secundária: Estudo I, 5.8; tradução do estudo].

Do lado do Vedanta, o Si também se diz por negação, o *neti neti* (“não—, não—”; *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, III.9.26; ver 2.3) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. A negação é método nas duas casas; o que difere é o que ela deixa. Ramana Maharshi responde à pergunta “quem sou eu?” com o que resta ao descartar corpo, sentidos e pensamento, a consciência (*awareness*): “isso sou eu” (*Quem sou eu?*, Q1–2; ver 4.8) [V-en: Sri Ramanasramam; tradução do estudo].

A cronologia também pesa: a *Bṛhadāraṇyaka* e a *Chāndogya* são anteriores ao Buda na datação de Olivelle (ver 2.1), e o Buda fala, pois, depois delas [leitura do estudo]. Ambedkar escreve que *Brahma* “é uma ficção” e pergunta que “resultado frutífero” ele dá (*The Buddha and His Dhamma*, Livro III, Parte IV, § 3) [V-en: Ambedkar; tradução do estudo]. E há uma disputa dentro do Vedanta que repete a acusação de Hegel ao budismo (Estudo I, 5.1): Rāmānuja diz que negar o “eu” na libertação equivale a dizer que a libertação é “o aniquilamento do Si” (*Śrībhāṣya*, I.1.1; ver 2.12) [V-en: Thibaut; tradução do estudo].

O cânon responde como o I respondeu: a oposição que ele faz é “aberto × fechado”, e sobre a natureza do eu ele “não tem tese” (Estudo I, 4.1; ver 3.12) [leitura do estudo]. A decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I fixou que nem a mente luminosa nem a natureza de Buda viram nome da Luz, e “a Lux é de alguém” (ver 4.1). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cj)) se o *ātman*, o *Brahman* e o *tat tvam asi* recebem o tratamento que a série deu ao *logos* e à mente luminosa, estrutura e nunca nome da Luz [hipótese do estudo]. E a decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo I, segundo a qual a margem do cânon é dentro do rio, vale sem mudança: o *saṃsāra* (o ciclo dos nascimentos) corre em outra direção que o Flumen [leitura do estudo].

Do budismo passa-se às três portas (5.9).

### 5.9 O cristianismo, o existencialismo e o taoísmo: três portas

As três casas pertencem aos Estudos III, V e VI; aqui cada uma é só uma porta.

Ao cristianismo (Estudo III, escrito em paralelo) o Vedanta chega por Otto, que lê Śaṅkara ao lado de Eckhart sem igualá-los e dá a regra: “Cristo não é, no fundo, o mesmo que Krishna. Tampouco a mística é ‘a mesma’ no Oriente e no Ocidente” (*Mysticism East and West* (“Mística do Oriente e do Ocidente”), Parte B, Introdução, pp. 165–166) [V-en: Bracey e Payne; tradução do estudo]. Abhishiktananda, Panikkar, Griffiths e Dupuis ficam só apontados [tese a confirmar]. O cânon responde pela Independência confessional, que dá um nome, “para o cristão, é o próprio Deus”, e não gradua os outros (Cânon v1.2, “Independência confessional”). Hegel gradua pela “religião consumada” (Estudo VII, 4.3), Otto recusa a equivalência, e o cânon não faz nenhuma das duas [leitura do estudo].

Ao existencialismo (Estudo V) chega pelo singular e pelo papel. Sartre recusa o ponto de vista do Todo, “por princípio impossível” (*O ser e o nada*) [V via secundária: Estudo VII, 4.5; tradução do estudo], e Kierkegaard diz que o Singular é mais alto que o Universal (*Temor e tremor*) [V via secundária: Estudo VII, 5.1; paráfrase]; a Ficha V tocou o existencialismo contra a vida por papéis [Ficha, não cânon]. Heidegger e a Índia ficam sem intérprete nomeado [tese a confirmar].

Ao taoísmo (Estudo VI) chega pelo indeterminado. Hegel diz do Tao o que disse de Brahma: “o mais alto, o último, o originário […] é o nada, o vazio, o totalmente indeterminado” (Estudo VII, 4.6) [V via secundária: Estudo VII, 4.6; tradução do estudo]. A Ficha VI separou-se em “Impessoal vs. pessoal” [Ficha, não cânon], e essa linha passa por dentro do Vedanta: para Radhakrishnan, em Śaṅkara um “Deus pessoal” só tem sentido para a consciência religiosa prática (*Indian Philosophy* (“Filosofia indiana”), II) [V-en: Radhakrishnan; paráfrase], e Rāmānuja afirma a Pessoa Suprema (ver 2.9). A comparação clássica entre o *Brahman* e o Tao fica apontada, sem intérprete nomeado [tese a confirmar].

Das três portas passa-se ao padrão (5.10).

### 5.10 O padrão: o que as casas receberam do Vedanta e o que lhe opuseram

Olhadas juntas, as visitas deixam um desenho mais uniforme do que se esperaria de uma casa de três escolas.

O que as casas receberam foi a fórmula da unidade, e de uma escola só. Hegel recebeu Brahma como unidade abstrata; Schopenhauer, o *tat tvam asi* como fundamento da compaixão; Deussen e Otto, o Śaṅkara de Kant e de Eckhart; a própria Ficha, “no *advaita*”. Nenhuma das seções acima distingue Rāmānuja ou Madhva, e é neles que o rótulo falha [leitura do estudo]. Hegel opôs rótulos, o “abstrato” e a “delusão”; Levinas e Ricoeur não visitaram a casa (5.3), e o que disseram do Oriente não é oposição ao Vedanta. Com Platão, Aristóteles, Agostinho e Arendt, o Vedanta é ausência, e as pontes que se ouvem, o *Brahman* e o Bem, o *Brahman* e o motor, o Si e o *logos*, não têm intérprete nomeado [tese a confirmar].

A segunda coisa que se repete é a graduação. Hegel gradua as religiões; o Vedanta moderno gradua por dentro: “para o hindu, o homem não viaja do erro à verdade, mas da verdade à verdade, de uma verdade menor a uma maior” (Vivekananda, *Paper on Hinduism*, 1893) [V-en: Vivekananda; tradução do estudo]; “escala graduada” (Radhakrishnan, *The Hindu View of Life* (“A visão hindu da vida”), p. 33) [V-en: Radhakrishnan; tradução do estudo]. Hacker chamou isso inclusivismo, o modo de absorver as outras religiões como graus da própria [V via secundária: Lapshin]. A série não gradua: o inclusivismo é traço da casa, registrado, e não adotado, e o cânon não é grau do Vedanta nem o Vedanta grau do cânon [leitura do estudo].

As perguntas emprestadas por Hegel, Schopenhauer, Levinas e Ricoeur o Vedanta responde de modo diferente conforme a escola, e os capítulos 4 e 6 as recolhem [hipótese do estudo].

Do padrão passa-se à Ficha e às prévias (capítulo 6).

# 6 A FICHA E AS PRÉVIAS: O QUE A SÉRIE JÁ DISSE DO VEDANTA

O capítulo mede a Ficha de outubro e o que os Estudos VII a XIII, I e II disseram do Vedanta, e propõe uma Ficha reescrita. A proposta é do estudo; só o fundador altera a doutrina.

## 6.1 A Ficha do Estudo IV, toque a toque e fronteira a fronteira

A Ficha tem quatro frases, dois toques e duas fronteiras, e cada uma recebe um veredito pela letra do cânon e do Vedanta: confirmado, corrigido ou abandonado [leitura do estudo]. “Ignorância”, “véu”, “aparência” e “eu atemporal” não ocorrem no Cânon v1.2, nos Tratados, no Catecismo nem nas Meditações Práticas (conferido por busca no texto).

O primeiro toque diz: “O eu atemporal: o *ātman* que não nasce nem morre (*Katha Up.* II.18-19) é o eco mais direto da luz interior” [Ficha, não cânon]. “Atemporal” é letra, mas dita da luz: “uma luz interior atemporal” (Cânon v1.2, “Origem”; ver 4.12) e “ela já está lá, atemporal” (Meditações Práticas, “O Acender da manhã”). “Eu atemporal” é junção da Ficha, e a troca de sujeito pesa diante do *ātman* (o Si), que o Vedanta chama de eu.

A *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.18, diz do sábio que é “não nascido e eterno” (ver 2.6), e a *Bhagavad Gītā*, II.20, o repete (ver 2.7) [V-skt; V-en: Olivelle, Edgerton; tradução do estudo]. A Ficha numera a *Kaṭha* por *vallī* (seção) contínua, como Olivelle (“2.18”); as outras edições dão I.2.18–19, a mesma passagem, que este estudo usa. O cânon não diz isso da Lux: “morte” e “morrer” não ocorrem, e a origem “fica sem dizer” (decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII; ver 4.12). A letra da luz interior também não diz “eterna” (fora da Antífona, que não é tratada neste estudo) nem “imortal”. Veredito: corrigido no sujeito, não na palavra: “a luz interior atemporal”. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cr)) se a Ficha reescrita troca “o eu atemporal” por essa letra.

O segundo toque diz: “Revelar, não fabricar: a ignorância encobre o que sempre esteve lá” [Ficha, não cânon]. “Revelar, não fabricar” compõe duas letras: “a luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I; ver 3.3) e “reconhecê-lo, não fabricá-lo” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”; ver 3.3). “Ignorância” não ocorre; o Tratado nomeia três causas do encobrimento, o medo, o hábito e a adaptação às expectativas alheias (“Objeção provável e resposta breve”; ver 3.2), e a palavra da Ficha vem de *avidyā* (a não-ciência) [leitura do estudo]. “Sempre esteve lá” não é letra.

Do lado do Vedanta o toque tem letra. Śaṅkara compara o Si a um cristal puro, cuja transparência parece, antes do conhecimento discriminativo, indiscriminada das cores que o cercam (*Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19; ver 3.3), e diz que só o conhecimento destrói a ignorância, não a ação (*Upadeśasāhasrī*, I.1.6; ver 2.5) [V-en: Thibaut, Mayeda; tradução do estudo]. A fronteira está na mesma passagem: o que se manifesta é a alma individual “enquanto é o *Brahman* supremo”, não enquanto individual (ver 3.3). Veredito: toque

confirmado, com mais letra do que a Ficha deu; “ignorância” abandonada; “sempre esteve lá” trocado pela letra. O que se revela difere: em Śaṅkara, que o “eu” não era quem se pensava; no cânon, a luz de quem já se era [hipótese do estudo].

A primeira fronteira diz: “Participação vs. identidade: no *advaita*, *tat tvam asi* — a individualidade é aparência; para nós cada luz é única e irredutível” [Ficha, não cânon]. “Participação” tem uma letra, no parágrafo de Heráclito, limitada pela frase seguinte, que deixa a origem “em aberto” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”); é o corte que a decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo II desfez na Ficha II (Estudo II, 4.1). “Única” não é letra: a letra é “cada luz é singular” e “irredutível”, dito da pessoa (ver 4.2). “Individual”, no cânon, nomeia o fechamento: “pessoal, nunca individual” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; ver 4.2).

A Ficha escreve “no *advaita*”, e o escopo está certo; o que ela não registra é que a casa tem outras duas escolas, que dizem outra coisa do *jīva* (a alma individual). Para Śaṅkara, a doutrina de que a alma individual tem o seu Si em *Brahman* elimina a “existência independente da alma individual” (*Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.14; ver 2.12). Rāmānuja lê *tat tvam asi* (“tu és isso”; ver 2.4) como “um *Brahman* distinto pela diferença” e faz o *jīva* real e eterno, dentro de Deus (*Śrībhāṣya*, I.1.1 e II.3.18; ver 2.2) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. Madhva põe diferenças reais “desde toda a eternidade”, a das almas entre si incluída [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar].

Veredito: a fronteira fica, com o nome de Śaṅkara no escopo e o registro das outras duas escolas; para elas ela muda de forma e não desaparece, porque a pessoa é afirmada e a origem é nomeada onde o cânon a deixa em aberto (ver 6.4) [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (ck)) se a Ficha reescrita diz “no *advaita* de Śaṅkara” e registra Rāmānuja e Madhva.

A segunda fronteira diz: “História real: o rio tem margens — não é véu (*māyā*)” [Ficha, não cânon]. “História” ocorre uma vez no cânon, em assunto alheio ao tema (Cânon v1.2, “Regra da ocasião”); “véu” não ocorre. “O rio tem margens” é letra em outro sentido: “as águas comuns conhecem as margens” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; ver 3.6) diz o retiro dentro do rio, e na Ficha IV a margem tem um terceiro sentido, o de limite (Estudo I, 5.8).

*Māyā* como “véu” ou “ilusão” é leitura de Thibaut, não de Śaṅkara (ver 2.10). A tradição lê, na síntese de Eltschinger, que Śaṅkara quase não usa *māyā* e só em comparações [V via secundária: Eltschinger; tradução do estudo], e Śaṅkara escreve que a existência fenomenal é tida por verdadeira “até o dormente acordar” (*Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.14; ver 2.10) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. Veredito: abandonada como escrita; “véu”, “margens” e “história real” saem. Fica a fronteira entre o *saṃsāra* (o ciclo de renascimentos, “sem começo” em Śaṅkara; ver 2.12) e o Flumen, “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações” (Cânon v1.2, “Origem”) [leitura do estudo]. O

estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cl)) se *māyā* sai da Ficha como “véu” e se a fronteira passa a ser essa.

Da Ficha passa-se à disputa de família que o Estudo I ofereceu (6.2).

### 6.2 A disputa de família que o Estudo I ofereceu

O Estudo I deixou à Ficha IV uma disputa; este estudo a mede pelo lado do Vedanta e não refaz o I.

O Estudo I mediu a disputa dentro do budismo: o Buda cala diante da pergunta direta se há um eu (*Saṃyutta Nikāya* 44.10), e a tradição budista responde de mais de um modo (Estudo I, 5.8; ver 5.8). A resposta do cânon é por homônimo, “aberto × fechado” (Estudo I, 4.1; ver 3.12) [leitura do estudo]. A decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I deixa a mente luminosa e a natureza de Buda sem nome da Luz, e “a Lux é de alguém” (ver 4.1).

Vista do Vedanta, a disputa tem mais lados. A Upaniṣad diz o Si só por negação, “não—, não—” (*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, III.9.26; ver 2.3) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. Dentro da casa, Śaṅkara dissolve o “eu” como superposição (*adhyāsa*, tomar uma coisa por outra; ver 2.5), e Rāmānuja responde que o Si “brilha também na libertação” como um “eu” (*Śrībhāṣya*, I.1.1; ver 2.12) [V-en: Thibaut; tradução do estudo].

A disputa entra na Ficha como a pergunta “de quem é a luz?”. O Buda cala e a tradição budista responde de mais de um modo; o *advaita* de Śaṅkara responde “do *Brahman*”; Rāmānuja, “de cada *jīva*, dentro de Deus”; o cânon, “de alguém”, sem tese sobre a natureza do eu [leitura do estudo]. O Vedanta dá nome à sua luz: *Brahman*, testemunha (*sākṣin*), consciência (*cit*). O estudo pergunta ao fundador (ver 7.3, questão (cj)) se o *ātman*, o *Brahman*, o *sākṣin*, a *cit* e o *tat tvam asi* recebem o tratamento que a série deu ao *logos* e à mente luminosa: estrutura, nunca nome da Luz [hipótese do estudo].

Da disputa de família passa-se ao que as seções dos Estudos disseram do Vedanta (6.3).

### 6.3 As seções dos Estudos VII a XIII, I e II sobre o Vedanta

Esta seção confere com a letra o que cada estudo da série disse do Vedanta.

O Estudo VII (4.4) é o que mais diz. Hegel mal pronuncia “Vedanta”, resume que “a alma particular se torne Deus” e julga Brahma “substância sem determinação” [V via secundária: Estudo VII, 4.4]. O “abstrato” de Hegel tem, dentro da casa, uma crítica parecida que ele não cita: Rāmānuja diz que a teoria do *advaita* repousa “sobre um fundamento fictício de argumentos inteiramente ocos e viciosos” e que a realidade “é afetada pela diferença” (*Śrībhāṣya*, I.1.1) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]. O alvo coincide, o indiferenciado [hipótese do estudo].

A paráfrase de *sat-cit-ānanda* (ser, consciência, bem-aventurança), que o VII deixou sem localização, tem a tríade na *Taittirīya Upaniṣad*, II.1, *satyaṃ jñānam anantaṃ brahma*, “verdade, conhecimento, infinito: *Brahman*” [V-skt; tradução do estudo], e o composto em Ramana, *Quem sou eu?* (*Nān Yār?*), Q3 [V-en: Sri Ramanasramam; tradução do estudo]. A frase “pessoal, atemporal e irredutível”, que o VII atribui ao fecho das Fichas I a VI, não se acha nas Fichas nem no cânon [localização a confirmar].

O Estudo VIII (4.6) nada atribui a Levinas, que escreve só “sem contribuição de um pretenso pensamento oriental” (*Totalidade e Infinito*) [V via secundária: Estudo VIII, 4.6; tradução do estudo]; confirma-se. O IX (4.2) cita o *ātman* que “nem morre”, e (4.2) nomeia o risco de “atemporal” ficar ao alcance da leitura *idem* (a identidade como permanência), que a decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX resolveu pelos registros distintos. O X (3.2) anotou que “ignorância” só ocorre na Ficha IV, e o cânon, de fato, não a tem (ver 6.1).

O Estudo XI (5.8) ouviu a aproximação do *Brahman* com o motor imóvel, sem intérprete nomeado, e aqui também não há [tese a confirmar]. A ponte teria de escolher: no *Brahmasūtra*, I.1.2, que Śaṅkara comenta, *Brahman* é aquilo de onde procedem “origem, subsistência e dissolução” do mundo (ver 2.3); em Rāmānuja o mundo é o corpo de *Brahman* (*Śrībhāṣya*, I.1.1) [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo]; o motor do XI move “como amado” e tem por ato “pensamento do pensamento” (Estudo XI, 2.10) [leitura do estudo]. A ponte seria do estudo [hipótese do estudo].

O Estudo XII (5.8) diz que “budismo, vedanta e taoísmo não estão no texto de Agostinho, e isso é achado, não lacuna”; nada o desmente. O XIII (5.9) registrou que nenhuma decisão estendia as fronteiras da série ao Oriente; a decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I as estendeu, com a frase da série diante do renascimento, do *kamma* e da desigualdade (ver 4.11), e a extensão alcança o Vedanta [leitura do estudo].

O Estudo II (5.8) passou a este a pergunta se o Si e o *logos* se comparam. A decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo II fez do *logos*, da centelha, do *daimon* e do *spiritus* estrutura, nunca nome da Luz; nenhuma decisão o diz do Si, e a analogia é proposta do estudo (ver 6.2) [hipótese do estudo]. A diferença do II é de pertencimento: a centelha é parte de um todo, e “a Lux é de alguém” (Estudo II, 4.1; ver 4.1) [leitura do estudo]. Em Rāmānuja o *jīva* é corpo de *Brahman*; a ponte com o todo estoico, sem intérprete nomeado, seria do estudo [hipótese do estudo], e o capítulo 5 a mede.

Só o VII repete “no *advaita*” da Ficha, e nenhuma seção registra que Rāmānuja e Madhva afirmam a pessoa [leitura do estudo].

Das seções dos Estudos passa-se à proposta de Ficha reescrita (6.4).

### 6.4 A Ficha reescrita: aprovada pelo fundador

A letra abaixo foi proposta ao fundador na versão 1.0 e aprovada em 4 de novembro de 2026 (decisão n.º 10 de 4 de novembro sobre o Estudo IV), com dois acréscimos

marcados (decisões n.º 9 e n.º 11 de 4 de novembro sobre o Estudo IV); substitui a Ficha de outubro. Na versão 1.0 dizia-se: era uma proposta ao fundador, não uma decisão: a forma é a da Ficha II, toques e fronteiras com "×", uma linha cada, cinco de cada.

> Toques

> - A luz quando as de fora se apagam: "o Si é então a sua fonte de luz" (*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.3.6; ver 2.3) e a luz interior atemporal, "anterior a qualquer conquista" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I; ver 4.12); a Lux fica sem nome.

> - Revelar, não fabricar: o cristal de Śaṅkara (*Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19; ver 3.3) e "a luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I).

> - A luz encoberta: o disco de ouro sobre a face da verdade (*Īśā Upaniṣad*, 15; ver 3.2) e o encobrimento pelo medo, pelo hábito e pela adaptação às expectativas alheias (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve").

> - A testemunha e o Examinar: o pássaro que "olha" sem comer (*Muṇḍaka Upaniṣad*, 3.1.1; ver 2.3) e quem "revisita o rio percorrido no dia" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite"; ver 3.5).

> - A ação e o fruto: "só na ação, nunca nos frutos" (*Bhagavad Gītā*, II.47; ver 2.7) e o Portar (Catecismo, 14): desapego do fruto de um lado, a mensagem que a mudança traz do outro.

>

> Fronteiras

> - De quem é a luz?: no *advaita* de Śaṅkara, o Si é o *Brahman* (*tat tvam asi*; ver 2.4); para Rāmānuja, o *jīva* é real e eterno, dentro de Deus (*Śrībhāṣya*, I.1.1 e II.3.18; ver 2.2); Madhva, as almas eternamente distintas (ver 2.2) [tese a confirmar] × "a Lux é de alguém" (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I) e a origem que o cânon "deixa em aberto" (Tratado da Luz Interior, "Fundamentação"): origem nomeada × origem em aberto, em cada escola.

> - Pessoa × identidade: a doutrina que elimina a "existência independente da alma individual" (*Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.14; ver 2.12) × "pessoal, nunca individual" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns") e "abrir-se não é diluir-se" (Tratado das Águas Comuns, "Objeção provável e resposta breve"); no *advaita* de Śaṅkara, e só nele.

> - Dois rios: o *saṃsāra*, ciclo "sem começo" de que se sai (*Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.35–36; ver 2.12), e o *saṃnyāsa* (a renúncia), que deixa o "apego aos objetos do mundo" (*Manusmṛti*, VI.33, lei hindu que não é Vedanta; ver 2.8) × o Flumen, "o fluxo do tempo" em que se fica e se deixa luz (Cânon v1.2, "Origem"), e a margem, que guarda a luz "para devolvê-la ao fluxo" (Cânon v1.2, "As Águas Comuns"; ver 3.6).

> - O corpo: "simplesmente a carruagem" (*Kaṭha Upaniṣad*, I.3.3; ver 3.7) e o Si "imortal e sem corpo" (*Chāndogya Upaniṣad*, VIII.12.1; ver 3.7) × "instrumento" e "só

templo” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV; decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X): perto na palavra, longe no “sem corpo” [leitura do estudo].

> - A casta e o *karma*: o ventre “imundo, como o de um cão” (*Chāndogya Upaniṣad*, V.10.7; ver 2.12), os de “origem baixa” (*pāpayonayaḥ*, *Bhagavad Gītā*, IX.32, em Edgerton “base origin”; ver 2.12) e a desigualdade que Śaṅkara atribui ao mérito (*Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.34; ver 2.12) × “nenhuma pessoa está fora da Lux” (decisões n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII e n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I), “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” (decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I) e a Vigília, que não é consolo “quando consolar é explicar” (Tratado da Vigília, “Definição”) [leitura do estudo]. A tradição que disputou a casta, dentro e fora do hinduísmo, usa os mesmos textos sem ser toda ela Vedanta: Kabīr (Tagore, *Songs of Kabir*, poema II; ver 2.12), Ambedkar (*Annihilation of Caste*, § 20; ver 2.12) e Gandhi, que guarda a *varṇa* e recusa a intocabilidade (*Harijan*, 11/07/1936; ver 4.11); e a defendeu Radhakrishnan, para quem a casta é “produto da tolerância e da confiança”, hoje “degenerado num instrumento de opressão” (*The Hindu View of Life*; ver 2.12). Madhva e as almas más: [tese a confirmar].

> - O *guru* e a *śruti* × a Bússola: para Śaṅkara, o *Veda* possui “autoridade como meio de conhecimento correto de *Brahman*” (*Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.4; ver 2.9), e a *Chāndogya* põe o mestre na cena, “quando um homem tem um mestre” (VI.14.2; ver 2.9) × a Bússola, que “apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los” (Cânon v1.2, “A Bússola”), e o veto é “a própria Luz na pessoa, sem voz externa” (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X): o cânon não tem mestre nem texto revelado (ver 4.9). O *vṛṇute* de *Kaṭha* I.2.23, “só o homem que ele escolhe” (ver 2.9), fica como nota ao lado da eleição que a decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII recusou. [Acrescentado por decisão do fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 9)]

> - A mulher: Manu diz que “uma mulher nunca deve ser independente” (*Manusmṛti*, V.148, lei hindu que não é Vedanta; ver 2.8 e 3.11), e a *Gītā* conta as mulheres entre os de “origem baixa” (IX.32; ver 2.12 e 4.11) × “nenhuma pessoa está fora da Lux” (decisões n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII e n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI, que fixa a fronteira “do escravo por natureza e da mulher” como fronteira da série; ver 4.11). [Acrescentado por decisão do fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 11)]

Saem da Ficha “o eu atemporal” (entra a luz interior atemporal), “ignorância”, “sempre esteve lá”, “única”, “eco mais direto”, “participação”, “véu”, “margens” e “história real”; “no *advaita*” vira “no *advaita* de Śaṅkara”, com as outras duas escolas registradas [leitura do estudo]. A Ficha reescrita não dá nome à Lux (“A filosofia não decide isso por ninguém”, Cânon v1.2, “Independência confessional”). O que não cabe em uma linha fica nos capítulos 3 e 4: “não nasce nem morre” × “atemporal” (4.12), “quem sou eu?” × “onde minha luz ficou escondida hoje?” (4.8); as questões, no 6. A Ficha tem cinco toques e sete

fronteiras; entraram por decisão de 04/11/2026 as duas últimas, o *guru* e a *śruti* × a Bússola (n.º 9) e a mulher (n.º 11). O fundador a aprovou (ver 7.3, questão (cr)), e ela substitui a Ficha de outubro na Biblioteca do site.

Da Ficha reescrita passa-se à síntese do capítulo 7.

# 7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS

## 7.1 O que o estudo encontrou

O capítulo reúne o que os cinco anteriores mostraram e o põe diante do fundador. O estudo partiu de uma Ficha de quatro frases, a mais curta da série, e de uma tese — o Vedanta e o cânon partilham a estrutura da luz interior e divergem na resposta à pergunta "de quem é a luz?" — e chegou a cinco fronteiras — a do nome, a da pessoa, a do rio, a do corpo e a da casta e do *karma* — e a cinco toques, dos quais a Ficha tinha dois (6.4) [leitura do estudo].

A estrutura comum é a primeira coisa que o estudo encontrou, e é a mais próxima da série. "O Si é então a sua fonte de luz", quando as luzes de fora se apagam (*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.3.6; ver 2.3), e "cada pessoa carrega uma luz interior atemporal" (Cânon v1.2, "Origem") dizem que há uma luz que não vem de fora (3.1). O conhecimento, em Śaṅkara, não produz o Si: a alma "realizou a sua verdadeira natureza, embora na realidade já a tivesse realizado antes" (*Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19; ver 3.3), e no cânon "a luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I) — "revelar, não fabricar", a frase da Ficha, tem letra nas duas casas (3.3) [leitura do estudo].

A face da verdade coberta por um disco de ouro (*Īśā Upaniṣad*, 15) e a luz encoberta pelo medo, pelo hábito e pela adaptação (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve") são a mesma figura (3.2). "Só na ação, nunca nos frutos" (*Bhagavad Gītā*, II.47) e o Portar separam o que se faz do que se recebe (3.4). O pássaro que olha sem comer e quem "revisita o rio percorrido no dia" têm o mesmo recuo (3.5). "O mal não o queima; ele queima todo o mal" (*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.4.23; ver 3.8) e "Falhar na regra não apaga a luz" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia") dizem que o mal não alcança o que importa (3.8) [leitura do estudo].

A segunda coisa é que a estrutura comum tem, em cada toque, uma fronteira na frase seguinte. A luz do Si é o *Brahman*; a Lux é "de alguém" (decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I) e fica sem nome de origem (4.1). O que se revela, para Śaṅkara, é que "eu" não era quem pensava — o *jīva* assim manifesto "já não é *jīva*", diz a nota de Thibaut (3.3) —; o que se revela, no cânon, é a luz de quem já se era (4.4). O *karma-yogin*, o que age sem se prender ao fruto (*Bhagavad Gītā*, II.47; ver 2.7), desapega-se do fruto; o Portar é para levar mensagem, e a direção difere (4.7). A testemunha é o próprio *Brahman*, imóvel; quem examina, no cânon, é a pessoa, no dia, e recomeça amanhã — "quem sou eu?" e "onde minha luz ficou escondida hoje?" são duas perguntas, uma pelo ser, outra pelo dia (4.8). O mal não queima o Si porque o Si está além; o mal não apaga a luz porque a luz é intrínseca e a mão que retoma é o rio (3.8, 4.10) [leitura do estudo].

A terceira coisa é a fronteira da pessoa, que a Ficha tinha como "participação vs. identidade" e o estudo corrigiu de escopo. No *advaita* de Śaṅkara a pessoa é superposição a

remover, e onde tudo se tornou o Si não há quem veja (*Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, II.4.14; ver 4.3); no cânon a luz é “pessoal, nunca individual” e “abrir-se não é diluir-se” (4.2, 4.3). Mas o Vedanta tem três escolas: Rāmānuja afirma a pessoa eterna e distinta, e Madhva, por Cowell e Gough, as almas eternamente distintas [tese a confirmar] — dentro de Deus nomeado. Diante deles a fronteira muda de forma e não desaparece: já não é identidade × pessoa, é origem nomeada × origem em aberto (4.2). A Ficha dizia “no *advaita*” como se o Vedanta fosse só Śaṅkara; o estudo diz “no *advaita* de Śaṅkara” e registra as outras duas [leitura do estudo].

A quarta coisa é a fronteira do rio, que a Ficha tinha como “o rio tem margens — não é véu” e o estudo reescreveu. O *saṃsāra* é ciclo “sem começo” de que se sai; o Flumen é “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações” em que se fica e se deixa luz. O renunciante, na lei de Manu, sai do rio (ver 4.6); a margem do cânon “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”, e o Estudo II já leu assim o retiro de Marco Aurélio (4.5, 4.6).

“Véu” é imagem de Thibaut, não de Śaṅkara, e “margens” é homônimo com a margem do cânon, que é lugar de retiro dentro do rio: as duas palavras saem [leitura do estudo]. E o *karma* como explicação da desigualdade — “a desigualdade da criação se deve ao mérito e ao demérito das criaturas” (Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.34; ver 2.12) — a Vigília acompanha a noite e não a explica: o cânon “não diz que a noite é prova” (decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II) e não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) (4.10) [leitura do estudo].

A fronteira do corpo vem junto da do rio: o Si “imortal e sem corpo” (*Chāndogya Upaniṣad*, VIII.12.1; ver 3.7) e o corpo como “instrumento” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV) estão perto na palavra e longe no “sem corpo” (6.4) [leitura do estudo].

A quinta coisa é a casta, que o estudo diz com a letra e sem atenuar: o ventre “imundo, como o de um cão” para os de má conduta (*Chāndogya Upaniṣad*, V.10.7), os “de origem baixa” da *Gītā* (IX.32), a desigualdade atribuída ao mérito — e a tradição que a disputou, dentro e fora do hinduísmo, com os mesmos textos e sem ser toda ela Vedanta — Kabīr, Ambedkar, e Gandhi, que guarda a *varṇa* e recusa a intocabilidade —, e Radhakrishnan, para quem a casta é “produto da tolerância e da confiança”, hoje “degenerado num instrumento de opressão” (2.12, 4.11). A fronteira da série, “nenhuma pessoa está fora da Lux”, já alcançou o Oriente por decisão (n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I); o estudo pergunta se a Ficha IV a recebe com letra própria (4.11).

A sexta coisa é que a Ficha de outubro, medida frase a frase, não tem nenhuma linha que seja letra inteira (6.1). “Atemporal” é letra, dita da luz interior — e não do “eu”, que a Ficha pôs no lugar; “revelar, não fabricar” compõe duas letras; “ignorância”, “sempre esteve lá”, “única”, “identidade”, “véu”, “margens” e “história real” são da Ficha ou do tradutor. Quatro correções saem daí (4.13): “a luz interior atemporal”, não “o eu

atemporal”; “no *advaita* de Śaṅkara”, com as três escolas; “singular” e “irredutível”, não “única”; dois rios, sem “véu” e sem “margens”.

A sétima coisa é o padrão (5.10). As casas da série ouviram o Vedanta de segunda mão e quase sempre pelo *advaita*: Hegel leu Brahma como “substância sem determinação”, Schopenhauer o ligou ao budismo e à compaixão, Levinas negou a genealogia, o Estudo XI aproximou o *Brahman* do motor imóvel sem intérprete; em Agostinho e em Arendt não há Índia. O padrão é que a série só conheceu uma das três escolas, e este estudo é o primeiro a ouvir Rāmānuja [hipótese do estudo]. Da síntese passa-se à fórmula (7.2).

### 7.2 A fórmula

A série dá a cada casa uma fórmula de duas metades: o que o Lumen Fluens aceita dela e o que recusa. O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la: **o Lumen Fluens aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução.**

A descoberta entra como estrutura, não como palavra da letra védica. É letra do cânon: “a dignidade não é conquistada, é descoberta” (Tratado da Luz Interior, “Definição”); “a luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I); “ela já está lá, atemporal, esperando ser revelada” (Meditações Práticas, “O Acender da manhã”). E é o que Śaṅkara diz, e a Īśā ajuda a ver, com mais letra do que qualquer casa da série: o conhecimento não produz o Si, revela-o — o cristal de Śaṅkara (*Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19; ver 3.3), o *Upadeśasāhasrī*, o disco de ouro que se pede a Pūṣan que afaste (*Īśā Upaniṣad*, 15). A descoberta não coincide com nenhum termo sânscrito e não nomeia o que se descobre: é a estrutura que as duas casas afirmam [leitura do estudo].

A dissolução recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de se desfazer — a pessoa como superposição a remover, o *jīva* que, na nota de Thibaut, “já não é *jīva*” quando sabe (ver 3.3). Não é a unidade nem o *Brahman*, que ficam com o Vedanta como material; o nome fica fora da fórmula. O cânon diz, do seu lado, “pessoal, nunca individual” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) e “abrir-se não é diluir-se” (Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve”): recusa o indivíduo fechado e mantém a pessoa. A fórmula vale diante do *advaita* de Śaṅkara; diante de Rāmānuja e de Madhva [tese a confirmar], que mantêm a pessoa, a fronteira muda de forma — origem nomeada × origem em aberto —, e a mesma frase o diz. A fórmula marca a posição do cânon e não julga o Vedanta; não toca na ordem do todo (decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII) e não nomeia a Luz por contraste (4.13).

O estudo pesou outras letras e as deixou de lado, com a razão dita em 4.13: “aceita o Si como luz e recusa o Si como Todo” (“Si” é nome védico; “Todo” colide com a ordem do todo); “aceita a testemunha e recusa a identidade” (“testemunha” é do Vedanta e não tem letra no cânon; “identidade” colide com os pilares da identidade e com a leitura *idem* de Ricoeur); “aceita a luz que se revela e recusa a dissolução da pessoa” (aceitar “a luz” na

voz do Vedanta é aceitar o *jyotis*; “da pessoa” afirma tese sobre o eu, que o cânon não tem); e “recusa a identidade”, sozinha, pelas mesmas razões. Fica a reserva “aceita a testemunha, como leitura, e recusa a dissolução”, se o fundador quiser a imagem védica. A escolha é a pergunta (ci). Da fórmula passa-se às perguntas (7.3).

### 7.3 Questões abertas

As perguntas deste estudo vão de (ci) a (cr) e seguem às do Estudo III, escrito em paralelo, que vão de (by) a (ch). As herdadas (g), (j) e (k) vêm pelo nome. Nenhuma reabre decisão tomada; toda extensão de decisão ao Vedanta é hipótese do estudo; todas são do estudo, e só o fundador decide.

**(ci) A fórmula.** O estudo propõe “o Lumen Fluens aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução”, com a glosa de 7.2 e o escopo das escolas dito na mesma frase, e registra as letras que caíram e a reserva (“aceita a testemunha, como leitura, e recusa a dissolução”). O fundador adota, emenda ou escolhe a reserva? (4.13, 7.2) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 1): o Lumen Fluens aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução. A descoberta entra como estrutura — “a dignidade não é conquistada, é descoberta”; o conhecimento revela o que já era —, não como palavra da letra védica; a dissolução recusada é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de se desfazer — não a unidade nem o *Brahman*, que ficam com o Vedanta; o nome fica fora da fórmula. Vale diante do *advaita* de Śaṅkara; diante de Rāmānuja e Madhva, que mantêm a pessoa, a fronteira muda de forma — origem nomeada × origem em aberto. A reserva (“aceita a testemunha, como leitura, e recusa a dissolução”) não foi adotada.]

**(cj) “O Si é a sua luz” e os nomes.** “O Si é então a sua fonte de luz” lê-se ao lado de “a luz não se acende — ela se revela” como leitura, com a fronteira dita na mesma frase (a luz do Si é *Brahman*; a Lux é de alguém)? E o *ātman*, o *Brahman*, o *sākṣin*, a *cit* e o *tat tvam asi* recebem o tratamento que a série deu ao *logos* e à mente luminosa — estrutura, nunca nome da Luz [hipótese do estudo] —, por analogia com as decisões n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo II e n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I? (4.1) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 2): como leitura, com a fronteira dita na mesma frase — a luz do Si é *Brahman*; a Lux é de alguém. O *ātman*, o *Brahman*, o *sākṣin*, a *cit* e o *tat tvam asi* recebem o tratamento que a série deu ao *logos* e à mente luminosa: estrutura, nunca nome da Luz (decisões n.º 4 de 3 de novembro sobre o Estudo II e n.º 3 de 3 de novembro sobre o Estudo I); a Lux segue sem nome e de alguém.]

**(ck) As três escolas.** A Ficha reescrita diz “no *advaita* de Śaṅkara” e registra que Rāmānuja afirma a pessoa distinta e eterna, dentro de Deus nomeado, e que Madhva, segundo um doxógrafo, afirma almas eternamente distintas [tese a confirmar] — de modo que a fronteira muda de forma e não desaparece? (4.2) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 3): a Ficha reescrita diz “no *advaita* de Śaṅkara” e registra que

Rāmānuja afirma a pessoa distinta e eterna, dentro de Deus nomeado, e que Madhva, segundo um doxógrafo, afirma almas eternamente distintas; a fronteira muda de forma e não desaparece.]

**(cl) *Māyā, saṃsāra* e "margens".** A *māyā* sai da Ficha como "véu" (imagem de Thibaut, não de Śaṅkara) e entra a fronteira pela letra — o *saṃsāra* é ciclo de que se sai; o Flumen é o fluxo em que se fica e se deixa luz —, e "margens" sai da Ficha IV, por homônimo com a margem do cânon, que é dentro do rio (decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo I)? (4.5) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 4): "véu" é imagem do tradutor Thibaut, não de Śaṅkara; entra a fronteira pela letra — o *saṃsāra* é ciclo de que se sai, o Flumen é o fluxo em que se fica e se deixa luz —; "margens" sai por homônimo com a margem do cânon, que é dentro do rio (decisão n.º 4 de 3 de novembro sobre o Estudo I).]

**(cm) A ação sem fruto e o Portar.** "Só na ação, nunca nos frutos" (*Bhagavad Gītā*, II.47) lê-se ao lado do Portar como leitura, com a fronteira da direção dita na mesma frase (desapego do fruto × mensagem que a mudança traz), como o Estudo II leu, na Stoa, o que é encargo nosso e o que não é? (4.7) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 5): como leitura, com a fronteira da direção — desapego do fruto × mensagem que a mudança traz —, como o Estudo II leu "o que depende de nós".]

**(cn) A testemunha e o Examinar.** O *sākṣin* lê-se ao lado do Examinar, com a fronteira "quem sou eu?" × "onde minha luz ficou escondida hoje?" dita na mesma frase, e a Ficha reescrita a registra? (4.8) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 6): como leitura, com a fronteira "quem sou eu?" × "onde minha luz ficou escondida hoje?"; a Ficha reescrita a registra.]

**(co) O *saṃnyāsa*, a margem e o corpo.** A Ficha reescrita registra a fronteira do renunciante que, na lei de Manu, sai do rio × a margem que devolve ao rio, par do retiro estoico (decisão n.º 5 de 03/11/2026 sobre o Estudo II)? E "sem corpo" × "A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo […] são seu instrumento" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV) entra como fronteira do Corpus? (4.6) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 7): a Ficha reescrita registra a fronteira do renunciante que sai do rio × a margem que devolve ao rio, par do retiro estoico (decisão n.º 5 de 3 de novembro sobre o Estudo II); e "sem corpo" × "a transcendência passa pela matéria; o corpo, o lugar, o ritmo […] são seu instrumento" entra como fronteira do Corpus.]

**(cp) A casta, o *karma* e Madhva.** A Ficha IV recebe as frases da série — "nenhuma pessoa está fora da Lux" e "o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite" (decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I) — com letra própria (*Chāndogya Upaniṣad*, V.10.7; *Bhagavad Gītā*, IX.32; *Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.34–36), com a tradição que disputou a casta registrada (Kabīr, Gandhi, Ambedkar) e a leitura de Radhakrishnan? E

Madhva [tese a confirmar], com as almas más por natureza, entra na mesma fronteira, se a letra confirmar? (4.11) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 8): a Ficha IV recebe as frases da série — “nenhuma pessoa está fora da Lux”; “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” (decisão n.º 6 de 3 de novembro sobre o Estudo I) — com letra própria do Vedanta (*Chāndogya* V.10.7; *Gītā* IX.32; a teodiceia do *karma* em Śaṅkara), com a tradição que disputou a casta registrada (Kabīr, Gandhi, Ambedkar) e a que a defendeu (Radhakrishnan); Madhva entra na mesma fronteira se a letra confirmar.]

**(cq) O *guru*, a *śruti* e a Bússola.** A Ficha registra a fronteira — o cânon não tem mestre nem texto revelado; a Bússola “apenas veta”, e o veto é a própria Luz (decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X) —, e o *vṛṇute* de *Kaṭha* I.2.23 (“só o homem que ele escolhe”) fica como nota ao lado da eleição recusada (decisão n.º 1 de 19/10/2026, sobre o Estudo VIII)? (4.9) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 9): a Ficha reescrita registra a fronteira — o cânon não tem mestre nem texto revelado; a Bússola “apenas veta”, e o veto é a própria Luz (decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X) —; o *vṛṇute* de *Kaṭha* I.2.23 fica como nota ao lado da eleição recusada (decisão n.º 1 de 19 de outubro).]

**(cr) A Ficha reescrita.** O estudo propõe, em 6.4, cinco toques e cinco fronteiras, com a disputa de família do Estudo I incorporada e “a luz interior atemporal” no lugar de “o eu atemporal”; saem da Ficha “o eu atemporal” (entra a luz interior atemporal), “ignorância”, “sempre esteve lá”, “única”, “eco mais direto”, “participação”, “véu”, “margens” e “história real”. O fundador aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo? (4.13, 6.4) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 10): como proposta em 6.4, com a disputa de família do Estudo I incorporada, “a luz interior atemporal” no lugar de “o eu atemporal”, e com os acréscimos das n.º 9 e 11 — cinco toques e sete fronteiras; saem “ignorância”, “sempre esteve lá”, “única”, “participação”, “véu”, “margens” e “história real”; substitui a Ficha de outubro na Biblioteca do site.]

**(g) A justiça devida ao lobo.** O estudo registra a *ahiṃsā* (a não violência) e o dique de *Chāndogya* VIII.4.1 como matéria do tratado da justiça [hipótese do estudo]; (g) segue aberta até o tratado (decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II). (4.10) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 12): a *ahiṃsā* e o dique de *Chāndogya* VIII.4.1 entram como matéria do tratado da justiça ((g) segue aberta até o tratado).]

**(j) Moriá.** O Vedanta não traz passagem que a trate; (j) segue aberta. (4.12) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º 12): o silêncio do Vedanta sobre Moriá fica registrado ((j)).]

**(k) O mal estrutural.** A casta é a fronteira da série que mais pesa no Vedanta (4.11); a decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I já estendeu a frase da série ao Oriente, e o estudo só pergunta, em (cp), se a Ficha IV a recebe com letra própria; (k) segue aberta até o estudo de Marx. (4.11) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo IV, n.º

11): a casta e a mulher (*Gītā* IX.32; Manu V.148) registram-se na Ficha reescrita como fronteira, com quem as disputou; (k) segue aberta até o estudo de Marx para o mal estrutural.]

Das questões passa-se ao que o Vedanta oferece (7.4).

### 7.4 O que o Vedanta oferece

Ao Examinar, o Vedanta oferece a figura da testemunha: o pássaro que olha sem comer (*Muṇḍaka Upaniṣad*, 3.1.1; ver 2.3) e o *sākṣin* de Śaṅkara, "a testemunha de todas as modificações do órgão interno" (*Comentário aos Brahmasūtra*, introdução; ver 3.5) — e a fronteira que a separa do Examinar, que é da pessoa, no dia, e recomeça amanhã. O que fica para o Examinar é o recuo: quem revisita o rio do dia não é o rio (3.5) [leitura do estudo].

Ao Portar, oferece o verso mais citado da *Gītā*, "só na ação, nunca nos frutos" (II.47), e a fronteira da direção: o *karma-yogin*, o que age sem se prender ao fruto (ver 2.7), desapega-se do fruto; o cânon porta para levar mensagem (3.4, 4.7) [leitura do estudo]. O Estudo II já tinha o par estoico; o Vedanta dá o par indiano, e os dois mostram que o Portar tem direção, não só forma [hipótese do estudo].

À Lux, oferece o contato mais forte com a letra do cânon (3.1), "o Si é então a sua fonte de luz", e a cena de Janaka, que o estudo lê como a pergunta do cânon posta em outra casa: que luz resta quando as de fora se apagam? — e, na frase seguinte, a resposta que o cânon deixa em aberto (4.1) [hipótese do estudo]. O estudo oferece também a correção de "o eu atemporal" para "a luz interior atemporal", que a Ficha trocara e o estudo devolve à letra (4.12).

Às Fichas, oferece o que o estudo acrescenta. À Ficha do Estudo IV, a letra proposta em 5.4. À Ficha do Estudo III, em paralelo, a porta do diálogo hindu-cristão: Otto, que recusa a equivalência entre Śaṅkara e Eckhart, e, só apontados, Abhishiktananda e Panikkar [tese a confirmar] (5.9). À Ficha do Estudo VI, a comparação do *Brahman* com o Tao, que fica apontada, sem intérprete nomeado [tese a confirmar] (5.9). À Ficha do Estudo I, de volta, a disputa de família medida do lado do Vedanta: o Si dito por negação e as escolas que respondem de modos diferentes (5.8, 6.2).

E à série, oferece duas coisas de método. A primeira é a pluralidade de uma casa que a série ouviu como uma só: o Vedanta não é o *advaita*, e a fronteira muda de forma conforme a escola — a pergunta (ck). A segunda é a pergunta pelos nomes: se o tratamento que a série deu ao *logos* e à mente luminosa, estrutura e nunca nome da Luz, se estende ao *ātman*, ao *Brahman* e ao Si — a pergunta (cj). Da oferta passa-se à lamparina (7.5).

### 7.5 A lamparina

A *Īśā Upaniṣad* pede a Pūṣan, deus solar, que afaste o disco de ouro que cobre a face da verdade, para que quem a quer ver a veja (*Īśā Upaniṣad*, 15; ver 3.2) [V-skt; V-en: Olivelle; paráfrase]. A imagem é a que mais se aproxima, numa casa antiga, da luz encoberta do cânon: o que importa já está lá, e algo o cobre [leitura do estudo]. O cânon diz algo da mesma estrutura em duas frases: “a luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), e a luz encobre-se pelo medo, pelo hábito e pela adaptação às expectativas alheias (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”).

A diferença está no que se vê quando o disco se afasta. A Īśā não diz o que se vê. Em Śaṅkara, o que se manifesta é a alma “enquanto é o *Brahman* supremo”, e a nota de Thibaut diz que o *jīva* assim manifesto “já não é *jīva*” (*Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19; ver 3.3) [V-en: Thibaut; tradução do estudo]; no cânon, quem afasta o medo e o hábito vê a luz de quem já era, e continua sendo alguém [leitura do estudo].

A lamparina do cânon aparece em três lugares, e o Estudo II os leu em fila: de museu, quando só se protege (Cânon v1.2, “O Abrigo”); guardada do vento, na margem, com a volta marcada (“guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”); posta no rio, entregue às águas de todos (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”; Estudo II, 7.5) [leitura do estudo] — e nenhum dos três é a saída do rio. O Vedanta conhece a caverna do coração, onde o Si está escondido (*Kaṭha Upaniṣad*, I.2.20; ver 3.6), e o estudo a põe ao lado de “estar consigo” [leitura do estudo]; o que o estudo não faz é ver no *saṃnyāsa* uma margem, porque o renunciante, na lei de Manu, não volta e a margem devolve (4.6).

O estudo termina onde a Ficha de outubro começou, na luz que não nasce nem morre. A *Kaṭha* diz do sábio que “ele não nasce, não morre; não veio de lugar algum; não se tornou ninguém” (*Kaṭha Upaniṣad*, I.2.18; ver 2.6) [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]. O cânon diz menos, e diz outra coisa: “cada pessoa carrega uma luz interior atemporal” (Cânon v1.2, “Origem”), e “de onde vem o começo fica sem dizer” (decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII). Entre o que não nasce nem morre e o que é atemporal há a distância entre uma tese sobre o ser e uma afirmação sobre o valor — e o cânon só tem a segunda, “sobre a natureza do eu ele não tem tese, só sobre o seu valor e a sua integridade” (Estudo I, 4.1) [leitura do estudo].

A Ficha de outubro pôs “o eu” onde o cânon diz “a luz”; o estudo devolve a palavra e registra: diante da casa que mais se parece com o cânon na palavra “luz interior”, a Lux segue sem nome e de alguém, como decidiu o fundador (n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X; n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I). O que fica para ele é a pergunta (cj): se “o Si é então a sua fonte de luz” se lê ao lado de “a luz não se acende — ela se revela”, como leitura, com a fronteira dita na mesma frase, e se o *ātman*, o *Brahman*, o *sākṣin*, a *cit* e o *tat tvam asi* recebem o tratamento da série — estrutura, nunca nome da Luz [hipótese do estudo] (7.3).

# REFERÊNCIAS

## Bibliografia

Referências em ABNT simplificada: SOBRENOME, Nome. *Título*. Tradução. Cidade: Editora, ano. A numeração é contínua e corresponde aos blocos abaixo; as notas entre colchetes dizem como cada obra chegou ao estudo. Três estados são distinguidos: **edição de consulta** (a edição que a pesquisa de fontes do estudo abriu), **intermediário** (o leitor por cujo texto a passagem chegou) e **nomeada, não aberta** (a obra aparece no estudo, mas nenhuma edição foi aberta). Onde falta um dado, está escrito [dados a completar]; a cidade só aparece quando uma fonte a dá. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa. As edições brasileiras e portuguesas vêm primeiro em cada bloco que as tem; nenhuma foi aberta, e todo o português do Vedanta é tradução do estudo, salvo o que vem por intermediário nomeado. O sânscrito das Upaniṣads, da *Gītā*, dos *Brahmasūtra* e do *Yogasūtra* é o do GRETIL; o sânscrito dos comentários de Śaṅkara e de Rāmānuja não foi conferido. Só entram obras citadas nos seis arquivos do estudo (Prólogo e capítulos 1 a 6); as que a pesquisa de fontes e o plano nomeiam e o estudo não usa ficam fora (ver as Conferências pendentes, "Intérpretes conhecidos só por intermediário ou só nomeados").

### *O Vedanta: edições e leitores em português*


1. ARIEIRA, Gloria. *Upaniṣads*. Vidya Mandir [título exato, cidade e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta: citada só no Prólogo ("nenhuma tradução portuguesa foi conferida — nem as Upaniṣads de Gloria Arieira"). A pesquisa de fontes não achou edição aberta nem conferível; nenhuma passagem do estudo depende dela, e o português das Upaniṣads é tradução do estudo.]

1. DUARTE, Rogério (trad.). *Bhagavad Gītā*. Companhia das Letras, 1998 [cidade a completar]. [Nomeada, não aberta: citada só no Prólogo. Nenhuma passagem da *Gītā* depende dela; o português da *Gītā* é tradução do estudo, sobre o sânscrito (GRETIL) e sobre Edgerton (n.º 27).]

1. ROHDEN, Huberto. *Bhagavad Gītā* [título exato, editora e ano: dados a completar]. [Nomeada, não aberta: citada só no Prólogo, ao lado de Duarte (n.º 2).]

1. GERPE [prenome a completar], a partir de PRABHAVANANDA. *Os Upanishads: Sopro Vital do Eterno*. [Cidade a completar]: Pensamento, 1987, p. 46. [Intermediário: Carvalho, Gouvêa e Loundo (n.º 5), p. 154. É a única tradução portuguesa de Upaniṣad que o estudo viu, e por via secundária: *Chāndogya Upaniṣad*, VI.2.1, "No início havia a existência, apenas Um, sem segundo", com o sânscrito conferido no GRETIL [V-skt; V-pt via secundária: Loundo] (1.3 e 4.3). O livro não foi aberto.]

1. CARVALHO; GOUVÊA; LOUNDO [prenomes e título a completar]. *Principia* 17, UFJF, 2013, pp. 151–157. [Edição de consulta, trecho conferido (artigo de

intérpretes brasileiros que traduzem do inglês): leem a *Chāndogya* VI como afirmação da "não-diferença fundamental" entre *ātman* e *brahman* (p. 154), em leitura de matriz *advaita*. É o intermediário de Gerpe (n.º 4). Loundo chega só por este artigo; obra própria dele não foi aberta.]

1. BOTELHO, Octavio da Cunha [prenome conforme a pesquisa de fontes]. [Título a completar]. *Estudos Orientais* 5, USP, 2006 [página a confirmar]. [Edição de consulta, artigo aberto (1.3): *ātman* já foi vertido por "Alma, Ser, Eu, Ego, Espírito, Princípio de Vida", e o sentido varia com o contexto [V-pt: Botelho]. É a única voz brasileira conferida sobre a tradução dos termos.]

1. INSTITUTO GITA SOCIETY BRASIL. *Bhagavad Gītā* (Olavo Desimon, a partir de Ramananda Prasad), 2006 [título exato e cidade a completar]. [Edição de consulta, versão devocional e solta, com glosas do editor misturadas ao texto; serve de amostra do português corrente, não de texto. V.15 (5.15): "o véu da ignorância cobre o auto-conhecimento", onde "véu" e "auto-conhecimento" são acréscimos do tradutor (1.5) [V-pt: IGS Brasil]. IX.32 omite "mulheres" e "servos" e "não vale como texto" (1.12).]

***O Vedanta: originais em sânscrito***

1. *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*. Sânscrito, recensão Kāṇva (a de Olivelle), com o comentário de Śaṅkara, no GRETIL (Göttingen Register of Electronic Texts in Indian Languages); numeração *adhyāya.brāhmaṇa.verso* (IV.3.6). [Edição de consulta, com os marcadores [V-skt]: I.4.10; II.4 e IV.5 (Yājñavalkya e Maitreyī); II.4.5 (citada por Śaṅkara); II.4.14; II.5.19; III.2.13; III.8.8; III.9.26; IV.3.1–7; IV.3.22; IV.4.5–7; IV.4.23. A recensão Mādhyandina numera diferente e não foi usada. Em IV.3.1 o GRETIL imprime *sam enena vadiṣya* e Olivelle lê *sa mene na vadiṣye* (leitura em disputa, ver n.º 22).]

1. *Chāndogya Upaniṣad*. Sânscrito, no GRETIL; numeração *prapāṭhaka.khaṇḍa.verso* (VI.8.7). [Edição de consulta, com [V-skt]: V.10.7; VI.1.4; VI.2.1; VI.8.7; VI.13.2; VI.14.2; VI.16; VIII.1.1; VIII.4.1; VIII.12.1. O arquivo funde VI.1.6 e 1.7 e VI.10.2 e 10.3; o estudo segue a divisão de Olivelle (n.º 22).]

1. *Kaṭha Upaniṣad*. Sânscrito, no GRETIL (texto de Olivelle), numerado por *vallī* contínua (I.2.18 = 2.18; II.2.15 = 5.15). [Edição de consulta, com [V-skt]: I.1.20–29; I.2.4; I.2.18; I.2.20; I.2.23; I.3.3; II.2.15. Em I.2.23 o GRETIL imprime *vivṛṇute*, "revela", e Olivelle lê *vṛṇute*, "escolhe" (leitura em disputa, ver n.º 22). Numerações em uso: Olivelle e GRETIL, por *vallī* contínua; Hume, Müller e Radhakrishnan,

*adhyāya.vallī.verso*. A "Katha Up. II.18-19" da Ficha do Estudo IV é a numeração contínua; o estudo usa I.2.18–19 e declara as duas (1.3).]

1. *Muṇḍaka Upaniṣad*. Sânscrito, em sanskritdocuments.org (ITRANS convertido a IAST), e não no GRETIL; numeração *muṇḍaka.khaṇḍa.verso* (3.1.1), a de Olivelle. [Edição de consulta, com [V-skt]: 3.1.1 (os dois pássaros).]

1. *Īśā Upaniṣad*. Sânscrito, no GRETIL. [Edição de consulta, com [V-skt]: 15 («hiraṇmayena pātreṇa satyasyāpihitaṃ mukham»); 15–16 (o pedido a Pūṣan, em paráfrase).]

1. *Aitareya Upaniṣad*. Sânscrito, no GRETIL. [Edição de consulta, com [V-skt]: III.3 («prajñānaṃ brahma»).]

1. *Taittirīya Upaniṣad*. Sânscrito, no GRETIL. [Edição de consulta, com [V-skt]: II.1 («satyaṃ jñānam anantaṃ brahma»).]

1. *Māṇḍūkya Upaniṣad*. Sânscrito, no GRETIL. [Edição de consulta, com [V-skt]: 2 ("quatro quartos"). A *kārikā* de Gauḍapāda é o n.º 20.]

1. *Bhagavad Gītā*. Sânscrito, no GRETIL (arquivos de Śaṅkara e de outros comentadores); numeração de Edgerton, capítulo.verso. [Edição de consulta, com [V-skt]: II.19; II.20; II.22; II.47; III.35 = XVIII.47; IV.13; V.15; IX.32; XVIII.41–48; XVIII.44; XVIII.66; XVIII.73.]

1. *Brahmasūtra* (Bādarāyaṇa). Sânscrito, no GRETIL ("Sansknet"). [Edição de consulta, com [V-skt], só dos *sūtra*: I.1.1; I.1.2; I.1.3; II.1.14; II.1.34–36; o *sūtra* de I.3.19. A numeração do estudo é a de Thibaut (n.º 28 a 30); o GRETIL difere em alguns pontos: I.3.19 de Thibaut é 1,3.18 no GRETIL, e II.1.14 é 2,1.15. I.1.1–4 e II.1.34–36 coincidem.]

1. *Ṛgveda*. Sânscrito, no GRETIL (edição de Aufrecht); numeração *maṇḍala.sūkta.verso*. [Edição de consulta, com [V-skt]: I.164.46 («ekaṃ sad viprā bahudhā vadanti»).]

1. *Yogasūtra* (Patañjali). Sânscrito, no GRETIL (edição de Maas). [Edição de consulta, com [V-skt]: I.2–3; II.5 (a *avidyā* do *yoga* como leitura do estudo, não do Vedanta).]

1. GAUḌAPĀDA. *Māṇḍūkya-kārikā*, II.32. Sânscrito, em wisdomlib.org, ligado à edição de Nikhilananda (n.º 34). [Edição de consulta, com [V-skt]; "não há dissolução, nem nascimento, ninguém em servidão […]; esta é a verdade absoluta" (1.10). Página de Nikhilananda a confirmar.]

1. ŚAṄKARA e RĀMĀNUJA. Sânscrito dos comentários aos *Brahmasūtra*, do *Upadeśasāhasrī*, dos comentários à *Gītā* e do *Śrībhāṣya*. [Nomeado, não aberto: só os *sūtra* estão no GRETIL; as glosas, não. Toda a letra de Śaṅkara e de Rāmānuja chega em inglês (n.º 28 a 33) e leva [V-en]; nenhuma leva [V-skt], salvo o *sūtra* comentado.]

***O Vedanta: traduções em inglês e edições bilíngues***

1. OLIVELLE, Patrick. *The Early Upaniṣads: Annotated Text and Translation*. Oxford: Oxford University Press, 1998. [Edição de consulta, bilíngue, lida em escaneamento do archive.org; é a edição cujas páginas o estudo cita. *Bṛhadāraṇyaka*: I.4.10, p. 49; II.4 e IV.5, pp. 67–69 e 127; II.4.14, pp. 69–70; II.5.19, p. 75; III.8.8, p. 91; III.9.26, p. 101; IV.3.1–7, p. 111, com notas às pp. 515–516; IV.3.22, p. 115; IV.4.5–7, pp. 120–121 [página a confirmar]; IV.4.23, p. 127. *Chāndogya*: V.10.7, p. 237; VI.1.4, p. 247; VI.8.7, p. 253, com nota às pp. 560–561 (Olivelle segue Brereton, 1986); VI.13.2, p. 255; VI.14.2 e VI.16, p. 257; VIII.12.1, p. 285. *Kaṭha*: I.2.18, p. 385; I.2.23, nota à p. 605; I.3.3, p. 389; II.2.15 (5.15), p. 399 [página a confirmar]. *Muṇḍaka* 3.1.1, p. 449; *Īśā* 15, p. 141; *Taittirīya* II.1, p. 299 [página a confirmar]. Sem página no estudo [página a confirmar]: *Bṛhadāraṇyaka* III.2.13 e IV.4.5–7 (cap. 1); *Kaṭha* I.1.20–29, I.2.4 e I.2.20; *Chāndogya* VIII.1.1 e VIII.4.1; *Aitareya* III.3; *Māṇḍūkya* 2. Introdução, "As Upaniṣads antigas", pp. 12–13: a datação "tão estável quanto um castelo de cartas" e a ordem das Upaniṣads em verso. **Quatro leituras em disputa**, que o estudo declara e não decide: *Bṛhadāraṇyaka* IV.3.1 (*sam enena vadiṣya*, no GRETIL, × *sa mene na vadiṣye*, em Olivelle, seguindo Śaṅkara); IV.3.6–7 (*jyotis* como "fonte de luz", com a cena lida como preâmbulo ao sono e ao sonho, × "luz", em Hume, Müller e Radhakrishnan); *Kaṭha* I.2.23 (*vṛṇute*, "escolhe", × *vivṛṇute*, "revela"); *Chāndogya* VI.8.7 ("é assim que és", em Olivelle, × "tu és isso").]

1. OLIVELLE, Patrick. *Upaniṣads*. Oxford: Oxford World's Classics, 1996. [Nomeada, não aberta: é a "Olivelle 1996" do Prólogo e do capítulo 6 ("a referência das Upaniṣads"). A pesquisa de fontes diz que a de 1996 é a tradução de bolso e que as páginas lidas são as de 1998 (n.º 22); os capítulos 1 a 5 citam 1998. A divergência de referência está nas Conferências pendentes.]

1. RADHAKRISHNAN, S. *The Principal Upaniṣads*. Allen & Unwin, 1953 [cidade a completar]. [Edição de consulta: *Bṛhadāraṇyaka* IV.3.6–7, pp. 255–256 (*jyotis* como "light"); *Chāndogya* VI.8.7, pp. 458–459 ("That art thou"); p. ~467, sobre Madhva, *a-tat tvam asi*, "tu não és isto" [V via secundária: Radhakrishnan; tese a confirmar; página a confirmar].]

1. HUME, R. E. *The Thirteen Principal Upanishads*, 2.ª ed. Oxford: Oxford University Press, 1921. [Edição de consulta: *Bṛhadāraṇyaka* IV.3.6, pp. 132–133 ("light"); *Kaṭha* I.2.18, p. 349; *Kaṭha* I.2.23, "reveals his own person", que lê *vivṛṇute* como o GRETIL. Tradução anterior ao cuidado filológico de Olivelle.]

1. MÜLLER, Max (trad.). *The Upanishads*, parte 2. Sacred Books of the East 15. Oxford: Clarendon Press, 1884. [Edição de consulta: *Bṛhadāraṇyaka* IV.3.6, pp. 162–164 ("light"); *Kaṭha* I.2.23, "reveals his own person" [página a confirmar]. O SBE 1, que o plano lista, não é citado.]

1. EDGERTON, Franklin. *The Bhagavad Gītā*. Harvard Oriental Series 38–39. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1944. v. 1 (texto e tradução); v. 2 (interpretação). [Edição de consulta, com [V-en: Edgerton]: II.19; II.20; II.22; II.47; III.35 = XVIII.47 (p. 40); IV.13; V.15; IX.32; XVIII.41–48; XVIII.44; XVIII.66 (p. 177); XVIII.73. Páginas, quando faltam, são [página a confirmar] (cita-se por capítulo). A datação da *Gītā* ("provavelmente antes do início da nossa era, mas não mais que poucos séculos antes") é do v. 2, cap. I [página a confirmar]. Edgerton escreve "base origin" para *pāpayonayaḥ* (IX.32) e "obscured" para *āvṛta* (V.15). O capítulo 5 traz "HOS 38" onde os demais trazem "HOS 38–39".]

1. THIBAUT, George (trad.). *The Vedânta-Sûtras with the Commentary by Śaṅkarâkârya*, parte I. Sacred Books of the East 34. Oxford: Clarendon Press, 1890. [Edição de consulta, em reconhecimento óptico (OCR) do archive.org corrigido à mão, com as páginas lidas dos cabeçalhos; toda citação deve ser conferida na imagem da página antes do PDF. Numeração de Thibaut. Introdução de Śaṅkara, pp. 3–9 (o *adhyāsa*; a casta e o estágio da vida, pp. 7–8; a testemunha, pp. 8–9); I.1.1, p. 12 (*Brahmasūtra*, p. 9); I.1.2, pp. 14–15; I.1.3, p. 19; I.1.4, pp. 22–23, 23, 26 (*Bṛhadāraṇyaka* II.4.5, voz do adversário), 28 e 30; I.3.19, pp. 185–187 e nota 1 à p. 185; II.1.14, pp. 322 e 324; II.1.34, pp. 357–358 (a p. 358 para a glosa); II.1.35, p. 360. As passagens de I.3.34–38 (o *śūdra* e o estudo do Veda) não foram lidas e não se citam.]

1. THIBAUT, George (trad.). *The Vedânta-Sûtras with the Commentary by Śaṅkarâkârya*, parte II. Sacred Books of the East 38. Oxford: Clarendon Press, 1896. [Edição de consulta, em OCR: Śaṅkara, IV.1.15, "como no caso da roda do oleiro" — p. 358 no capítulo 1 e pp. 357–358 no capítulo 3 [página a confirmar].]

1. THIBAUT, George (trad.). *The Vedânta-Sûtras with the Commentary of Râmânuja*, parte III. Sacred Books of the East 48. Oxford: Clarendon Press, 1904. [Edição de consulta, em OCR: *Śrībhāṣya* I.1.1, pp. 39 (39–40 no capítulo 5), 69, 69–70, 70, 130, 131, 132 e 135; II.3.18–20, pp. 543 e 545–546.]

1. MAYEDA, Sengaku (trad.). *A Thousand Teachings: The Upadeśasāhasrī of Śaṅkara*. Albany: State University of New York Press, 1992. [Edição de consulta, em OCR do archive.org, com as páginas lidas dos cabeçalhos; o sânscrito do OCR não foi conferido; a cópia é de livro protegido (citar o mínimo e conferir em exemplar). *Upadeśasāhasrī* I.1.5, p. 103; I.1.6 e I.1.14, pp. 103–104; I.12.15, p. 130; II.2.46 e II.2.48, p. 234. O plano dá "1979"; o estudo cita 1992.]

1. MAHADEVA SASTRI, Alladi (trad.). *The Bhagavad-Gîtâ with the Commentary of Śrî Śaṅkarâchârya*. Mysore, 1901 [editora a completar]. [Edição de consulta (a 3.ª ed., 1918, também está no archive.org): *Comentário à Gītā*, II.47, p. 54; XVIII.66, pp. 453–454.]

1. ADIDEVANANDA, Swami (trad.). *Śrī Rāmānuja Gītā Bhāṣya*. Madras: Ramakrishna Math [ano a completar: a cópia digitalizada não o traz]. [Edição de consulta, em OCR: *Comentário à Gītā*, XVIII.66, p. 598, e nota do editor, pp. 599–600 ("ambas as leituras" ensinam só o *bhakti-yoga*).]

1. NIKHILANANDA, Swami (trad.). *Māṇḍūkyopaniṣad with Gauḍapāda's Kārikā and Śaṅkara's Commentary*. Mysore, 1936 [editora a completar]. [Edição de consulta, no texto do wisdomlib.org; *Kārikā* II.32 [página a confirmar].]

1. COWELL, E. B.; GOUGH, A. E. *The Sarva-Darśana-Saṅgraha*. Londres: Trübner, 1882, cap. V, pp. 94–95. [Intermediário de Madhva, e único: a exposição é a de um doxógrafo *advaita* (autor de um resumo das escolas), e não a letra de Madhva, que não foi achada. "Isto mesmo é real e desde toda a eternidade; se tivesse tido começo, teria fim", e as cinco diferenças. Tudo o que o estudo diz de Madhva é [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar]. Os prenomes dos tradutores são [dados a completar].]

1. BÜHLER, G. (trad.). *The Laws of Manu*. Sacred Books of the East 25. Oxford: Clarendon Press, 1886. [Edição de consulta, em inglês; o sânscrito não foi conferido. *Manusmṛti*: I.91 ("uma só ocupação: servir humildemente a esses outros três"); V.148, p. 195 ("uma mulher nunca deve ser independente"); VI.33 e VI.35, p. 205.]

1. WOODS, J. H. (trad.). *The Yoga-System of Patañjali*. Harvard Oriental Series 17. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1914. [Edição de consulta, em OCR; páginas inferidas dos cabeçalhos: *Yogasūtra* I.2–3, p. 8 ss. [página a confirmar]; II.5 (a *avidyā*). O estudo cita o *yoga* "para não confundir" (1.11).]

1. GRIFFITH, R. T. H. (trad.). *The Hymns of the Rigveda*, v. 1 [editora e ano a completar]. [Edição de consulta: *Ṛgveda* I.164.46, "ao que é um, os sábios dão

muitos títulos" [página a confirmar] (1.13).]

1. *Jābāla Upaniṣad*, 4. Tradução inglesa em página da Bhagavad Gītā USA, atribuída a Radhakrishnan [atribuição a confirmar]; sânscrito e tradutor não conferidos. [Intermediário: "no dia em que tiver o espírito de renúncia, nesse mesmo dia renuncie" (1.8) [tradução do estudo; atribuição a confirmar].]

***A tradição que lê o Vedanta: intérpretes***

1. THIBAUT, George. Introdução e notas. In: *Comentário aos Brahmasūtra*, SBE 34 (n.º 28), pp. xxv–xxvi; nota 1 à p. 3; nota 1 à p. 185. [Edição de consulta. Introdução, pp. xxv–xxvi: a alma não esclarecida é incapaz de ver "através e além de *Māyā*, que, como um véu, lhe esconde a sua verdadeira natureza" e *māyā* como "um princípio de ilusão": o "véu" é imagem do tradutor, e não de Śaṅkara (1.10, 3.5, 5.1). Nota 1 à p. 3: o sujeito "cuja natureza é inteligência (*cit*)" (1.3). Nota 1 à p. 185: o *jīva* "já não é *jīva*" (2.3, 3.4).]

1. BRERETON, Joel P. (1986) [prenome, título e dados a completar]. [Intermediário: Olivelle (n.º 22), notas às pp. 560–561: "é assim que és", qualidade e não identidade (1.4). O artigo não foi aberto [tese a confirmar].]

1. HACKER, Paul. "Eigentümlichkeiten der Lehre und Terminologie Śaṅkaras: Avidyā, Nāmarūpa, Māyā, Īśvara". *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft* 100 (1950), pp. 246–286. [Nomeada, não aberta; chega só por quem a cita (n.º 44 a 46): "Śaṅkara não tem teoria específica da *māyā* (ao menos no comentário aos *Brahmasūtra*), mas usa o termo sobretudo em comparações", a partir da p. 268 [página a confirmar]; *nāmarūpa* e *avidyā* em Cohen, pp. 248–249 e 253–254 [tese a confirmar]. O texto de 1950 é a fonte de 1.10, 3.5, 4.1 e 5.1.]

1. HACKER, Paul (1983) [título e dados a completar], pp. 14 e 20. [Intermediário: Lapshin (n.º 48). O *tat tvam asi* e a *Gītā* lidos como inclusivismo, o modo de absorver as outras religiões como graus da própria (1.13, 4.10) [V via secundária: Lapshin; tese a confirmar]. A obra não foi aberta.]

1. ELTSCHINGER [prenome a completar]. Mensagem à lista INDOLOGY, 9 abr. 2020, sobre Hacker (n.º 42), pp. 268 ss. [Intermediário, citado por Uskokov e Buescher (n.º 45): "Śaṅkara has no specific theory of māyā (at least in the Brahmasūtrabhāṣya), but mostly uses the term in similes". Mensagem de lista de discussão, não artigo [V via secundária: Eltschinger; página a confirmar].]

1. USKOKOV [prenome a completar]; BUESCHER [prenome a completar]. [Título e dados a completar]. [Intermediários de Eltschinger (n.º 44): citam a mensagem de 9

abr. 2020. A obra de Uskokov não foi aberta; Buescher (Hartmut, segundo a pesquisa de fontes) resume a tese de Hacker na lista INDOLOGY, na mesma data.]

1. COHEN [prenome a completar]. Mensagem à lista Advaita-L, 18 maio 2022, resumindo Hacker (n.º 42), 1950. [Intermediário: *nāmarūpa* como o que *avidyā* e *māyā* foram para os advaitinos tardios (1.10) [V via secundária: Cohen; tese a confirmar].]

1. SHARMA [prenome a completar; a pesquisa de fontes dá B. N. K. Sharma]. *The Philosophy of Śrī Madhvācārya*. Bombay, 1962 [editora a completar: Bharatiya Vidya Bhavan, segundo a pesquisa de fontes]. [Nomeada, não aberta: o capítulo 3 (3.11) a marca como [V via secundária: Sharma; tese a confirmar], sem intermediário nomeado. A tese corrente é que as almas se dividem por natureza em classes, uma destinada às trevas; "não afirmar a tese sem a letra".]

1. LAPSHIN [prenome a completar]. [Título a completar, em russo]. *Voprosy filosofii*, 2021, n.º 7, pp. 201–205 (resumo em inglês). [Intermediário de Hacker (n.º 43): o inclusivismo (1.13, 4.10). Só o resumo inglês foi lido.]

1. DECOCK, J.; DEBONA, V. [prenomes e título a completar]. *Trans/Form/Ação* 47(2), e02400287, 2024. [Intermediário: sobre Hacker, "Schopenhauer and Hindu Ethics" (n.º 51), e a influência de Schopenhauer em Vivekananda, com as críticas que ela recebeu (4.2) [V via secundária: Decock e Debona; paráfrase].]

1. HALBFASS, Wilhelm. *India and Europe*. Albany: State University of New York Press, 1988, cap. 6 ("Hegel"), pp. 84–99. [Nomeada, não aberta ao estudo; a pesquisa de fontes leu o texto digitalizado, e a paginação é inferida, [página a confirmar]. O hinduísmo como protótipo da religião da substância e o absoluto indiano como negação abstrata (4.1) [V-en: Halbfass; paráfrase]. Os caps. 7, 13, 21 e 22 não foram extraídos.]

1. HACKER, Paul. "Schopenhauer and Hindu Ethics" [dados a completar]. [Intermediário: Decock e Debona (n.º 49). Hacker como o primeiro a assinalar a influência de Schopenhauer em Vivekananda (4.2).]

1. DEUSSEN, Paul. *The System of the Vedanta*. Tradução de JOHNSTON [prenome a completar], 1912 [cidade e editora a completar], Introdução, p. 48. [Edição de consulta, em inglês: os indianos, Parmênides e Kant como as três descobertas da metafísica (4.2) [V-en: Johnston; paráfrase]. A página da nota sobre Kant e Śaṅkara é [página a confirmar].]

1. OTTO, Rudolf. *Mysticism East and West* (*Mística do Oriente e do Ocidente*). Tradução de BRACEY e PAYNE [prenomes a completar]. [Cidade a completar]:

Macmillan, 1932, Parte B, Introdução, pp. 165–166. [Edição de consulta, em inglês, sem edição portuguesa conferida: "Cristo não é, no fundo, o mesmo que Krishna. Tampouco a mística é 'a mesma' no Oriente e no Ocidente" (4.9) [V-en: Bracey e Payne; tradução do estudo]. Otto lê Śaṅkara ao lado de Eckhart sem igualá-los.]

1. RADHAKRISHNAN, S. *Indian Philosophy*, II. 2.ª ed., 1929 [edição conforme a pesquisa de fontes do estudo; cidade e editora a completar]. [Nomeada; a pesquisa de fontes a consultou com páginas aproximadas: a Parte III, capítulo sobre Śaṅkara, p. 525 ss. [página a confirmar] — "A 'Personal God' has meaning only for the practical religious consciousness" (4.9) [V-en: Radhakrishnan; paráfrase]; e a leitura de Madhva de *ayam ātmā brahma* como elogio (3.1) [V via secundária: Radhakrishnan; tese a confirmar].]

1. DEUTSCH, Eliot. *Advaita Vedanta: A Philosophical Reconstruction*. University Press of Hawaii, 1969. [Nomeado no Prólogo entre os intérpretes que a tradição lê; o estudo não cita obra nem página dele. A obra é a que a pesquisa de fontes (a pesquisa de fontes do estudo) registra; não aberta.]

1. RAMBACHAN, Anantanand. *Accomplishing the Accomplished*. Honolulu: University of Hawaii Press, 1991. [Nomeado no Prólogo; o estudo não cita obra nem página. A pesquisa de fontes (a pesquisa de fontes do estudo e 3) leu só o resumo da tese de Leeds, 1984: a *śruti* como único *pramāṇa* em Śaṅkara, contra as leituras que põem a experiência no centro [tese a confirmar].]

1. LIPNER, Julius. *The Face of Truth: A Study of Meaning and Metaphysics in the Vedantic Theology of Rāmānuja*. Albany: SUNY Press, 1986. [Nomeado no Prólogo; o estudo não cita obra nem página. Obra registrada pela pesquisa de fontes (a pesquisa de fontes do estudo); não aberta.]

1. ZAEHNER, R. C. [obra, editora e ano a completar]. [Nomeado em 4.4 (a comparação do *Brahman* com o Bem, atribuída a Radhakrishnan e a Zaehner, "fica sem texto de nenhum dos dois" [tese a confirmar]); a pesquisa de fontes o registra como intérprete da *Gītā* e não o abriu.]

***A Índia moderna e a tradição que contesta***

1. VIVEKANANDA, Swami. *Paper on Hinduism*. Parlamento das Religiões, Chicago, 19 set. 1893. [Edição de consulta, no Wikisource: "para o hindu, o homem não viaja do erro à verdade, mas da verdade à verdade, de uma verdade menor a uma maior" (4.10) [V-en: Vivekananda; tradução do estudo]. Datas: 1863–1902 [data a confirmar].]

1. RAMANA MAHARSHI. *Who Am I?* (*Nān Yār?*, *Quem sou eu?*). 8.ª ed. Tiruvannamalai: Sri Ramanasramam, 2010, pp. 12–13. [Edição de consulta, em inglês: Q1–2 ("Awareness which alone remains — that I am"); Q3, p. 13 (*sat-cit-ānanda*); Q5–6 (a corda e a serpente); Q16 (a dissolução do Si individual); Q20 (o *guru* e Deus "apenas mostram o caminho"). Datas: 1879–1950 [data a confirmar].]

1. RAMANA MAHARSHI. *Talks with Sri Ramana Maharshi*. Sri Ramanasramam, 1955, n.º 266. [Edição de consulta, em inglês: "não há libertação, e onde estão os libertados?" (1.6) [V-en: Sri Ramanasramam; tradução do estudo].]

1. AUROBINDO, Sri. *The Life Divine*. Calcutá: Arya Publishing House, 1940. [Nomeado no Prólogo entre as vozes da Índia moderna; o estudo não cita obra nem página. A obra é a que a pesquisa de fontes (a pesquisa de fontes do estudo) leu em OCR, com a p. 556 ilegível e as demais [página a confirmar]; datas 1872–1950 [data a confirmar].]

1. GANDHI, M. K. Introdução ao *Anasaktiyoga*, 1929, § 8. Tradução de M. Desai. [Edição de consulta, em inglês: "duelo que ia sem cessar nos corações da humanidade" (1.7) [V-en: Desai; tradução do estudo].]

1. GANDHI, M. K. *Harijan*, 11 jul. 1936. [Edição de consulta, em inglês: "nada pode ser aceito como palavra de Deus que não possa ser testado pela razão" (1.12); "nada na lei da *varṇa* autoriza a crença na intocabilidade" (3.11) [V-en: Gandhi; tradução do estudo].]

1. AMBEDKAR, B. R. *Annihilation of Caste*, 1936, § 20 e § 25 (ed. anotada, citada por seção e parágrafo). [Edição de consulta, em inglês: § 20, "o verdadeiro remédio é destruir a crença na santidade dos *śāstras*"; § 25, "considerável raspagem" (1.12). Datas: 1891–1956; a conversão ao budismo em 1956 [tese a confirmar].]

1. AMBEDKAR, B. R. *The Buddha and His Dhamma*, Livro III, Parte IV, § 3 [edição conforme a pesquisa de fontes: BAIAE, Japão; dados a completar]. [Edição de consulta, em inglês: "Brahma is a fiction. What fruitful result does it give?" (4.8) [V-en: Ambedkar; tradução do estudo].]

1. RADHAKRISHNAN, S. *The Hindu View of Life* (Upton Lectures, 1926), 1931 [edição conforme a pesquisa de fontes do estudo; cidade e editora a completar], p. 33 ("escala graduada") e pp. 93–94 (a casta como "produto da tolerância e da confiança", hoje "degenerado num instrumento de opressão"). [Edição de consulta, em inglês (1.12, 4.10) [V-en: Radhakrishnan; tradução do estudo].]

1. KABĪR. In: TAGORE, Rabindranath (trad.). *Songs of Kabir*, 1915, poema II [página a confirmar]. [Edição de consulta, em inglês (Projeto Gutenberg 6519): "é

desnecessário perguntar a um santo a casta a que pertence" (1.12) [V-en: Tagore; tradução do estudo]. Kabīr, século XV [data a confirmar].]

1. BASAVA. *Vacana*. In: RAMANUJAN, A. K. (trad.). *Speaking of Śiva*. Harmondsworth: Penguin, 1973 [página a confirmar]. [Edição de consulta, em inglês: "Minhas pernas são pilares, o corpo o santuário, a cabeça uma cúpula de ouro […] as coisas em pé cairão, mas as que se movem ficarão para sempre" (2.7) [V-en: Ramanujan; tradução do estudo; localização a confirmar].]

***As casas visitadas, por intermédio dos Estudos anteriores***

1. BARBOZA, Jair (trad.). SCHOPENHAUER, Arthur [obra, editora e ano a completar]. [Nomeada, não aberta: citada só no Prólogo ("nem Schopenhauer por Jair Barboza"); a pesquisa de fontes a associa à Unesp. Todo o português de Schopenhauer é tradução do estudo.]

1. DINUCCI, Aldo (trad.). *As Diatribes de Epicteto, livro I*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. [Edição de consulta, aberta pelo Estudo II (n.º 112): nota 471 a *Diatribes* I, 14, 6, o universo como "um ser vivo" (4.7) [V-pt: Dinucci]. Obra pela qual o Estudo IV chega à Stoa; os demais títulos de Dinucci estão na bibliografia do Estudo II.]

1. SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, I. Inglês de Haldane e Kemp (Project Gutenberg 38427); alemão: Reclam, 1892. [Edição de consulta: Prefácio (1818), "a maior vantagem que este século ainda jovem desfruta" [V-en: Haldane–Kemp]; § 63, «Tatoumes, richtiger tat twam asi, welches heißt: »dies bist du«»; § 66, «mit klarer Erkenntniß […] aller Tugend und Seligkeit gewiß und auf dem geraden Wege zur Erlösung» [V-de] (4.2). Português: ver n.º 70.]

1. SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*, II, cap. 17. [Intermediário: Estudo I, 4.2 (n.º 111): «den Vorzug», "a primazia" [V via secundária: Estudo I, 4.2; tradução do estudo].]

1. HEGEL, G. W. F. Resenha de 1827 ao ensaio de Humboldt sobre a *Bhagavad Gītā* [título e edição a completar]. [Intermediário: Estudo VII, 4.4 (n.º 104): "a alma particular se torne Deus"; "é a unidade apenas como universalidade abstrata, como substância sem determinação"; "até a determinação da subjetividade infinita" [V via secundária: Estudo VII, 4.4; tradução do estudo]. A pesquisa de fontes traz as páginas de W11 e W18 pelo Estudo VII [localização a confirmar]. Halbfass (n.º 50) lê a resenha como o "testamento" de Hegel sobre a Índia.]

1. HEGEL, G. W. F. *Lectures on the Philosophy of History* (*Filosofia da história*). Tradução de John Sibree. Bell, 1914, pp. 162–163. [Edição de consulta, em inglês: "Maya (the delusion occasioned by the outward world)" (4.1) [V-en: Sibree; tradução do estudo]. O alemão e o português não foram abertos.]

1. HEGEL, G. W. F., sobre o Tao. [Intermediário: Estudo VII, 4.6: "o mais alto, o último, o originário […] é o nada, o vazio, o totalmente indeterminado" (4.9) [V via secundária: Estudo VII, 4.6; tradução do estudo]; obra e edição a completar.]

1. LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito* (*Totality and Infinity*, tradução de Lingis), pp. 102 e 218 [edição portuguesa, tradutor e ano: dados a completar]. [Intermediário: Estudo VIII, 4.6 (n.º 105): "sem contribuição de um pretenso pensamento oriental" (p. 102); "não deve, portanto, ser reconduzida a nenhuma sabedoria oriental" (p. 218) (4.3) [V via secundária: Estudo VIII, 4.6; tradução do estudo].]

1. RICOEUR, Paul. *Autobiografia intelectual* (*Autobiografía intelectual*). Edição espanhola. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007, p. 32. [Intermediário: Estudo IX, 4.6 (n.º 106): «no forman parte de mi memoria finita» (4.3) [V via secundária: Estudo IX, 4.6; tradução do estudo].]

1. RICOEUR, Paul. *Finitude e culpabilidade* (*Finitud y culpabilidad*). Edição espanhola. Madrid: Trotta, 2004, p. 187. [Intermediário: Estudo IX, 4.6: as civilizações que "bem valem" a grega e a judaica, e que "ainda não existe" a leitura (4.3) [V via secundária: Estudo IX, 4.6; tradução do estudo].]

1. JASPERS, Karl; BUBER, Martin. As pessoas lado a lado. [Intermediário: Estudo X, 4.7 (n.º 107) (4.4) [V via secundária: Estudo X, 4.7]; obras e páginas: dados a completar.]

1. ARISTÓTELES. *Metafísica*, XII, 7, 1072b3. [Intermediário: Estudo XI, 1.10 (n.º 108): «kinei hos eromenon», "a causa final produz movimento sendo amada" (4.5) [V via secundária: Estudo XI, 1.10; tradução do estudo]. Edição e tradutor: dados a completar.]

1. AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, VIII, 9. [Intermediário: Estudo XII, 4.8 (n.º 109): "viram e ensinaram"; "a todos eles pomos à frente dos demais e confessamos mais próximos de nós" (4.6) [V via secundária: Estudo XII, 4.8; tradução do estudo]. As edições de Agostinho estão na bibliografia do Estudo XII.]

1. EPICTETO. *Diatribes*, I, 14, 6. [Intermediário: Estudo II, 1.6 (n.º 112): «apospasma», "partes e pedaços" (4.7) [V via secundária: Estudo II, 1.6; tradução do estudo]. Ver também Dinucci (n.º 71).]

1. MARCO AURÉLIO. *Meditações*, IV, 3. [Intermediário: Estudo II, 2.6: "em si mesmo"; "àquilo a que você volta" (4.7) [V via secundária: Estudo II, 2.6; tradução do estudo].]

1. SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada* (*L'Être et le néant*). [Intermediário: Estudo VII, 4.5 (n.º 104): "por princípio impossível" (4.9) [V via secundária: Estudo VII, 4.5; tradução do estudo]; edição, tradutor e página: dados a completar.]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Temor e tremor*. [Intermediário: Estudo VII, 5.1 (n.º 104) (4.9) [V via secundária: Estudo VII, 5.1; paráfrase]; edição, tradutor e página: dados a completar.]

1. *Saṃyutta Nikāya* 22.59 e 44.10; disputa de família entre a *Ratnagotravibhāga* e o *Mahāparinirvāṇa Sūtra*. [Intermediário: Estudo I, 4.8 (n.º 111): "isto não é meu" (4.8) [V via secundária: Estudo I, 4.8; tradução do estudo]. As edições estão na bibliografia do Estudo I.]

***O cânon e os escritos***

1. LUMEN FLUENS. *Cânon v1.2*. [Autoridade final; só o fundador o altera. Citado por parte e título: "Origem", "Os Quatro Pilares" (I a IV), "A Bússola", "Independência confessional", "A Vigília", "As Águas Comuns", "A Regra da Misericórdia", "Regra de Vida" ("Ritmo semanal", "Ritmo de estação"), "Regra da ocasião", "Parte IV — Papéis". A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Luz Interior*. [Seções citadas: "Definição", "Fundamentação", "O problema que responde", "Síntese", "Objeção provável e resposta breve".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Vigília*. [Seções citadas: "Definição", "Fundamentação".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado das Águas Comuns*. [Seções citadas: "Definição", "Fundamentação", "Síntese", "Objeção provável e resposta breve".]

1. LUMEN FLUENS. *Disputatio da Luz Interior e do Mal*. [Seções citadas: "1. Videtur quod non" (Objeção II), "2. Sed contra", "3. Respondeo".]

1. LUMEN FLUENS. *Catecismo*. [Perguntas citadas: 1, 6, 7, 13, 14, 17 e 36.]

1. LUMEN FLUENS. *Meditações Práticas*. [Citadas pelo título: "O Acender da manhã", "O Examinar da noite", "A Regra da Misericórdia", "A mudança deliberada da semana", "A celebração maior", "O sabbath do fluxo".]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 17/10/2026* (n.º 1–7, numeradas como no Prólogo do Estudo VII). [Citadas: n.º 1, 3 e 4.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 19/10/2026* (n.º 1–12, como no Prólogo do Estudo VIII). [Citada: n.º 1.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo IX* (n.º 1–13). [Citada: n.º 4.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo X* (n.º 1–10). [Citadas: n.º 2, 3, 6 e 7.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XI* (n.º 1–11). [Citadas: n.º 7 e 9.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XII* (n.º 1–11). [Citadas: n.º 1, 3, 6 e 7.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 2, 3, 4 e 8. As listas de 23/10 e de 31/10 são sempre citadas com o nome do estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo I* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 3, 4 e 6. As n.º 3 e 6 alcançam o Oriente (Prólogo).]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo II* (n.º 1–12). [Citadas: n.º 3, 4, 5, 7, 8 e 11.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VII* (Hegel). [Leitura anterior; seções 4.3, 4.4, 4.5, 4.6, 4.7, 5.1 e a abertura do capítulo 4.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VIII* (Levinas). [Seções 4.6 e 4.7.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IX* (Ricoeur). [Seções 3.2, 4.2 e 4.6.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado X* (Platão). [Seções 3.2 e 4.7.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XI* (Aristóteles). [Seções 1.10, 4.3 e 4.8.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XII* (Agostinho). [Seção 4.8.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIII* (Arendt). [Seção 4.9.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado I* (o budismo). [Prólogo e seções 3.1, 3.8, 4.1, 4.2, 4.6, 4.8 e 6. A disputa de família sobre o eu cita-se por ele e não se refaz.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado II* (a Stoa). [Seções 1.6, 2.6, 3.1 e 4.8.]

1. LUMEN FLUENS. *Ficha do Estudo IV* (outubro de 2026). [Apontamento do fundador, não cânon: dois toques e duas fronteiras, citados em 5.1 ("O eu atemporal", com "*Katha Up.* II.18-19"; "Revelar, não fabricar"; "Participação vs. identidade: no advaita"; "História real: o rio tem margens"). A ser testada e, se o fundador quiser, reescrita (5.4).]

1. LUMEN FLUENS. *Fichas dos Estudos V e VI* (outubro de 2026). [Apontamentos, não cânon: Ficha V, "Contra a vida por papéis"; Ficha VI, "Impessoal vs. pessoal" (4.9).]

1. LUMEN FLUENS. *Fichas dos Estudos I–VII*. [Apontamentos, não cânon: a Ficha do Estudo II, de que sai a "participação num princípio que nos excede" (5.1); a do Estudo I, de que vem a disputa de família (5.2); a do Estudo III, a que o estudo oferece a porta do diálogo hindu-cristão (6.4).]

# APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO

*Nos apêndices, as seções são numeradas como na edição de leitura (Prólogo e capítulos 1 a 6); nesta edição, some-se 1 ao número do capítulo (1.8 da edição de leitura = 2.8 desta).*

## Prólogo

### *O Vedanta*

1. Prólogo · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.3.6, Olivelle 1998 · “o Si é então a sua fonte de luz” · «ātmaivāsya jyotir bhavatīti» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
2. Prólogo · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.3.7, Olivelle 1998 · “a luz interior no coração” · «hṛdy antarjyotiḥ puruṣaḥ» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
3. Prólogo · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, II.5.19, Olivelle 1998 · este Si é *Brahman* · «ayam ātmā brahma sarvānubhūḥ» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
4. Prólogo · *Chāndogya Upaniṣad*, VI.8.7, Radhakrishnan (Olivelle: “é assim que és”; ver 1.4) · “tu és isso” · «tat tvam asi» · [V-skt; V-en: Radhakrishnan; tradução do estudo]
5. Prólogo · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19, Thibaut, SBE 34 · “assim que surge o conhecimento discriminativo, diz-se que ela realizou a sua verdadeira natureza, embora na realidade já a tivesse realizado antes” · «—» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
6. Prólogo · *Īśā Upaniṣad*, 15, Olivelle 1998 · a face da verdade coberta por um disco de ouro · «hiraṇmayena pātreṇa satyasyāpihitaṃ mukham» · [V-skt; V-en: Olivelle; paráfrase]
7. Prólogo · *Bhagavad Gītā*, II.47, Edgerton · “Que o seu interesse esteja só na ação, nunca nos frutos” · «karmaṇy evādhikāras te mā phaleṣu kadācana» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
8. Prólogo · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, II.4.14, Olivelle 1998, pp. 69–70 · “quem haveria para ver, e por meio de quê?” · «yatra vāsya sarvam ātmaivābhūt tat kena kaṃ paśyet» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
9. Prólogo · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, II.3.18–20, Thibaut, SBE 48 · “a distinção das várias almas individuais e a corrente de suas obras são eternas” · «—» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
10. Prólogo · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.18 (2.18 em Olivelle), Olivelle 1998 · “o sábio — ele não nasce, não morre; não veio de lugar algum; não se tornou ninguém. Ele é não nascido e eterno, primevo e perene” · «na jāyate mriyate vā vipaścin nāyaṃ kutaścin na babhūva kaścit» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
11. Prólogo · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.23 (2.23 em Olivelle), Olivelle 1998, nota p. 605 · “só o homem que ele escolhe” · «yam evaiṣa vṛṇute» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
12. Prólogo · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.23, Müller, *Sacred Books of the East* 15, Oxford, 1884 · “revela a sua própria pessoa” · «tasyaiṣa ātmā vivṛṇute tanūṃ svām» · [V-skt; V-en: Müller; tradução do estudo]
13. Prólogo · *Bhagavad Gītā*, IX.32, Edgerton · *pāpayonayaḥ*, “de origem baixa”; “mulheres, *vaiśya*, *śūdra*” · «pāpayonayaḥ» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]

### *O cânon e os escritos*

1. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “a luz não se acende — ela se revela”
2. Prólogo · Cânon v1.2, “Origem” · “cada pessoa carrega uma luz interior atemporal”; “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações”; “O eterno dança no tempo”
3. Prólogo · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “pessoal, nunca individual”; “ninguém navega um rio privado”; “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”
4. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
5. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “a dignidade não é conquistada, é descoberta”; “a única que ilumina sem se consumir no objeto iluminado”, dita da imagem da luz sensível
6. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · o encobrimento pelo medo, pelo hábito e pela adaptação às expectativas alheias
7. Prólogo · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “cada luz é singular”
8. Prólogo · Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve” · “abrir-se não é diluir-se”
9. Prólogo · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “o Tu eterno que ele [Buber] ergue sobre a relação é material confessional”
10. Prólogo · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “ela já está lá, atemporal, esperando ser revelada”
11. Prólogo · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “revisita o rio percorrido no dia”
12. Prólogo · Catecismo, 14 · portar é levar “como mensagem”
13. Prólogo · Hegel, via Estudo VII, 4.4 · Brahma, “substância sem determinação” · [V via secundária: Estudo VII, 4.4; tradução do estudo]
14. Prólogo · Ficha do Estudo IV (outubro de 2026) · as quatro frases, citadas em 5.1 · [Ficha, não cânon]

### *Decisões do fundador*

1. Prólogo · Decisão n.º 3 de 17/10/2026 · a luz é dada antes de qualquer relação
2. Prólogo · Decisão n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII · aceita a dívida e recusa a eleição
3. Prólogo · Decisão n.º 2 de 23/10/2026, Estudo X · graus “de visão, nunca de valor”
4. Prólogo · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo X · a fonte “continua sem nome no cânon”
5. Prólogo · Decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo X · “só templo”
6. Prólogo · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · o veto, “sem voz externa”
7. Prólogo · Decisão n.º 9 de 31/10/2026, Estudo XI · o intelecto “como a luz” é estrutura
8. Prólogo · Decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII · “O mestre interior fica como herança nomeada”
9. Prólogo · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
10. Prólogo · Decisão n.º 2 de 31/10/2026, Estudo XIII · “de onde vem o começo fica sem dizer”
11. Prólogo · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I · “a Lux é de alguém”

12. Prólogo · Decisão n.º 4 de 03/11/2026, Estudo I · a margem do cânon é dentro do rio
13. Prólogo · Decisão n.º 6 de 03/11/2026, Estudo I · “nenhuma pessoa está fora da Lux” diante do renascimento, do *kamma* e da desigualdade; “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite”
14. Prólogo · Decisão n.º 5 de 03/11/2026, Estudo II · o retiro em si ao lado da margem
15. Prólogo · Decisão n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II · “o cânon não diz que a noite é prova”

## Capítulo 1 — O Vedanta em sua melhor forma

### *O Vedanta*

1. 1.2 · *Brahmasūtra*, I.1.1, Thibaut, *The Vedânta-Sûtras*, SBE 34, Oxford, 1890, p. 9 · “Então, portanto, a investigação do *Brahman*” · «athāto brahmajijñāsā» · [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo]
2. 1.2 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.4, idem, p. 30 · “o próprio conhecimento errado é removido pelo conhecimento de que o Si de cada um é uno com o Si de *Brahman*” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
3. 1.2 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, II.3.18–20, Thibaut, SBE 48, Oxford, 1904, pp. 543, 545–546 · “a distinção das várias almas individuais e a corrente de suas obras são eternas” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
4. 1.2 · Madhva, via Cowell e Gough, *The Sarva-Darśana-Saṅgraha*, Londres, 1882, cap. V, pp. 94–95 · “isto mesmo é real e desde toda a eternidade; se tivesse tido começo, teria fim” · [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar]
5. 1.3 · *Brahmasūtra*, I.1.2, Thibaut, SBE 34, pp. 14–15 · “de que procedem a origem, a subsistência e a dissolução deste mundo” · «janmādyasya yataḥ» · [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo]
6. 1.3 · *Aitareya Upaniṣad*, III.3, Olivelle, *The Early Upaniṣads*, Oxford, 1998 [página a confirmar] · “*brahman* é conhecer” · «prajñānaṃ brahma» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
7. 1.3 · *Chāndogya Upaniṣad*, VI.2.1, Gerpe a partir de Prabhavananda, *Os Upanishads: Sopro Vital do Eterno*, Pensamento, 1987, p. 46, apud Carvalho, Gouvêa e Loundo, *Principia* 17, 2013, p. 154 · “No início havia a existência, apenas Um, sem segundo” · «sad eva somyedam agra āsīd ekam evādvitīyam» · [V-skt; V-pt via secundária: Loundo]
8. 1.3 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, III.9.26, Olivelle, 1998, p. 101 · “sobre este Si só se pode dizer ‘não—, não—’” · «sa eṣa neti nety ātmā» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
9. 1.3 · *Bṛhadāraṇyaka*, IV.3.2–6, recensão Kāṇva, Olivelle, 1998, p. 111 · “qual é a fonte de luz para uma pessoa aqui?”; “O Si (*ātman*) é então a sua fonte de luz” · «kiṃjyotir ayaṃ puruṣaḥ»; «ātmaivāsya jyotir bhavatīti» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
10. 1.3 · *Bṛhadāraṇyaka*, IV.3.7, Olivelle, 1998, p. 111 · “a luz interior no coração” · «yo 'yaṃ vijñānamayaḥ prāṇeṣu hṛdy antarjyotiḥ puruṣaḥ» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
11. 1.3 · *Bṛhadāraṇyaka*, IV.3.1, Olivelle, 1998, p. 111 e notas pp. 515–516 · “conversarei com ele”; “pensou: não direi” · «sam enena vadiṣya»; «sa mene na vadiṣye» · [V-skt]
12. 1.3 · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.20 (2.20 em Olivelle), 1998 [página a confirmar] · “mais sutil que o mais sutil, maior que o maior, é o Si que jaz aqui escondido no coração de um ser vivo” · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]

13. 1.3 · *Muṇḍaka Upaniṣad*, 3.1.1, Olivelle, 1998, p. 449 · “dois pássaros, companheiros e amigos, pousam na mesma árvore […]; o outro, sem comer, olha” · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
14. 1.3 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, introdução, Thibaut, SBE 34, pp. 8–9 · “a testemunha de todas as modificações do órgão interno” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
15. 1.4 · *Bṛhadāraṇyaka*, I.4.10, Olivelle, 1998, p. 49 · “pensando: ‘Eu sou *brahman*’”; “em consequência tornou-se o Todo” · «aham brahmāsmīti» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
16. 1.4 · *Bṛhadāraṇyaka*, II.5.19, Olivelle, 1998, p. 75 · “*brahman* é este Si (*ātman*) aqui, que percebe tudo” · «ayam ātmā brahma sarvānubhūḥ» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
17. 1.4 · *Māṇḍūkya Upaniṣad*, 2, Olivelle, 1998 [página a confirmar] · “quatro quartos” · «sarvaṃ hy etad brahma ayam ātmā brahma so 'yam ātmā catuṣpāt» · [V-skt; tradução do estudo]
18. 1.4 · *Chāndogya Upaniṣad*, VI.1.4, Olivelle, 1998, p. 247 · “a transformação é um apoio verbal, um nome” · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
19. 1.4 · *Chāndogya*, VI.8.7, Olivelle, 1998, p. 253 · “E é assim que és, Śvetaketu” · «sa ātmā | tat tvam asi śvetaketo iti» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
20. 1.4 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.4, Thibaut, SBE 34, pp. 22–23 · “não pode ser apreendido sem o auxílio da passagem escriturária ‘Tu és isso’” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
21. 1.4 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, Thibaut, SBE 48, p. 130 · “as palavras ‘isso’ e ‘tu’ denotam um *Brahman* distinguido por diferença” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
22. 1.4 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, idem, p. 132 · “*Brahman* como tendo as almas individuais por corpo” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
23. 1.5 · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.4 (2.4 em Olivelle), 1998, p. 385 [página a confirmar] · “muito distantes e diferentes são estas duas: a ignorância e o que se chama conhecimento” · «dūram ete viparīte viṣūcī avidyā yā ca vidyeti jñātā» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
24. 1.5 · *Bhagavad Gītā*, V.15, Edgerton, *The Bhagavad Gītā*, HOS 38–39, Harvard, 1944, v. 1, cap. V [página a confirmar] · “o conhecimento está encoberto pela ignorância; por isso as criaturas se iludem” · «ajñānenāvṛtaṃ jñānaṃ tena muhyanti jantavaḥ» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
25. 1.5 · *Bhagavad Gītā*, 5.15, Instituto Gita Society Brasil (Olavo Desimon, a partir de Ramananda Prasad), 2006 · “o véu da ignorância cobre o auto-conhecimento” · [V-pt: IGS Brasil]
26. 1.5 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, introdução, Thibaut, SBE 34, pp. 3–4 · “a apresentação aparente à consciência, em forma de lembrança, de algo antes observado, em alguma outra coisa” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
27. 1.5 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, introdução, idem, pp. 5–6 · a *avidyā* e a *vidyā* · [V-en: Thibaut; paráfrase]
28. 1.5 · Śaṅkara, *Upadeśasāhasrī*, I.1.5, Mayeda, *A Thousand Teachings*, SUNY, 1992, p. 103 · “como a causa raiz desta existência transmigratória é a ignorância, deseja-se a sua destruição” · [V-en: Mayeda; tradução do estudo]

29. 1.5 · Śaṅkara, *Upadeśasāhasrī*, I.1.6 e I.1.14, idem, pp. 103–104 · “só o conhecimento [de *Brahman*] pode destruir a ignorância; a ação não pode” · [V-en: Mayeda; tradução do estudo]
30. 1.5 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, Thibaut, SBE 48, p. 131 · “que a *Brahman* […] pertença a Nesciência” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
31. 1.6 · *Bṛhadāraṇyaka*, III.2.13, Olivelle, 1998 [página a confirmar] · o que segue o morto é o *karma* · «puṇyo vai puṇyena karmaṇā bhavati pāpaḥ pāpeneti» · [V-skt; paráfrase]
32. 1.6 · *Bṛhadāraṇyaka*, IV.4.5–7, Olivelle, 1998 [página a confirmar] · “a pessoa aqui consiste simplesmente de desejo”; “então um mortal se torna imortal e alcança *brahman* neste mundo” · «yathākārī yathācārī tathā bhavati»; «atha martyo 'mṛto bhavaty atra brahma samaśnute» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
33. 1.6 · *Kaṭha*, I.1.20–29, Olivelle, 1998 [página a confirmar] · Naciketas e Yama · «yeyaṃ prete vicikitsā manuṣye» · [V-skt; paráfrase]
34. 1.6 · *Kaṭha*, I.2.18 (2.18 em Olivelle), 1998, p. 385 · “o sábio — ele não nasce, não morre […]. E não é morto quando o corpo é morto” · «na jāyate mriyate vā vipaścin nāyaṃ kutaścin na babhūva kaścit | ajo nityaḥ śāśvato 'yaṃ purāṇo na hanyate hanyamāne śarīre» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
35. 1.6 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.4, Thibaut, SBE 34, p. 28 · “difere de todos os frutos da ação e é um estado eternamente e essencialmente sem corpo” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
36. 1.6 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, IV.1.15, Thibaut, SBE 38, Oxford, 1896, p. 358 · “como no caso da roda do oleiro” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
37. 1.7 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.1, Thibaut, SBE 34, p. 12 · “o discernimento do que é eterno e do que é não eterno; […] e o desejo de libertação final” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
38. 1.7 · *Bṛhadāraṇyaka*, II.4.5, citada por Śaṅkara, Thibaut, SBE 34, p. 26 · “o Si deve ser ouvido, considerado, refletido” · [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo]
39. 1.7 · *Bhagavad Gītā*, II.19, Edgerton, 1944, v. 1, cap. II [página a confirmar] · “quem o crê matador, e quem o pensa morto, esses dois não compreendem; ele não mata, não é morto” · «ya enaṃ vetti hantāraṃ yaś cainaṃ manyate hatam | ubhau tau na vijānīto nāyaṃ hanti na hanyate» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
40. 1.7 · *Bhagavad Gītā*, II.20, idem [página a confirmar] · “Não nascido, eterno, perene, este antigo não é morto quando o corpo é morto” · «ajo nityaḥ śāśvato 'yaṃ purāṇo na hanyate hanyamāne śarīre» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
41. 1.7 · *Bhagavad Gītā*, II.47, idem [página a confirmar] · “Que o seu interesse esteja só na ação, nunca nos frutos” · «karmaṇy evādhikāras te mā phaleṣu kadācana | mā karmaphalahetur bhūr mā te saṅgo 'stv akarmaṇi» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
42. 1.7 · *Bhagavad Gītā*, XVIII.73, idem [página a confirmar] · Arjuna dirá fazer o que Kṛṣṇa disse · «naṣṭo mohaḥ smṛtir labdhā tvatprasādān mayācyuta | sthito 'smi gatasaṃdehaḥ kariṣye vacanaṃ tava» · [V-skt; paráfrase]
43. 1.7 · Śaṅkara, *Comentário à Gītā*, II.47, Mahadeva Sastri, *The Bhagavad-Gîtâ with the Commentary of Śrî Śaṅkarâchârya*, Mysore, 1901, p. 54 · “Você é qualificado só para as obras, não para o caminho do conhecimento” · [V-en: Mahadeva Sastri; tradução do estudo]
44. 1.7 · *Bhagavad Gītā*, XVIII.66, Edgerton, 1944, v. 1, p. 177 [página a confirmar] · “Abandone todos os (outros) deveres, venha a Mim como único refúgio; de todos os males

Eu o resgatarei: não se aflija!” · «sarvadharmān parityajya mām ekaṃ śaraṇaṃ vraja | ahaṃ tvā sarvapāpebhyo mokṣayiṣyāmi mā śucaḥ» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]

45. 1.7 · Śaṅkara, *Comentário à Gītā*, XVIII.66, Mahadeva Sastri, 1901, pp. 453–454 · “pois aqui se pretende ensinar *naiṣkarmya*, a liberdade de toda ação” · [V-en: Mahadeva Sastri; tradução do estudo]
46. 1.7 · Rāmānuja, *Comentário à Gītā*, XVIII.66, Adidevananda, *Śrī Rāmānuja Gītā Bhāṣya*, Ramakrishna Math, Madras, p. 598, e nota do editor, pp. 599–600 · o abandono do sentido de agente, de posse e de fruto; “ambas as leituras” ensinam só o *bhakti-yoga* · [V-en: Adidevananda; paráfrase]
47. 1.8 · *Bhagavad Gītā*, III.35 = XVIII.47, Edgerton, 1944, v. 1, p. 40 [página a confirmar] · “melhor o próprio dever, ainda que imperfeito, que o dever alheio bem cumprido” · «śreyān svadharmo viguṇaḥ paradharmāt svanuṣṭhitāt» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
48. 1.8 · *Manusmṛti*, VI.33 e VI.35, Bühler, *The Laws of Manu*, SBE 25, Oxford, 1886, p. 205 · “abandonando todo apego aos objetos mundanos”; “quem a busca sem as ter pago, afunda” · [V-en: Bühler; tradução do estudo]
49. 1.8 · *Jābāla Upaniṣad*, 4, em tradução inglesa de página da Bhagavad Gītā USA, atribuída a Radhakrishnan · “no dia em que tiver o espírito de renúncia, nesse mesmo dia renuncie” · [tradução do estudo; atribuição a confirmar]
50. 1.8 · *Bṛhadāraṇyaka*, II.4 e IV.5, Olivelle, 1998, pp. 67–69, 127 · Yājñavalkya e Maitreyī · [V-skt; paráfrase]
51. 1.8 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, introdução, Thibaut, SBE 34, pp. 7–8 · “a casta, o estágio da vida, a idade, as circunstâncias externas” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
52. 1.9 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.3, Thibaut, SBE 34, p. 19 · “de ser ele a fonte da Escritura” · «śāstrayonitvāt» · [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo]
53. 1.9 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.4, idem, p. 23 · “o Veda possui autoridade como meio de conhecimento correto de *Brahman*” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
54. 1.9 · *Chāndogya*, VI.14.2, Olivelle, 1998, p. 257 · “quando um homem tem um mestre, ele sabe” · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
55. 1.9 · Śaṅkara, *Upadeśasāhasrī*, II.2.46 e II.2.48, Mayeda, 1992, p. 234 · “escute, meu filho, esta não é a sua própria natureza, mas se deve a uma causa” · [V-en: Mayeda; tradução do estudo]
56. 1.9 · *Kaṭha*, I.2.23 (2.23 em Olivelle), 1998, nota p. 605 · “só o homem que ele escolhe pode apreendê-lo”; “revela a sua própria pessoa” · «yam evaiṣa vṛṇute»; «tasyaiṣa ātmā vivṛṇute tanūṃ svām» · [V-skt; V-en: Olivelle e Hume; tradução do estudo]
57. 1.9 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, Thibaut, SBE 48, p. 39 · “escolhidos pela Pessoa Suprema revelada nas Upaniṣads” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
58. 1.10 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.14, Thibaut, SBE 34, p. 324 · “assim como os fantasmas de um sonho são tidos como verdadeiros até o dormente acordar” · «tadananyatvam ārambhaṇaśabdādibhyaḥ» (o *sūtra*; 2,1.15 no GRETIL) · [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo]
59. 1.10 · Gauḍapāda, *Māṇḍūkya-kārikā*, II.32, Nikhilananda, *Māṇḍūkyopaniṣad with Gauḍapāda's Kārikā*, Mysore, 1936 [página a confirmar] · “não há dissolução, nem nascimento, ninguém em servidão […]; esta é a verdade absoluta” · [V-skt; V-en: Nikhilananda; tradução do estudo]

60. 1.11 · *Yogasūtra*, I.2–3, Woods, *The Yoga-System of Patañjali*, HOS 17, Harvard, 1914 [página a confirmar] · “*yoga* é a restrição das flutuações da substância mental” · «yogaś cittavṛttinirodhaḥ» · [V-skt; V-en: Woods; tradução do estudo]
61. 1.11 · *Yogasūtra*, II.5, idem · a *avidyā* como tomar o não-eterno por eterno · [V-skt; paráfrase; leitura do estudo]
62. 1.12 · *Chāndogya*, V.10.7, Olivelle, 1998, p. 237 · “um ventre agradável, como o de uma mulher da classe dos brâmanes […]”; “um ventre imundo, como o de um cão, de um porco ou de uma mulher sem casta” · «ramaṇīyayoniṃ… kapūyayoniṃ» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
63. 1.12 · *Bhagavad Gītā*, IV.13, Edgerton, 1944, v. 1, cap. IV [página a confirmar] · “o sistema das quatro castas foi criado por Mim” · «cāturvarṇyaṃ mayā sṛṣṭaṃ guṇakarmavibhāgaśaḥ» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
64. 1.12 · *Bhagavad Gītā*, XVIII.44, idem [página a confirmar] · “a ação que consiste em serviço é igualmente nata ao servo” · «paricaryātmakaṃ karma śūdrasyāpi svabhāvajam» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
65. 1.12 · *Manusmṛti*, I.91, Bühler, SBE 25, 1886 · “uma só ocupação: servir humildemente a esses outros três” · [V-en: Bühler; tradução do estudo]
66. 1.12 · *Bhagavad Gītā*, IX.32, Edgerton, 1944, v. 1, cap. IX [página a confirmar] · “mulheres, *vaiśya*, *śūdra*”; “de origem baixa” · «striyo vaiśyās tathā śūdrās te 'pi yānti parāṃ gatim» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
67. 1.12 · *Brahmasūtra*, II.1.34, Thibaut, SBE 34, pp. 357–358 · “a desigualdade (de dispensação) e a crueldade (não se podem) censurar (ao Senhor), por causa de seu atender (ao mérito e ao demérito)” · «vaiṣamyanairghṛṇye na sāpekṣatvāt tathā hi darśayati» · [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo]
68. 1.12 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.34, idem, p. 358 · “a desigualdade da criação se deve ao mérito e ao demérito das criaturas, e não é falta de que o Senhor deva ser culpado” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
69. 1.12 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.35, idem, p. 360 · “o mundo transmigratório não tem começo” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
70. 1.12 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.14, idem, p. 322 · “elimina a existência independente da alma individual, como a ideia da corda elimina a ideia da serpente” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
71. 1.12 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, Thibaut, SBE 48, pp. 69–70 · “equivale à doutrina de que a libertação é o aniquilamento do Si” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
72. 1.12 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, idem, p. 70 · “nenhuma pessoa sensata se esforça […] sob a ideia de que, depois de ela mesma ter perecido, restará uma entidade chamada ‘luz pura’” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
73. 1.13 · *Ṛgveda*, I.164.46, Griffith, *The Hymns of the Rigveda*, v. 1 [página a confirmar] · “ao que é um, os sábios dão muitos títulos” · «ekaṃ sad viprā bahudhā vadanti agniṃ yamaṃ mātariśvānam āhuḥ» · [V-skt; V-en: Griffith; tradução do estudo]

### *A tradição*

1. 1.1 · Olivelle, *The Early Upaniṣads*, Oxford, 1998, Introdução, pp. 12–13 · “tão estável quanto um castelo de cartas” · [V-en: Olivelle; tradução do estudo]

2. 1.1 · Edgerton, *The Bhagavad Gītā*, HOS 38–39, Harvard, 1944, v. 2, cap. I [página a confirmar] · “provavelmente antes do início da nossa era, mas não mais que poucos séculos antes” · [V-en: Edgerton; tradução do estudo]
3. 1.3 · Botelho, *Estudos Orientais* 5, USP, 2006 [página a confirmar] · “Alma, Ser, Eu, Ego, Espírito, Princípio de Vida” · [V-pt: Botelho]
4. 1.3 · Hume, *The Thirteen Principal Upanishads*, 2.ª ed., Oxford, 1921, pp. 132–133; Müller, SBE 15, pp. 162–164; Radhakrishnan, *The Principal Upaniṣads*, Allen & Unwin, 1953, pp. 255–256 · *jyotis* como “luz” (Olivelle: “fonte de luz”, 1998, p. 111, nota p. 516) · [V-en: Hume; Müller; Radhakrishnan]
5. 1.3 · Thibaut, nota 1 à p. 3 da introdução de Śaṅkara, SBE 34 · “cuja natureza é inteligência (*cit*)” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
6. 1.3 · Ramana Maharshi, *Who Am I?* (*Nān Yār?*, *Quem sou eu?*), 8.ª ed., Sri Ramanasramam, 2010, Q3, p. 13 · *sat-cit-ānanda*, “existência, consciência, bem-aventurança” · [V-en: Sri Ramanasramam; tradução do estudo]
7. 1.4 · Olivelle, 1998, nota pp. 560–561, seguindo Brereton (1986) · “é assim que és”: qualidade, não identidade · [V-en: Olivelle; paráfrase]
8. 1.4 · Radhakrishnan, *The Principal Upaniṣads*, 1953, pp. 458–459 · “That art thou” · [V-en: Radhakrishnan]
9. 1.4 · Radhakrishnan, 1953, p. ~467, sobre Madhva · *a-tat tvam asi*, “tu não és isto” · [V via secundária: Radhakrishnan; tese a confirmar; página a confirmar]
10. 1.5 · Ramana Maharshi, *Quem sou eu?*, Q5–6 · a corda e a serpente · [V-en: Sri Ramanasramam; paráfrase]
11. 1.6 · Ramana Maharshi, *Talks with Sri Ramana Maharshi*, Sri Ramanasramam, 1955, n.º 266 · “não há libertação, e onde estão os libertados?” · [V-en: Sri Ramanasramam; tradução do estudo]
12. 1.7 · Gandhi, introdução ao *Anasaktiyoga*, 1929, § 8, trad. M. Desai · “duelo que ia sem cessar nos corações da humanidade” · [V-en: Desai; tradução do estudo]
13. 1.9 · Ramana Maharshi, *Quem sou eu?*, Q20 · o *guru* e Deus “apenas mostram o caminho” · [V-en: Sri Ramanasramam; paráfrase]
14. 1.10 · Thibaut, Introdução ao *Comentário aos Brahmasūtra*, SBE 34, pp. xxv–xxvi · “a alma não esclarecida é incapaz de ver através e além de *Māyā*, que, como um véu, lhe esconde a sua verdadeira natureza” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
15. 1.10 · Eltschinger, lista INDOLOGY, 9 abr. 2020, sobre Hacker, *ZDMG* 100, 1950 · Śaṅkara “não tem teoria específica da *māyā*” · [V via secundária: Eltschinger; tradução do estudo]
16. 1.10 · Cohen, lista Advaita-L, 18 maio 2022, resumindo Hacker, 1950 · *nāmarūpa* como o que *avidyā* e *māyā* foram para os advaitinos tardios · [V via secundária: Cohen; tese a confirmar]
17. 1.12 · Kabīr, em Tagore, *Songs of Kabir*, 1915, poema II [página a confirmar] · “é desnecessário perguntar a um santo a casta a que pertence” · [V-en: Tagore; tradução do estudo]
18. 1.12 · Radhakrishnan, *The Hindu View of Life*, pp. 93–94 · “produto da tolerância e da confiança”; “degenerado num instrumento de opressão” · [V-en: Radhakrishnan; tradução do estudo]
19. 1.12 · Ambedkar, *Annihilation of Caste*, 1936, § 20 · “o verdadeiro remédio é destruir a crença na santidade dos *śāstras*” · [V-en: Ambedkar; tradução do estudo]

20. 1.12 · Ramana Maharshi, *Quem sou eu?*, Q16 · a dissolução do Si individual · [V-en: Sri Ramanasramam; paráfrase]
21. 1.12 · Ambedkar, *Annihilation of Caste*, § 25 · “considerável raspagem” · [V-en: Ambedkar; paráfrase]
22. 1.12 · Gandhi, *Harijan*, 11 jul. 1936 · “nada pode ser aceito como palavra de Deus que não possa ser testado pela razão” · [V-en: Gandhi; tradução do estudo]
23. 1.13 · Hacker (1983), via Lapshin, *Voprosy filosofii*, 2021, n.º 7, resumo em inglês · o *tat tvam asi* e a *Gītā* lidos como inclusivismo · [V via secundária: Lapshin; tese a confirmar]

### *O cânon e os escritos*

1. 1.3 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “para o cristão, é o próprio Deus”; “é a consciência mais funda, o verdadeiro em si” · [leitura do estudo]
2. 1.3 · Decisão n.º 4 de 03/11/2026, sobre o Estudo II · “o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* são estrutura, nunca nome da Luz”
3. 1.3 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, sobre o Estudo I · “nem a mente luminosa nem a natureza de Buda viram nome da Luz”
4. 1.8 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “Mudança como Vocação — Mutatio”
5. 1.8 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “Ritmo de estação (trimestral)”
6. 1.8 · Estudo I, Prólogo · “[…] ‘renúncia’ […] não ocorrem no Cânon v1.2” · [leitura do estudo]
7. 1.9 · Decisão n.º 1 de 19/10/2026, sobre o Estudo VIII · “aceita de Levinas a dívida e recusa a eleição”
8. 1.9 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “a luz não se acende — ela se revela”
9. 1.12 · Decisão n.º 6 de 03/11/2026, sobre o Estudo I · “nenhuma pessoa está fora da Lux”

## Capítulo 2 — Onde nos tocamos

### *O Vedanta*

1. 2.1 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad* IV.3.6 (versão Kāṇva), Olivelle, *The Early Upaniṣads: Annotated Text and Translation* (Oxford: Oxford University Press, 1998), p. 111 · “O Si (*ātman*) é então a sua fonte de luz” · «ātmaivāsya jyotir bhavatīti» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
2. 2.1 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad* IV.3.7, Olivelle 1998, p. 111 · “a luz interior no coração” · «yo 'yaṃ vijñānamayaḥ prāṇeṣu hṛdy antarjyotiḥ puruṣaḥ» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
3. 2.1 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad* II.5.19, Olivelle 1998, p. 75 · “este Si é *Brahman*” · «ayam ātmā brahma sarvānubhūḥ» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
4. 2.2 · *Īśā Upaniṣad* 15, Olivelle 1998, p. 141 · “A face da verdade está coberta por um disco de ouro. Descubra-a, ó Pūṣan…” · «hiraṇmayena pātreṇa satyasyāpihitaṃ mukham | tat tvaṃ pūṣann apāvṛṇu satyadharmāya dṛṣṭaye» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
5. 2.2 · *Bhagavad Gītā* V.15, Edgerton, *The Bhagavad Gītā*, Harvard Oriental Series 38–39 (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1944), v. 1, cap. V [página a confirmar] · “O conhecimento está encoberto pela ignorância; por isso as criaturas se iludem” ·

«ajñānenāvṛtaṃ jñānaṃ tena muhyanti jantavaḥ» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]

6. 2.3 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra* I.3.19 (numeração de Thibaut; 1,3.18 no GRETIL; comentário ao sūtra *āvirbhūtasvarūpas tu*), Thibaut, *The Vedânta-Sûtras with the Commentary by Śaṅkarâkârya*, Sacred Books of the East 34 (Oxford: Clarendon Press, 1890), pp. 186–187 · “assim que surge o conhecimento discriminativo, diz-se que ela realizou a sua verdadeira natureza, embora na realidade já a tivesse realizado antes” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
7. 2.3 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra* I.3.19, Thibaut 1890, p. 185 · “a alma individual em sua verdadeira natureza, isto é, enquanto é o *Brahman* supremo, não enquanto é alma individual” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
8. 2.3 · Śaṅkara, *Upadeśasāhasrī* I.1.6, Mayeda, *A Thousand Teachings* (Albany: State University of New York Press, 1992), p. 103 · “Só o conhecimento [de *Brahman*] pode destruir a ignorância; a ação não pode” · [V-en: Mayeda; tradução do estudo]
9. 2.3 · *Chāndogya Upaniṣad* VI.13.2, Olivelle 1998, p. 255 · “Você não o viu ali, filho; no entanto, estava sempre ali” · «taṃ hovācātra vāva kila tat somya na nibhālayase 'traiva kileti» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
10. 2.3 · *Kaṭha Upaniṣad* I.2.23 (= 2.23 em Olivelle e no GRETIL), Olivelle 1998, 2.23 e nota p. 605 · “escolhe” (*vṛṇute*) × “se revela” (*vivṛṇute*) · «yam evaiṣa vṛṇute» × «tasyaiṣa ātmā vivṛṇute tanūṃ svām» · [V-skt; V-en: Olivelle, Hume]
11. 2.4 · *Bhagavad Gītā* II.47, Edgerton 1944, v. 1, cap. II [página a confirmar] · “Que o seu interesse (*adhikāra*, ‘direito, competência’) esteja só na ação, nunca nos frutos; que o fruto da ação não seja o seu motivo, nem o seu apego à inação” · «karmaṇy evādhikāras te mā phaleṣu kadācana | mā karmaphalahetur bhūr mā te saṅgo 'stv akarmaṇi» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
12. 2.4 · Śaṅkara, *Comentário à Gītā* II.47, Mahadeva Sastri, *The Bhagavad-Gîtâ with the Commentary of Śrî Śaṅkarâchârya* (Mysore, 1901), p. 54 · “Você é qualificado só para as obras, não para o caminho do conhecimento” · [V-en: Mahadeva Sastri; tradução do estudo]
13. 2.5 · *Muṇḍaka Upaniṣad* 3.1.1 (numeração *muṇḍaka.khaṇḍa.verso*), Olivelle 1998, p. 449 · “Dois pássaros, companheiros e amigos, pousam na mesma árvore. Um deles come um figo saboroso; o outro, sem comer, olha” · «dvā suparṇā sayujā sakhāyā samānaṃ vṛkṣaṃ pariṣasvajāte | tayor anyaḥ pippalaṃ svādv atty anaśnann anyo abhicākaśīti» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
14. 2.5 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, introdução, Thibaut 1890, pp. 8–9 · “é, em verdade, a testemunha de todas as modificações do órgão interno” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
15. 2.5 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya* I.1.1, Thibaut, *The Vedânta-Sûtras with the Commentary by Râmânuja*, Sacred Books of the East 48 (Oxford: Clarendon Press, 1904), p. 69 · “por testemunha entendemos alguém que sabe de algo por observação pessoal (*sākṣāt*); quem não sabe não pode ser testemunha” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
16. 2.6 · *Kaṭha Upaniṣad* I.2.20 (= 2.20 em Olivelle), Olivelle 1998 [página a confirmar] · “Mais fino que o mais fino, maior que o maior, é o Si que está aqui escondido no coração de um ser vivo” · «aṇor aṇīyān mahato mahīyān ātmāsya jantor nihito guhāyām» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
17. 2.6 · *Chāndogya Upaniṣad* VIII.1.1, Olivelle 1998 [página a confirmar] · o pequeno espaço do coração que contém o céu e a terra · «daharo 'sminn antarākāśaḥ» · [paráfrase; V-skt]

18. 2.7 · *Kaṭha Upaniṣad* I.3.3 (= 3.3 em Olivelle), Olivelle 1998, p. 389 · “Conheça o Si como o passageiro de uma carruagem, e o corpo, simplesmente como a carruagem” · «ātmānaṃ rathinaṃ viddhi śarīraṃ ratham eva tu» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
19. 2.7 · *Chāndogya Upaniṣad* VIII.12.1, Olivelle 1998, p. 285 · “Este corpo, Maghavan, é mortal; está preso à morte. Ele é, assim, a morada deste Si imortal e sem corpo” · «maghavan martyaṃ vā idaṃ śarīram āttaṃ mṛtyunā | tad asyāmṛtasyāśarīrasyātmano 'dhiṣṭhānam» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
20. 2.8 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad* IV.4.23, Olivelle 1998, p. 127 · “O mal não o queima; ele queima todo o mal” · «nainaṃ pāpmā tapati | sarvaṃ pāpmānaṃ tapati» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
21. 2.8 · *Chāndogya Upaniṣad* VIII.4.1, Olivelle 1998 [página a confirmar] · o Si como dique (*setu*) · «atha ya ātmā sa setur dhṛtir eṣāṃ lokānām asaṃbhedāya» · [paráfrase; V-skt]
22. 2.8 · *Chāndogya Upaniṣad* VI.16, Olivelle 1998, p. 257 · quem diz a verdade não se queima na prova do machado em brasa · [paráfrase]
23. 2.8 · *Bhagavad Gītā* V.15 (primeira metade), Edgerton 1944, v. 1, cap. V [página a confirmar] · “Ele não recebe o pecado de ninguém, nem as boas ações, o Senhor (a alma)” · «nādatte kasya cit pāpaṃ na caiva sukṛtaṃ vibhuḥ» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
24. 2.9 · *Bhagavad Gītā* III.35 (= XVIII.47), Edgerton 1944, v. 1 [página a confirmar] · “Melhor o próprio dever, ainda que imperfeito, que o dever alheio bem cumprido; melhor a morte no próprio dever; o dever alheio traz perigo” · «śreyān svadharmo viguṇaḥ paradharmāt svanuṣṭhitāt | svadharme nidhanaṃ śreyaḥ paradharmo bhayāvahaḥ» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
25. 2.9 · *Bhagavad Gītā* XVIII.41–48, Edgerton 1944, v. 1 [página a confirmar] · o dever segundo a natureza de cada *varṇa* · [paráfrase; V-skt]
26. 2.11 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad* II.4 e IV.5, Olivelle 1998 [página a confirmar] · Maitreyī: o esposo, a esposa, os filhos e os bens são amados por causa do Si · [paráfrase; V-skt]
27. 2.11 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad* III.8.8 (também III.6), Olivelle 1998, p. 91 · “nem grosso nem fino, nem curto nem longo” · «asthūlam anaṇv ahrasvam adīrgham» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
28. 2.11 · *Bhagavad Gītā* IX.32, Edgerton 1944, v. 1, cap. IX [página a confirmar] · “origem baixa” (*pāpayonayaḥ*; Edgerton: “base origin”) · «māṃ hi pārtha vyapāśritya ye 'pi syuḥ pāpayonayaḥ | striyo vaiśyās tathā śūdrās te 'pi yānti parāṃ gatim» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
29. 2.12 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, introdução, Thibaut 1890, pp. 8–9 · “são superpostos ao Si quando um homem se considera sadio e inteiro, ou o contrário, conforme a sua mulher, os filhos e os demais estejam sadios e inteiros ou não” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
30. 2.12 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya* I.1.1, Thibaut 1904, pp. 69–70 · “constitui a própria natureza do Si” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
31. 2.12 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya* I.1.1, Thibaut 1904, p. 70 · “nenhuma pessoa sensata se esforça sob a ideia de que, depois de ele próprio ter perecido, restará uma entidade chamada ‘luz pura’” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]

### *A tradição*

1. 2.1 · Olivelle 1998, nota às pp. 515–516 · *jyotis* como “fonte de luz”; IV.3.6–7 como transição para o sono e o sonho · [V-en: Olivelle]
2. 2.3 · Thibaut, nota 1 a Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra* I.3.19, Thibaut 1890, p. 185 · o *jīva* cuja natureza se manifestou “já não é *jīva*” · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
3. 2.3 · Hume, *The Thirteen Principal Upanishads* (2.ª ed., Oxford: Oxford University Press, 1921), e Müller, *The Upanishads*, Sacred Books of the East 15 (Oxford: Clarendon Press, 1884), *Kaṭha* I.2.23 [página a confirmar] · “reveals his own person” · [V-en: Hume, Müller]
4. 2.7 · Basava, *vacana*, em Ramanujan, *Speaking of Śiva* (Harmondsworth: Penguin, 1973) [página a confirmar] · “[…] Minhas pernas são pilares, o corpo o santuário, a cabeça uma cúpula de ouro. Ouça, ó senhor dos rios que se encontram: as coisas em pé cairão, mas as que se movem ficarão para sempre” · [V-en: Ramanujan; tradução do estudo]
5. 2.11 · *Manusmṛti* V.148, Bühler, *The Laws of Manu*, Sacred Books of the East 25 (Oxford: Clarendon Press, 1886), p. 195 · “uma mulher nunca deve ser independente” · [V-en: Bühler; tradução do estudo]
6. 2.12 · Cowell e Gough, *The Sarva-Darśana-Saṅgraha* (Londres: Trübner, 1882), pp. 94–95, sobre o sistema de Madhva · a diferença entre a alma e o Senhor e entre as almas é real e sem começo · ‘This same is real and from all eternity’ · [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar]

### *O cânon e os escritos*

1. abertura · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”
2. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância”
3. 2.1 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “Por um instante, ainda não é ninguém — não é o cargo, não é a lista de mensagens não lidas […]. É só luz, ainda quieta, esperando”
4. 2.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “a luz pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias. O exame diário não acende a luz nem a produz: revela onde ela ficou coberta e onde apareceu sem obstáculo”
5. 2.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I (Prática) · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”
6. 2.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “A luz não se acende — ela se revela”
7. 2.3 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar — inclusive ao olhar de quem a possui”
8. 2.3 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “reconhecê-lo, não fabricá-lo”
9. 2.3 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “ela já está lá, atemporal, esperando ser revelada”
10. 2.3 · Catecismo, 6 e 7 · “Um recém-nascido ainda não conquistou nada e já o tem”; “Não se acende: revela-se”
11. 2.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “A mudança não é acidente a suportar, mas mensagem a carregar. Quem resiste ao fluxo é arrastado; quem o porta, navega”

12. 2.4 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “liberta a ação de precisar provar o que a pessoa, antes de agir, já é”
13. 2.4 · Tratado da Luz Interior, “O problema que responde” · “Esforça-se a partir da luz, não para merecê-la”
14. 2.4 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A Vigília promete presença, não vitória”
15. 2.4 · Catecismo, 14 · “portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz”
16. 2.5 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos. É mais parecido com quem revisita o rio percorrido no dia […]”
17. 2.6 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “Estar consigo é o dois-em-um do pensar […]. Quem atraca está consigo, não desolado, e continua no rio”
18. 2.6 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “A margem também é rio”; o retiro “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”
19. 2.6 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “o verdadeiro em si”
20. 2.7 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”
21. 2.7 · Catecismo, 17 · “São tijolos porque é com eles que se ergue o templo, o que é estável e concreto”
22. 2.7 · Disputatio, “2. Sed contra” · “qualquer transcendência que seja fuga da matéria ferida”
23. 2.8 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama. O rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma”
24. 2.8 · Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia” · “A luz interior não é um placar. Ela não zera quando você erra”
25. 2.8 · Disputatio, “3. Respondeo” · “que a dignidade de alguém seja calculável a partir do que a escuridão fez a essa pessoa, ou do que essa pessoa fez na escuridão”
26. 2.8 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “resiste-se, e deve-se justiça”
27. 2.9 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “Posso estar lá inteiro, sem me trair? Se a resposta é não, não vou. Porque eu sem a minha luz sou uma mentira”
28. 2.9 · Meditações Práticas, “A mudança deliberada da semana” · “O cânon chama a mudança de vocação, não de acidente”
29. 2.10 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV (Prática) · “Um momento diário de celebração física plena — dançar, caminhar com atenção, cozinhar sem pressa”
30. 2.10 · Cânon v1.2, “Regra de Vida”, “Ritmo semanal” · “Idealmente com outros: a luz é para todo o mundo ver, não para consumo próprio”
31. 2.10 · Meditações Práticas, “A celebração maior” · “O templo também dança”
32. 2.11 · Cânon v1.2, “Origem” · “cada pessoa carrega uma luz interior atemporal”
33. 2.11 · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”
34. 2.8 · decisão n.º 4 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · “A mão que retoma, na Regra da Misericórdia, é o rio — o Flumen —, não o Abrigo”
35. 2.11 · decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “Há uma luz devida ao outro antes de qualquer pacto”
36. 2.11 · decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “A fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série”

37. 2.5 · decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “O dois-em-um cabe na letra do Examinar: como leitura, sem receber o nome de pensar nem de vida examinada”
38. 2.6 · decisão n.º 4 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “A margem é ‘estar consigo’”
39. abertura, 2.1, 2.12 · decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “a Lux é de alguém”; “nem a mente luminosa nem a natureza de Buda viram nome da Luz”
40. abertura · decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* são estrutura, nunca nome da Luz”
41. 2.6 · decisão n.º 5 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “a cidadela se abre: a margem devolve a luz”
42. 2.10 · decisão n.º 8 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · a celebração do cânon passa pelo corpo e se faz com outros
43. 2.8 · decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “(g) segue aberta até o tratado”
44. 2.2 · Ficha do Estudo IV, [s4t] · “a ignorância encobre o que sempre esteve lá” · [Ficha, não cânon]
45. 2.12 · Estudo I, 3.1 · “sobre a natureza do eu ele não tem tese, só sobre o seu valor e a sua integridade”; “entre aberto e fechado, e não entre eu e não-eu” · [leitura do estudo]
46. 2.12 · Estudo I, 4.8 · o Buda e os agregados (*Saṃyutta Nikāya* 22.59), o silêncio (*Saṃyutta Nikāya* 44.10), a disputa de família · [leitura do estudo]
47. 2.2 · Estudo X, 3.2 · “‘Ignorância’ só ocorre na Ficha do Estudo IV” · [leitura do estudo]
48. 2.12 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “um núcleo que não é feito daquilo que ela produz, conquista ou acumula”

## Capítulo 3 — Onde nos separamos

### *O Vedanta*

1. 3.1 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, recensão Kāṇva, IV.3.6, Olivelle, *The Early Upaniṣads*, Oxford, Oxford University Press, 1998, p. 111 · “é então a sua fonte de luz” · «ātmaivāsya jyotir bhavatīti» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
2. 3.1 · idem, IV.3.7, p. 111 · “luz interior dentro do coração” · «hṛdy antarjyotiḥ puruṣaḥ» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
3. 3.1 · idem, II.5.19, p. 75 · este Si é *Brahman* · «ayam ātmā brahma sarvānubhūḥ» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
4. 3.2 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.14, Thibaut, *The Vedânta-Sûtras*, I, *Sacred Books of the East* 34, Oxford, 1890, p. 322 · a doutrina do *jīva* desfaz a existência independente da alma individual, como a corda desfaz a serpente · «does away with the independent existence of the individual soul, just as the idea of the rope does away with the idea of the snake» · [V-en: Thibaut; paráfrase]
5. 3.2 · idem, II.1.14, p. 324 · o mundo é tido por verdadeiro até o despertar · «as long as the knowledge of Brahman being the Self of all has not arisen» · [V-en: Thibaut; paráfrase]
6. 3.2 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, Thibaut, *The Vedânta-Sûtras*, III, *Sacred Books of the East* 48, Oxford, 1904, p. 70 · “brilha também na libertação” · «shines forth in the state of final release also as an “I”» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
7. 3.2 · idem, I.1.1, p. 132 · o *Brahman* tem as almas por corpo · «Brahman as having the individual souls for its body» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]

8. 3.2 · idem, II.3.18, p. 543 · as distinções entre as almas são eternas · «the distinction of the several individual souls and the stream of their works are eternal» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
9. 3.3 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, II.4.14, Olivelle, pp. 69–70 · "quem haveria para ver, e por meio de quê?" · «yatra vāsya sarvam ātmaivābhūt tat kena kaṃ paśyet» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
10. 3.4 · Śaṅkara, *Upadeśasāhasrī*, I.12.15, Mayeda, *A Thousand Teachings*, Albany, SUNY Press, 1992, p. 130 · "não diminuído e não produzido por fatores de ação" · «undiminished and not produced by factors of action» · [V-en: Mayeda; tradução do estudo]
11. 3.4 · *Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19, Thibaut, *Sacred Books of the East* 34, p. 185 · "enquanto é o *Brahman* supremo" · «in so far as it is the highest Brahman» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
12. 3.4 · idem, I.3.19, p. 185, n. 1 · "já não é *jīva*" · «is no longer Jiva» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
13. 3.4 · idem, introdução, pp. 3–9 · a superposição (*adhyāsa*) natural e sem começo · [V-en: Thibaut; paráfrase]
14. 3.5 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.4.5, Olivelle, pp. 120–121 · "por boa ação o homem se torna bom, por má ação, mau" · «sādhukārī sādhur bhavati pāpakārī pāpo bhavati» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo; página a confirmar]
15. 3.5 · *Bhagavad Gītā*, II.22, Edgerton, *The Bhagavad Gītā*, Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1944, v. 1 · "como se deixam as roupas gastas e se tomam outras novas, assim se deixam os corpos gastos" · «vāsāṃsi jīrṇāni yathā vihāya navāni gṛhṇāti naro 'parāṇi» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
16. 3.6 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, IV.1.15, Thibaut, *The Vedânta-Sûtras*, II, *Sacred Books of the East* 38, Oxford, 1896, pp. 357–358 · "como a roda do oleiro" · «as in the case of the potter's wheel» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
17. 3.8 · Ramana Maharshi, *Quem sou eu?* (*Nān Yār?*), Q1–2, Tiruvannamalai, Sri Ramanasramam, 8.ª ed., 2010, pp. 12–13 · "a consciência (*awareness*) que só ela resta: isso sou eu" · «Awareness which alone remains — that I am» · [V-en: Sri Ramanasramam; tradução do estudo]
18. 3.9 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.1.4, Thibaut, *Sacred Books of the East* 34, p. 23 · "meio de conhecimento correto de *Brahman*" · «a means of right knowledge of Brahman» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
19. 3.9 · idem, I.1.4, pp. 22–23 · "não pode ser apreendido sem o auxílio da passagem da Escritura 'Isso és tu'" · «cannot be grasped without the aid of the scriptural passage "That art thou"» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
20. 3.9 · *Chāndogya Upaniṣad*, VI.14.2, Olivelle, p. 257 · "quando um homem tem um mestre" · «evam evehācāryavān puruṣo veda» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
21. 3.9 · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.23 (2.23 em Olivelle), nota p. 605 · "só o homem que ele escolhe" · «yam evaiṣa vṛṇute» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
22. 3.9 · idem, I.2.23, Müller, *Sacred Books of the East* 15, Oxford, 1884 · "revela a sua própria pessoa" · «tasyaiṣa ātmā vivṛṇute tanūṃ svām» · [V-skt; V-en: Müller; tradução do estudo]
23. 3.10 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.34, Thibaut, *Sacred Books of the East* 34, pp. 357–358 · "a desigualdade da criação deve-se ao mérito" · «the circumstance of the creation being unequal is due to the merit and demerit of the living creatures created» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]

24. 3.10 · *Bhagavad Gītā*, II.19, Edgerton, v. 1 · “não mata, não é morto” · «nāyaṃ hanti na hanyate» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
25. 3.10 · idem, XVIII.73 · Arjuna diz que a confusão se desfez e que fará o que Kṛṣṇa disse · «naṣṭo mohaḥ smṛtir labdhā tvatprasādān mayācyuta | sthito 'smi gatasaṃdehaḥ kariṣye vacanaṃ tava» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
26. 3.11 · *Chāndogya Upaniṣad*, V.10.7, Olivelle, p. 237 · “um ventre imundo, como o de um cão” · «atha ya iha kapūyacaraṇā abhyāśo ha yat te kapūyāṃ yonim āpadyerañ śvayonim vā sūkarayoniṃ vā caṇḍālayoniṃ vā» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
27. 3.11 · *Bhagavad Gītā*, IV.13, Edgerton, v. 1 · “criado por Mim” · «cāturvarṇyaṃ mayā sṛṣṭaṃ guṇakarmavibhāgaśaḥ» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
28. 3.11 · idem, IX.32 · “origem baixa” · «ye 'pi syuḥ pāpayonayaḥ | striyo vaiśyās tathā śūdrās te 'pi yānti parāṃ gatim» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
29. 3.11 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.3.22, Olivelle, p. 115 · “o pai não é pai […], o pária não é pária” · «atra pitāpitā bhavati […] paulkaso 'paulkasaḥ» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
30. 3.11 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, introdução, Thibaut, *Sacred Books of the East* 34, pp. 7–8 · “um brâmane deve sacrificar”; “condições como casta, estágio de vida e idade” · «particular conditions such as caste, stage of life, age» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
31. 3.12 · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.18 (2.18 em Olivelle), Olivelle, p. 385 · “primevo e perene” · «ajo nityaḥ śāśvato 'yaṃ purāṇo» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
32. 3.12 · idem, I.1.20 · a pergunta de Naciketas sobre o depois da morte · «yeyaṃ prete vicikitsā manuṣye» · [V-skt; paráfrase]

### *A tradição*

1. 3.1 · Radhakrishnan, *Indian Philosophy*, II, sobre Madhva · lê *ayam ātmā brahma* como elogio · [V via secundária: Radhakrishnan; tese a confirmar]
2. 3.2 · Cowell e Gough, *The Sarva-Darśana-Saṅgraha*, Londres, 1882, pp. 94–95, sobre Madhva · “reais e desde toda a eternidade” · «This same is real and from all eternity» · [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar]
3. 3.5 · Thibaut, introdução ao *Comentário aos Brahmasūtra*, *Sacred Books of the East* 34, pp. xxv–xxvi · “como um véu, lhe esconde a sua verdadeira natureza” · «which, like a veil, hides from it its true nature» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
4. 3.5 · Eltschinger, mensagem de 9 abr. 2020, lista INDOLOGY, a propósito de Hacker, *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft* 100 (1950), pp. 246–286, a partir da p. 268 · Śaṅkara quase não usa a *māyā* e a emprega sobretudo em comparações · «has no specific theory of māyā (at least in the Brahmasūtrabhāṣya), but mostly uses the term in similes» · [V via secundária: Eltschinger; página a confirmar]
5. 3.5 · Cohen, Advaita-L, 2022, a propósito de Hacker (1950), pp. 248–249, 253–254 · paráfrase · [V via secundária: Cohen; tese a confirmar]
6. 3.11 · Gandhi, *Harijan*, 11/07/1936 · “nada na lei da *varṇa* autoriza a crença na intocabilidade” · «there is nothing in the law of Varna to warrant a belief in untouchability» · [V-en: Gandhi; tradução do estudo]
7. 3.11 · Sharma, *The Philosophy of Śrī Madhvācārya*, Bombay, 1962 · as almas em classes por natureza, sobre Madhva · [V via secundária: Sharma; tese a confirmar]

### *O cânon e os escritos*

1. 3.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância. A luz não se acende — ela se revela”
2. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
3. 3.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “a Luz tem nome próprio”; “é a consciência mais funda, o verdadeiro em si”; “a filosofia não decide isso por ninguém”
4. 3.2 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre”
5. 3.2 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “cada luz é singular”
6. 3.2 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “irredutível”
7. 3.2 · Tratado das Águas Comuns, “Síntese” · “o nós não é um todo que absorve o eu e o tu”
8. 3.3 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “Ninguém navega um rio privado”
9. 3.3 · Meditações Práticas, “O sabbath do fluxo” · “você não é o rio inteiro”
10. 3.3 · Cânon v1.2, “A Vigília” · a luz devida ao outro, dita na passagem do lobo
11. 3.4 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “a luz se revela, não se acende”; “Revelar supõe presença anterior a qualquer olhar”
12. 3.4 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “medo, hábito, adaptação às expectativas alheias”
13. 3.5 · Cânon v1.2, “Origem” · “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações”
14. 3.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá”
15. 3.5 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “uma ação concreta voltada a quem vem depois”
16. 3.5 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “o rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma”
17. 3.5 · Cânon v1.2, “Regra da ocasião” · “história” ocorre uma só vez, em assunto alheio ao tema
18. 3.6 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o retiro é discreto, e guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”; “a margem também é rio”
19. 3.6 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”
20. 3.7 · Catecismo, 14 · “portar é levar consigo, como mensagem, o que a mudança traz”
21. 3.7 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “Quem resiste ao fluxo é arrastado; quem o porta, navega”
22. 3.8 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”
23. 3.8 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “quem revisita o rio percorrido no dia”
24. 3.9 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los”
25. 3.9 · Cânon v1.2, “Parte IV — Papéis” · “somente ele altera a doutrina”
26. 3.9 · Cânon v1.2, “Origem” · “o fundamento está nas próprias ideias, e é por elas que esta filosofia pede para ser julgada”

27. 3.10 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “a luz não promete o amanhecer nem finge que não é noite. Ela vela”; “a Vigília promete presença, não vitória”; “a noite é o mal que ninguém causou”; “O lobo é o mal que alguém inflige — diante dele não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro”
28. 3.10 · Tratado da Vigília, “Definição” · “quando consolar é explicar”
29. 3.10 · Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “a retribuição — a tese de que o sofrimento paga uma culpa”; “a Vigília não lê a noite de cima nem do fim”
30. 3.11 · Disputatio, “1. Videtur quod non”, Objeção II · “a guerra em que se nasce, a injustiça estrutural herdada” (voz da objeção)
31. 3.11 · Catecismo, 13–14 · a “vocação” nomeia a mudança, e não o ofício
32. 3.12 · Cânon v1.2, “Origem” · “cada pessoa carrega uma luz interior atemporal e vive imersa num rio”
33. 3.12 · Catecismo, 1 · “cada pessoa carrega uma luz interior atemporal”
34. 3.12 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “já está lá, atemporal, esperando ser revelada”
35. 3.13 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “a dignidade não é conquistada, é descoberta”
36. 3.13 · Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve” · “abrir-se não é diluir-se”
37. 3.3 · Decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “Há uma luz devida ao outro antes de qualquer pacto”
38. 3.9 · Decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “aceita de Levinas a dívida e recusa a eleição”
39. 3.9 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · “o olhar do outro não a fabrica, mas pode ser o primeiro a vê-la — o Abrigo pode revelar uma luz encoberta”
40. 3.10 · Decisão n.º 1 de 17/10/2026 sobre o Estudo VII · “aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia”
41. 3.5 · Decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “o valor está na Lux, antes de qualquer história”; “o ‘quem’ está na história que a Revisão do rio nomeia”
42. 3.11 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “A Lux admite graus de visão, nunca de valor”
43. 3.1 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “a fonte continua sem nome no cânon”
44. 3.4 · Decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o corpo não encobre a luz”
45. 3.6 · idem · “Só templo: o corpo não encobre a luz”
46. 3.9 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
47. 3.11 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “A fronteira do escravo por natureza e da mulher é fronteira da série”
48. 3.9 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “O mestre interior fica como herança nomeada”
49. 3.11 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega”
50. 3.10 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
51. 3.13 · idem · a ordem do todo, sem adoção nem recusa

52. 3.12 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “de onde vem o começo fica sem dizer, e a Lux não depende do começo”
53. 3.8 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “O dois-em-um cabe na letra do Examinar: como leitura”
54. 3.11 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “nenhuma pessoa está fora da Lux” diz-se também diante da superfluidade
55. 3.1 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “a Lux é de alguém”; “nem a mente luminosa nem a natureza de Buda viram nome da Luz”
56. 3.5 · Decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · a margem do cânon é dentro do rio
57. 3.11 · Decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “nenhuma pessoa está fora da Lux” diz-se também diante do renascimento, do *kamma*, da desigualdade; “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite”
58. 3.7 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “a Stoa consente, o cânon porta”
59. 3.1 · Decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* são estrutura, nunca nome da Luz”
60. 3.6 · Decisão n.º 5 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “a cidadela se abre: a margem devolve a luz”
61. 3.10 · Decisão n.º 7 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “o cânon não diz que a noite é prova”
62. 3.10 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “(g) segue aberta até o tratado da justiça”
63. 3.2 · Ficha do Estudo IV, outubro de 2026 · “Participação vs. identidade: no advaita” · [Ficha, não cânon]
64. 3.5 · idem · “o rio tem margens” · [Ficha, não cânon]
65. 3.12 · idem · “O eu atemporal” · [Ficha, não cânon]
66. 3.13 · idem · “O eu atemporal: o ātman que não nasce nem morre (Katha Up. II.18-19) é o eco mais direto da luz interior” · [Ficha, não cânon]
67. 3.13 · idem · “Revelar, não fabricar: a ignorância encobre o que sempre esteve lá” · [Ficha, não cânon]
68. 3.13 · idem · “Participação vs. identidade: no advaita, tat tvam asi — a individualidade é aparência; para nós cada luz é única e irredutível” · [Ficha, não cânon]
69. 3.13 · idem · “História real: o rio tem margens — não é véu (māyā)” · [Ficha, não cânon]
70. 3.2 · Estudo I, 3.1 · o cânon não tem tese sobre a natureza do eu, “só sobre o seu valor e a sua integridade” · [leitura do estudo]
71. 3.4 · Estudo X, 3.2 · “ignorância” só ocorre na Ficha · [leitura do estudo]
72. 3.5 · Estudo I, 4.8 · “margem” na Ficha IV como limite, terceiro sentido · [leitura do estudo]

## Capítulo 4 — O Vedanta diante das casas da série

### *O Vedanta*

1. 4.1 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra* (*Brahmasūtrabhāṣya*), II.1.14 (numeração de Thibaut), trad. George Thibaut, *Sacred Books of the East* 34, p. 324 · “até o dormente acordar” · ‘the phantoms of a dream are considered to be true until the sleeper wakes’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]

2. 4.3 · *Chāndogya Upaniṣad*, VI.2.1, trad. Gerpe a partir de Prabhavananda, *Os Upanishads: Sopro Vital do Eterno* (Pensamento, 1987), p. 46, citada por Carvalho, Gouvêa e Loundo, *Principia* 17 (UFJF, 2013), p. 154 · “no início havia a existência, apenas Um, sem segundo” · «sad eva somyedam agra āsīd ekam evādvitīyam» · [V-skt; V-pt via secundária: Loundo]
3. 4.3 · Madhva, na exposição de Cowell e Gough, *The Sarva-Darśana-Saṅgraha*, cap. V, pp. 94–95 · “real e desde toda a eternidade” · ‘This same is real and from all eternity’ · [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar]
4. 4.3 · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.18 (2.18 em Olivelle), trad. Patrick Olivelle, *The Early Upaniṣads* (Oxford University Press, 1998), p. 385 · “não nasce, não morre” · «na jāyate mriyate vā vipaścin» · ‘The wise one—he is not born, he does not die’ · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
5. 4.4 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.3.6 (recensão Kāṇva; a cena é IV.3.2–6), idem, p. 111; nota de Olivelle sobre o sono e o sonho, p. 516; Hume, *The Thirteen Principal Upanishads* (Oxford, 1921), pp. 132–133, Müller, *Sacred Books of the East* 15, pp. 162–164, e Radhakrishnan, *The Principal Upaniṣads*, pp. 255–256, vertem *jyotis* por *light* · “a sua fonte de luz” · «ātmaivāsya jyotir bhavatīti» · ‘The self (ātman) is then his source of light’ · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
6. 4.4 · *Kaṭha Upaniṣad*, II.2.15 (5.15 em Olivelle), idem, p. 399 [página a confirmar] · “ali o sol não brilha, nem a lua e as estrelas; […] por sua luz tudo isto resplandece” · «na tatra sūryo bhāti na candratārakam» · ‘There the sun does not shine, nor the moon and stars; … this whole world radiates with his light’ · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
7. 4.4 · *Bhagavad Gītā*, II.22, trad. Franklin Edgerton, *The Bhagavad Gītā*, Harvard Oriental Series 38–39 (1944), v. 1 [página a confirmar] · “roupas gastas” · «vāsāṃsi jīrṇāni yathā vihāya» · ‘As leaving aside worn-out garments’ · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
8. 4.5 · *Brahmasūtra*, I.1.2, trad. Thibaut, *Sacred Books of the East* 34 [página a confirmar] · «janmādyasya yataḥ» · [V-skt; V-en: Thibaut; paráfrase]
9. 4.6 · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.23 (2.23 em Olivelle), idem, nota p. 605 · “escolhe” (*vṛṇute*, Olivelle); “revela” (*vivṛṇute*, GRETIL, Hume, Müller) · «yam evaiṣa vṛṇute»; «tasyaiṣa ātmā vivṛṇute tanūṃ svām» · ‘Only the man he chooses can grasp him’ · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
10. 4.7 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, trad. Thibaut, *Sacred Books of the East* 48, pp. 130 e 132 · “como tendo as almas individuais por corpo” · ‘Brahman as having the individual souls for its body’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
11. 4.8 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, III.9.26, trad. Olivelle, p. 101 · “não—, não—” · «sa eṣa neti nety ātmā» · ‘About this self (ātman), one can only say “not—, not—”’ · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
12. 4.8 · Ramana Maharshi, *Quem sou eu?* (*Nān Yār?*, *Who Am I?*), Q1–2, Sri Ramanasramam, 8.ª ed., 2010, pp. 12–13 · “isso sou eu” · ‘Awareness which alone remains — that I am’ · [V-en: Sri Ramanasramam; tradução do estudo]
13. 4.8 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, idem, pp. 69–70 · “o aniquilamento do Si” · ‘final release is the annihilation of the Self’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
14. 4.9 · Radhakrishnan, *Indian Philosophy*, II, Parte III, capítulo sobre Śaṅkara, p. 525 ss. [página a confirmar] · ‘A “Personal God” has meaning only for the practical religious consciousness’ · [V-en: Radhakrishnan; paráfrase]

15. 4.10 · Vivekananda, *Paper on Hinduism*, Parlamento das Religiões, Chicago, 19 set. 1893 · “para o hindu, o homem não viaja do erro à verdade, mas da verdade à verdade, de uma verdade menor a uma maior” · ‘To the Hindu, man is not travelling from error to truth, but from truth to truth, from lower to higher truth’ · [V-en: Vivekananda; tradução do estudo]
16. 4.10 · Radhakrishnan, *The Hindu View of Life*, p. 33 · “escala graduada” · ‘graduated scale’ · [V-en: Radhakrishnan; tradução do estudo]

### *A tradição*

1. 4.1 · Hegel, resenha de 1827 ao ensaio de Humboldt sobre a *Bhagavad Gītā*, via Estudo VII, 4.4 · “a alma particular se torne Deus” · [V via secundária: Estudo VII, 4.4; tradução do estudo]
2. 4.1 · Hegel, idem · “é a unidade apenas como universalidade abstrata, como substância sem determinação” · [V via secundária: Estudo VII, 4.4; tradução do estudo]
3. 4.1 · Hegel, idem · “até a determinação da subjetividade infinita” · [V via secundária: Estudo VII, 4.4; tradução do estudo]
4. 4.1 · Halbfass, *India and Europe* (SUNY, 1988), cap. 6 (“Hegel”), pp. 84–99 [página a confirmar] · [V-en: Halbfass; paráfrase]
5. 4.1 · Hegel, *Filosofia da história* (*Lectures on the Philosophy of History*), trad. John Sibree (Bell, 1914), pp. 162–163 · “a delusão causada pelo mundo exterior” · ‘Maya (the delusion occasioned by the outward world)’ · [V-en: Sibree; tradução do estudo]
6. 4.1 · Eltschinger, mensagem à lista INDOLOGY, 9 abr. 2020, citada por Uskokov e Buescher; sobre Hacker, *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft* 100 (1950), pp. 268 ss. [página a confirmar] · “sobretudo em símiles” · ‘Śaṅkara has no specific theory of māyā (at least in the Brahmasūtrabhāṣya), but mostly uses the term in similes’ · [V via secundária: Eltschinger; tradução do estudo]
7. 4.2 · Schopenhauer, *O mundo como vontade e como representação*, I, Prefácio (1818), trad. Haldane–Kemp · “a maior vantagem que este século ainda jovem desfruta” · ‘greatest advantage which this still young century enjoys’ · [V-en: Haldane–Kemp; tradução do estudo]
8. 4.2 · Schopenhauer, idem, I, § 63 (Reclam, 1892) · “*Tatoumes*, mais corretamente *tat twam asi*, que significa: ‘isto és tu’” · «Tatoumes, richtiger tat twam asi, welches heißt: »dies bist du«» · [V-de; tradução do estudo]
9. 4.2 · Schopenhauer, idem, I, § 66 (Reclam, 1892) · “com conhecimento claro […] seguro de toda virtude e bem-aventurança e no caminho direto para a redenção” · «mit klarer Erkenntniß […] aller Tugend und Seligkeit gewiß und auf dem geraden Wege zur Erlösung» · [V-de; tradução do estudo]
10. 4.2 · Schopenhauer, idem, II, cap. 17, via Estudo I, 4.2 · “a primazia” · «den Vorzug» · [V via secundária: Estudo I, 4.2; tradução do estudo]
11. 4.2 · Decock e Debona, *Trans/Form/Ação* 47(2), e02400287 (2024), sobre Hacker, “Schopenhauer and Hindu Ethics”, e Vivekananda · [V via secundária: Decock e Debona; paráfrase]
12. 4.2 · Deussen, *The System of the Vedanta*, trad. Johnston (1912), Introdução, p. 48 · [V-en: Johnston; paráfrase]
13. 4.3 · Levinas, *Totalidade e Infinito* (*Totality and Infinity*, trad. Lingis), p. 102, via Estudo VIII, 4.6 · “sem contribuição de um pretenso pensamento oriental” · [V via secundária:

Estudo VIII, 4.6; tradução do estudo]

14. 4.3 · Levinas, idem, p. 218, via Estudo VIII, 4.6 · “não deve, portanto, ser reconduzida a nenhuma sabedoria oriental” · ‘it therefore should not be traced back to any oriental wisdom’ · [V via secundária: Estudo VIII, 4.6; tradução do estudo]
15. 4.3 · Ricoeur, *Autobiografia intelectual* (*Autobiografía intelectual*), ed. esp. (Buenos Aires: Nueva Visión, 2007), p. 32, via Estudo IX, 4.6 · “não fazem parte de minha memória finita” · «no forman parte de mi memoria finita» · [V via secundária: Estudo IX, 4.6; tradução do estudo]
16. 4.3 · Ricoeur, *Finitude e culpabilidade* (*Finitud y culpabilidad*), ed. esp. (Madrid: Trotta, 2004), p. 187, via Estudo IX, 4.6 · “bem valem” a grega e a judaica; “ainda não existe” · «estas civilizaciones “bien valen” la griega y la judía; no existe todavía» · [V via secundária: Estudo IX, 4.6; tradução do estudo]
17. 4.4 · Jaspers e Buber (pessoas lado a lado), via Estudo X, 4.7 · [V via secundária: Estudo X, 4.7]
18. 4.5 · Aristóteles, *Metafísica* XII, 7, 1072b3, via Estudo XI, 1.10 · “a causa final produz movimento sendo amada” · «kinei hos eromenon» · [V via secundária: Estudo XI, 1.10; tradução do estudo]
19. 4.6 · Agostinho, *Cidade de Deus*, VIII, 9, via Estudo XII, 4.8 · “viram e ensinaram”; “a todos eles pomos à frente dos demais e confessamos mais próximos de nós” · [V via secundária: Estudo XII, 4.8; tradução do estudo]
20. 4.7 · Epicteto, *Diatribes*, I, 14, 6, via Estudo II, 1.6 · “partes e pedaços” · «apospasma» · [V via secundária: Estudo II, 1.6; tradução do estudo]
21. 4.7 · Dinucci, nota 471 a Epicteto, *Diatribes*, I, 14, 6 · “um ser vivo” · [V-pt: Dinucci]
22. 4.7 · Marco Aurélio, *Meditações*, IV, 3, via Estudo II, 2.6 · “em si mesmo”; “àquilo a que você volta” · [V via secundária: Estudo II, 2.6; tradução do estudo]
23. 4.8 · *Saṃyutta Nikāya*, 22.59 e 44.10, e a disputa de família entre a *Ratnagotravibhāga* e o *Mahāparinirvāṇa Sūtra*, via Estudo I, 4.8 · “isto não é meu” · [V via secundária: Estudo I, 4.8; tradução do estudo]
24. 4.8 · Ambedkar, *The Buddha and His Dhamma*, Livro III, Parte IV, § 3 · “é uma ficção”; “resultado frutífero” · ‘Brahma is a fiction. What fruitful result does it give?’ · [V-en: Ambedkar; tradução do estudo]
25. 4.9 · Otto, *Mysticism East and West* (“Mística do Oriente e do Ocidente”), trad. Bracey e Payne (Macmillan, 1932), Parte B, Introdução, pp. 165–166 · “Cristo não é, no fundo, o mesmo que Krishna. Tampouco a mística é ‘a mesma’ no Oriente e no Ocidente” · ‘Christ is not at bottom the same as Krishna. Just as little is mysticism “the same” in the East and in the West’ · [V-en: Bracey e Payne; tradução do estudo]
26. 4.9 · Sartre, *O ser e o nada* (*L’Être et le néant*), via Estudo VII, 4.5 · “por princípio impossível” · [V via secundária: Estudo VII, 4.5; tradução do estudo]
27. 4.9 · Kierkegaard, *Temor e tremor*, via Estudo VII, 5.1 · [V via secundária: Estudo VII, 5.1; paráfrase]
28. 4.9 · Hegel sobre o Tao, via Estudo VII, 4.6 · “o mais alto, o último, o originário […] é o nada, o vazio, o totalmente indeterminado” · [V via secundária: Estudo VII, 4.6; tradução do estudo]
29. 4.10 · Lapshin, *Voprosy filosofii* 2021, n.º 7, pp. 201–205 (resumo inglês), sobre Hacker (1983, pp. 14 e 20) e o inclusivismo · [V via secundária: Lapshin]

### *O cânon e os escritos*

1. 4.2 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “uma luz devida ao outro”
2. 4.3 · Cânon v1.2, “Origem” · “atemporal”
3. 4.6 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “mestre interior”; “antes de qualquer voz externa”
4. 4.9 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “para o cristão, é o próprio Deus”
5. 4.2, 4.6 · decisão n.º 1 de 19/10/2026 sobre o Estudo VIII · “aceita de Levinas a dívida e recusa a eleição”; “uma luz devida ao outro antes de qualquer pacto”
6. 4.3 · decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “o valor está na Lux, antes de qualquer história; o ‘quem’ está na história que a Revisão do rio nomeia”
7. 4.4 · decisão n.º 3 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “o sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”
8. 4.5 · decisão n.º 9 de 31/10/2026 sobre o Estudo XI · “nem o intelecto, nem o motor, nem o divino em nós dão nome à Luz”
9. 4.6 · decisão n.º 1 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção”
10. 4.6 · decisão n.º 3 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · o “mestre interior” como herança nomeada
11. 4.6 · decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “nenhuma pessoa está fora da Lux”; “poucos cruzam”
12. 4.7 · decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* são estrutura, nunca nome da Luz”
13. 4.7 · decisão n.º 5 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · “a margem devolve a luz”
14. 4.8 · decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “a Lux é de alguém”
15. 4.8 · decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “a margem do cânon é dentro do rio”
16. 4.1 · Ficha do Estudo IV · “que não nasce nem morre”; “II.18-19” · [Ficha, não cânon]
17. 4.9 · Ficha do Estudo V · “Contra a vida por papéis” · [Ficha, não cânon]
18. 4.9 · Ficha do Estudo VI · “Impessoal vs. pessoal” · [Ficha, não cânon]
19. 4.10 · Ficha do Estudo IV · “no advaita” · [Ficha, não cânon]
20. 4.1 · Estudo VII, 4.4 · “um Vedanta de segunda mão, sem Śaṅkara” · [leitura do estudo]
21. 4.1 · Estudo VII, 4.7 · “O estudo segue Hegel na pergunta, não nos rótulos” · [leitura do estudo]
22. 4.1 · Estudo VII, abertura de 4 · “visita casas, não as gradua” · [leitura do estudo]
23. 4.2 · Estudo I, 4.2 · “‘Compaixão’ não ocorre em escrito algum” · [leitura do estudo]
24. 4.2 · Estudo I, 4.6 · as primeiras leituras ocidentais do budismo · [leitura do estudo]
25. 4.3 · Estudo VIII, 4.7 · a pergunta sobre o outro posto antes do ser, da liberdade, do sistema · [leitura do estudo]
26. 4.3 · Estudo IX, 3.2 · o risco da leitura *idem* · [inferência do estudo]
27. 4.3 · Estudo IX, 4.6 · “o cânon não responde, porque nada lhe foi perguntado” · [leitura do estudo]
28. 4.4 · Estudo I, 3.8 · o renascimento e o silêncio do cânon sobre o depois · [leitura do estudo]

29. 4.4 · Estudo X, 4.7 · as pessoas lado a lado e a ponte que não se fez com a reminiscência · [leitura do estudo]
30. 4.5 · Estudo XI, 4.3 · “move como fim e não cria” · [leitura do estudo]
31. 4.5 · Estudo XI, 4.8 · as três aproximações do *Brahman* · [leitura do estudo]
32. 4.6 · Estudo XII, 4.8 · “budismo, vedanta e taoísmo não estão no texto de Agostinho, e isso é achado, não lacuna” · [leitura do estudo]
33. 4.6 · Estudo XIII, 4.9 · “não diz coisa alguma sobre elas” · [leitura do estudo]
34. 4.7 · Estudo II, 4.8 · “o Vedanta, e a pergunta se o Si e o *logos* se comparam” · [leitura do estudo]
35. 4.7 · Estudo II, 3.1 · “a Lux é de alguém” · [leitura do estudo]
36. 4.8 · Estudo I, 4.1 · a acusação de Hegel ao budismo · [leitura do estudo]
37. 4.8 · Estudo I, 3.1 · “aberto × fechado”; “não tem tese” · [leitura do estudo]
38. 4.9 · Estudo VII, 4.3 · “religião consumada” · [leitura do estudo]

## Capítulo 5 — A Ficha e as prévias: o que a série já disse do Vedanta

### *O Vedanta*

1. 5.1 · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.18 (= 2.18 em Olivelle), Olivelle, *The Early Upaniṣads*, Oxford, 1998, p. 385; Hume, *The Thirteen Principal Upanishads*, Oxford, 1921, p. 349 · “o sábio não nasce nem morre; […] é não nascido e eterno, primevo e perene” · «na jāyate mriyate vā vipaścin […] ajo nityaḥ śāśvato 'yaṃ purāṇaḥ» · ‘He is unborn and eternal, primeval and everlasting.’ · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
2. 5.1 · *Bhagavad Gītā*, II.20, Edgerton, *The Bhagavad Gītā*, Harvard Oriental Series 38, Harvard University Press, 1944 · “não nasce nem morre jamais; […] não nascido, eterno, perene, este antigo não é morto quando o corpo é morto” · «na jāyate mriyate vā kadācin […] ajo nityaḥ śāśvato 'yaṃ purāṇo na hanyate hanyamāne śarīre» · ‘He is not born, nor does he ever die… Unborn, eternal, everlasting, this ancient one Is not slain when the body is slain.’ · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo; página a confirmar]
3. 5.1, 5.4 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19 (numeração de Thibaut, que é 1,3.18 no GRETIL), Thibaut, *The Vedânta-Sûtras with the Commentary by Śaṅkarâkârya*, Sacred Books of the East 34, Oxford, 1890, pp. 186–187 · “a natureza verdadeira de um cristal puro, a sua transparência e brancura, está, antes do conhecimento discriminativo, como que indiscriminada das cores” · «uttarāc ced āvirbhūtasvarūpas tu» (o sūtra) · ‘the true nature of a pure crystal, i. e. its transparency and whiteness, is, before the rise of discriminative knowledge, non-discriminated as it were from any limiting adjuncts’ · [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo; página a confirmar]
4. 5.1 · idem, I.3.19, p. 185 · “a alma individual em sua verdadeira natureza, isto é, enquanto é o *Brahman* supremo, não enquanto é alma individual” · ‘the individual soul in its real nature, i. e. in so far as it is the highest Brahman, not in so far as it is individual soul’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
5. 5.1 · Śaṅkara, *Upadeśasāhasrī*, I.1.6, Mayeda, *A Thousand Teachings*, SUNY Press, 1992, p. 103 · “só o conhecimento [de *Brahman*] pode destruir a ignorância; a ação não pode” · ‘Only knowledge [of Brahman] can destroy ignorance; action cannot [destroy it] since [action] is not incompatible [with ignorance].’ · [V-en: Mayeda; tradução do estudo]

6. 5.1, 5.4 · *Chāndogya Upaniṣad*, VI.8.7, Olivelle 1998, p. 253; Radhakrishnan, *The Principal Upaniṣads*, 1953, pp. 458–459 · “e é assim que és, Śvetaketu” (Olivelle); “tu és isso” (Radhakrishnan) · «tat tvam asi śvetaketo» · ‘And that’s how you are, Śvetaketu.’ (Olivelle); ‘That art thou’ (Radhakrishnan) · [V-skt; V-en: Olivelle, Radhakrishnan; tradução do estudo]
7. 5.1 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, Thibaut, *The Vedânta-Sûtras with the Commentary of Râmânuja*, Sacred Books of the East 48, Oxford, 1904, p. 130 · “as palavras ‘isso’ e ‘tu’ denotam um *Brahman* distinto pela diferença” · ‘the words “that” and “thou” denote a Brahman distinguished by difference’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
8. 5.1, 5.4 · idem, II.3.18, p. 543 · “a distinção das várias almas individuais e a corrente das suas obras são eternas” · ‘the distinction of the several individual souls and the stream of their works are eternal’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
9. 5.1, 5.4 · Madhva, em *Sarva-darśana-saṅgraha*, V, Cowell e Gough, *The Sarva-Darśana-Saṅgraha*, Londres, 1882, pp. 94–95 · “isto mesmo é real e desde toda a eternidade” · ‘This same is real and from all eternity’ · [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar]
10. 5.1 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.14, Thibaut 1890, p. 322 · “elimina a existência independente da alma individual, como a ideia da corda elimina a ideia da serpente” · ‘does away with the independent existence of the individual soul, just as the idea of the rope does away with the idea of the snake’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
11. 5.1 · idem, II.1.14, p. 324 · “todo o conjunto da existência fenomenal é tido por verdadeiro […] como os fantasmas de um sonho, até o dormente acordar” · ‘the entire complex of phenomenal existence is considered as true as long as the knowledge of Brahman being the Self of all has not arisen; just as the phantoms of a dream are considered to be true until the sleeper wakes’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
12. 5.1, 5.4 · *Brahmasūtra*, II.1.35–36, com Śaṅkara, Thibaut 1890, p. 360 · “o mundo transmigratório não tem começo” · «na karmāvibhāgād iti cen nānāditvād upapadyate cāpy upalabhyate ca» · ‘the transmigratory world is without beginning’ · [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo]
13. 5.2 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, III.9.26 (recensão Kāṇva), Olivelle 1998, p. 101 · “sobre este Si (*ātman*) só se pode dizer ‘não—, não—’” · «sa eṣa neti nety ātmā» · ‘About this self (ātman), one can only say “not—, not—”’ · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
14. 5.2 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, Thibaut 1904, p. 70 · “este Si ‘interior’ brilha também no estado de libertação final como um ‘eu’, pois aparece a si mesmo” · ‘This “inward” Self shines forth in the state of final release also as an “I”; for it appears to itself.’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
15. 5.3 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, Thibaut 1904, pp. 39–40 · “toda esta teoria repousa sobre um fundamento fictício de argumentos inteiramente ocos e viciosos” · ‘This entire theory rests on a fictitious foundation of altogether hollow and vicious arguments’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
16. 5.3 · idem, I.1.1, pp. 39–40 · “a realidade é afetada pela diferença” · ‘reality is affected with difference’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
17. 5.3 · *Taittirīya Upaniṣad*, II.1, Olivelle 1998, p. 299 · “verdade, conhecimento, infinito: *Brahman*” · «satyaṃ jñānam anantaṃ brahma» · [V-skt; tradução do estudo; página a confirmar]
18. 5.3 · *Brahmasūtra*, I.1.2, com Śaṅkara, Thibaut 1890, pp. 14–15 · “de onde procedem a origem, a subsistência e a dissolução deste mundo” · «janmādyasya yataḥ» · ‘(Brahman is

that) from which the origin, &c. (i. e. the origin, subsistence, and dissolution) of this (world) proceed' · [V-skt; V-en: Thibaut; tradução do estudo; página a confirmar]

19. 5.3 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, Thibaut 1904, p. 135 · "o mundo inteiro forma o corpo de *Brahman*" · 'the entire world forms the body of Brahman' · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
20. 5.4 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.3.6–7 (Kāṇva), Olivelle 1998, p. 111; Hume 1921, pp. 132–133; Müller, *The Upanishads*, Sacred Books of the East 15, Oxford, 1884, pp. 162–164; Radhakrishnan 1953, pp. 255–256 · "o Si é então a sua fonte de luz" · «ātmaivāsya jyotir bhavati» · 'The self (ātman) is then his source of light.' (Olivelle; Hume, Müller e Radhakrishnan traduzem "light") · [V-skt; V-en: Olivelle, Hume, Müller, Radhakrishnan; tradução do estudo]
21. 5.4 · *Īśā Upaniṣad*, 15, Olivelle 1998, p. 141 · "a face da verdade está coberta por um disco de ouro" · 'The face of truth is covered with a golden dish.' · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
22. 5.4 · *Muṇḍaka Upaniṣad*, 3.1.1, Olivelle 1998, p. 449 · "um deles come um figo saboroso; o outro, sem comer, olha" · 'One of them eats a tasty fig; the other, not eating, looks on.' · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
23. 5.4 · *Bhagavad Gītā*, II.47, Edgerton 1944 · "que o seu interesse esteja só na ação, nunca nos frutos" · «karmaṇy evādhikāras te mā phaleṣu kadācana» · 'On action alone be thy interest, Never on its fruits' · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo; página a confirmar]
24. 5.4 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, I.1.1, Thibaut 1904, p. 132 · "*Brahman* tendo as almas individuais por corpo" · 'Brahman as having the individual souls for its body' · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
25. 5.4 · *Kaṭha Upaniṣad*, I.3.3 (= 3.3 em Olivelle), Olivelle 1998, p. 389 · "conheça o Si como o passageiro de uma carruagem, e o corpo, simplesmente como a carruagem" · 'Know the self as a rider in a chariot, and the body, as simply the chariot.' · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
26. 5.4 · *Chāndogya Upaniṣad*, VIII.12.1, Olivelle 1998, p. 285 · "morada deste Si imortal e sem corpo" · «tad asyāmṛtasyāśarīrasyātmano 'dhiṣṭhānam» · 'abode of this immortal and nonbodily self' · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
27. 5.4 · *Chāndogya Upaniṣad*, V.10.7, Olivelle 1998, p. 237 · "os de conduta imunda podem esperar entrar num ventre imundo, como o de um cão, de um porco ou de uma mulher sem casta" · «kapūyayoniṃ» · 'people of foul behavior can expect to enter a foul womb, like that of a dog, a pig, or an outcaste woman' · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
28. 5.4 · *Bhagavad Gītā*, IX.32, Edgerton 1944 · "mesmo os de origem baixa, mulheres, homens da casta dos artesãos e servos, chegam à meta suprema" · «pāpayonayaḥ […] striyo vaiśyās tathā śūdrās» · 'Even those who may be of base origin, Women, men of the artisan caste, and serfs too, Even they go to the highest goal.' · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo; página a confirmar]
29. 5.4 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.34, Thibaut 1890, p. 358 · "a desigualdade da criação se deve ao mérito e ao demérito das criaturas" · 'the circumstance of the creation being unequal is due to the merit and demerit of the living creatures created' · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]

### *A tradição*

1. 5.1 · Thibaut, Introdução ao *Comentário aos Brahmasūtra*, Sacred Books of the East 34, 1890, pp. xxv–xxvi · “como um véu” · ‘like a veil’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
2. 5.1 · idem, pp. xxv–xxvi · “um princípio de ilusão” · ‘a principle of illusion’ · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
3. 5.1 · Eltschinger, mensagem à lista INDOLOGY, 9 abr. 2020, citada por Uskokov e Buescher; sobre Hacker, “Eigentümlichkeiten der Lehre und Terminologie Śaṅkaras”, *Zeitschrift der Deutschen Morgenländischen Gesellschaft* 100 (1950), pp. 246–286 · “Śaṅkara não tem teoria específica da *māyā* (ao menos no comentário aos *Brahmasūtra*), mas usa o termo sobretudo em comparações” · ‘Śaṅkara has no specific theory of māyā (at least in the Brahmasūtrabhāṣya), but mostly uses the term in similes’ · [V via secundária: Eltschinger; página a confirmar; tradução do estudo]
4. 5.3 · Ramana Maharshi, *Quem sou eu?* (*Nān Yār?*), Q3, Sri Ramanasramam, 8.ª ed., 2010, p. 13 · “Existência–Consciência–Bem-aventurança” · ‘Existence–Consciousness–Bliss’ · [V-en: Sri Ramanasramam; tradução do estudo]
5. 5.3 · Levinas, *Totalidade e Infinito* (*Totality and Infinity*), p. 102 · “sem contribuição de um pretenso pensamento oriental” · [V via secundária: Estudo VIII, 4.6; tradução do estudo]
6. 5.4 · *Manusmṛti*, VI.33, Bühler, *The Laws of Manu*, Sacred Books of the East 25, Oxford, 1886, p. 205 · “depois de abandonar todo apego aos objetos do mundo” · ‘after abandoning all attachment to worldly objects’ · [V-en: Bühler; tradução do estudo]

### *O cânon e os escritos*

1. 5.1 · Cânon v1.2, “Origem”; Catecismo, 1 · “cada pessoa carrega uma luz interior atemporal”
2. 5.1 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “ela já está lá, atemporal, esperando ser revelada”
3. 5.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “A luz não se acende — ela se revela.”
4. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “reconhecê-lo, não fabricá-lo”
5. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias”
6. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “A luz interior do Pilar I é participação nesse princípio comum”
7. 5.1, 5.4 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · a origem, “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
8. 5.1 · idem · “irredutível” (da pessoa)
9. 5.1 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “cada luz é singular”
10. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a luz é pessoal, nunca individual: o indivíduo define-se pelo que o separa; a pessoa, pelo que a abre”
11. 5.1 · Cânon v1.2, “Regra da ocasião” · a única ocorrência de “história”
12. 5.1 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “as águas comuns conhecem as margens”
13. 5.1, 5.4 · Cânon v1.2, “Origem” · “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações”
14. 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista”
15. 5.4 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “revisita o rio percorrido no dia”

16. 5.4 · Catecismo, 14 · “que mensagem carrego através disto?”
17. 5.4 · Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve” · “abrir-se não é diluir-se”
18. 5.4 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o retiro é discreto, e guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”
19. 5.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “são seu instrumento”
20. 5.4 · Tratado da Vigília, “Definição” · “nem consolo, quando consolar é explicar”
21. 5.4 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”
22. 5.3 · decisão n.º 4 de 23/10/2026 sobre o Estudo IX · “A pessoa e a história, em registros distintos”
23. 5.4 · decisão n.º 6 de 23/10/2026 sobre o Estudo X · “Só templo: o corpo não encobre a luz”
24. 5.1 · decisão n.º 2 de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII · “de onde vem o começo fica sem dizer, e a Lux não depende do começo”
25. 5.4 · decisão n.º 6 de 31/10/2026 sobre o Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”
26. 5.2, 5.4 · decisão n.º 3 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · “a Lux é de alguém”; a mente luminosa e a natureza de Buda não viram nome da Luz
27. 5.3, 5.4 · decisão n.º 6 de 03/11/2026 sobre o Estudo I · as fronteiras da série alcançam o Oriente; “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite”
28. 5.1 · decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · a “participação num princípio que nos excede” sai da Ficha II
29. 5.3 · decisão n.º 4 de 03/11/2026 sobre o Estudo II · o *logos*, a centelha, o *daimon* e o *spiritus* são estrutura, nunca nome da Luz
30. 5.1 · Fichas dos Estudos I a VII, Estudo IV, primeiro toque · “O eu atemporal: o ātman que não nasce nem morre (Katha Up. II.18-19) é o eco mais direto da luz interior.” · [Ficha, não cânon]
31. 5.1 · idem, segundo toque · “Revelar, não fabricar: a ignorância encobre o que sempre esteve lá.” · [Ficha, não cânon]
32. 5.1 · idem, primeira fronteira · “Participação vs. identidade: no advaita, tat tvam asi — a individualidade é aparência; para nós cada luz é única e irredutível.” · [Ficha, não cânon]
33. 5.1 · idem, segunda fronteira · “História real: o rio tem margens — não é véu (māyā).” · [Ficha, não cânon]
34. 5.1 · Estudo II, 3.1 · a “participação num princípio que nos excede” cortada na Ficha II · [leitura do estudo]
35. 5.1 · Estudo I, 4.8 · a margem da Ficha IV como terceiro sentido, o de limite · [leitura do estudo]
36. 5.2 · Estudo I, 4.8 · a disputa de família sobre o eu · [leitura do estudo]
37. 5.2 · Estudo I, 3.1 · “aberto × fechado” · [leitura do estudo]
38. 5.3 · Estudo VII, 4.4 · Hegel: “a alma particular se torne Deus”; Brahma, “substância sem determinação” · [leitura do estudo]
39. 5.3 · Estudo IX, 4.2 · o *ātman* que “nem morre” · [leitura do estudo]
40. 5.3 · Estudo IX, 3.2 · o risco de “atemporal” ao alcance da leitura *idem* · [leitura do estudo]
41. 5.3 · Estudo X, 3.2 · “ignorância” só ocorre na Ficha IV · [leitura do estudo]

42. 5.3 · Estudo XI, 4.8 · o *Brahman* e o motor imóvel, sem intérprete nomeado · [tese a confirmar]
43. 5.3 · Estudo XI, 1.10 · o motor move “como amado”; “pensamento do pensamento” · [leitura do estudo]
44. 5.3 · Estudo XII, 4.8 · “budismo, vedanta e taoísmo não estão no texto de Agostinho, e isso é achado, não lacuna” · [leitura do estudo]
45. 5.3 · Estudo XIII, 4.9 · nenhuma decisão estendia as fronteiras da série ao Oriente · [leitura do estudo]
46. 5.3 · Estudo II, 3.1 · “a Lux é de alguém”; a centelha é parte de um todo · [leitura do estudo]
47. 5.3 · Estudo II, 4.8 · a comparação do Si com o *logos* passa ao Estudo IV · [leitura do estudo]

## Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

### *O Vedanta*

1. 6.1, 6.3, 6.4, 6.5 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.3.6, Olivelle 1998 · “o Si é então a sua fonte de luz” · «ātmaivāsya jyotir bhavatīti» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
2. 6.1, 6.2, 6.3 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19, Thibaut, SBE 34 · “realizou a sua verdadeira natureza, embora na realidade já a tivesse realizado antes” · «—» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
3. 6.1, 6.2, 6.5 · Thibaut, nota 1 a Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19, SBE 34, p. 185 · o *jīva* manifesto “já não é *jīva*” · «is no longer Jiva» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
4. 6.5 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.19, Thibaut, SBE 34, p. 185 · a alma “enquanto é o *Brahman* supremo” · «—» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
5. 6.1, 6.2, 6.5 · *Īśā Upaniṣad*, 15, Olivelle 1998 · a face da verdade coberta por um disco de ouro; o pedido a Pūṣan, deus solar · «hiraṇmayena pātreṇa satyasyāpihitaṃ mukham» · [V-skt; V-en: Olivelle; paráfrase]
6. 6.1, 6.3, 6.4 · *Bhagavad Gītā*, II.47, Edgerton · “só na ação, nunca nos frutos” · «karmaṇy evādhikāras te mā phaleṣu kadācana» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]
7. 6.1 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, IV.4.23, Olivelle 1998 · “O mal não o queima; ele queima todo o mal” · «nainaṃ pāpmā tapati sarvaṃ pāpmānaṃ tapati» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
8. 6.1 · *Bṛhadāraṇyaka Upaniṣad*, II.4.14, Olivelle 1998, pp. 69–70 · “quem haveria para ver, e por meio de quê?” · «yatra vāsya sarvam ātmaivābhūt tat kena kaṃ paśyet» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
9. 6.1 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, II.1.34, Thibaut, SBE 34, p. 358 · “a desigualdade da criação se deve ao mérito e ao demérito das criaturas” · «—» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
10. 6.1, 6.3 · *Chāndogya Upaniṣad*, V.10.7, Olivelle 1998 · “imundo, como o de um cão” · «śvayonim» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
11. 6.1, 6.3 · *Bhagavad Gītā*, IX.32, Edgerton · “de origem baixa” · «pāpayonayaḥ» · [V-skt; V-en: Edgerton; tradução do estudo]

12. 6.1 · *Chāndogya Upaniṣad*, VIII.12.1, Olivelle 1998, p. 285 · “Si imortal e sem corpo” · «tad asyāmṛtasyāśarīrasyātmano 'dhiṣṭhānam» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
13. 6.4 · *Muṇḍaka Upaniṣad*, 3.1.1, Olivelle 1998 · o pássaro que olha sem comer · «anaśnann anyo abhicākaśīti» · [V-skt; V-en: Olivelle; paráfrase]
14. 6.4 · Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, introdução, Thibaut, SBE 34, pp. 8–9 · “a testemunha de todas as modificações do órgão interno” · «—» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
15. 6.5 · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.20, Olivelle 1998 · o Si escondido na caverna do coração · «guhāyām» · [V-skt; V-en: Olivelle; paráfrase]
16. 6.5 · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.18 (2.18 em Olivelle), Olivelle 1998 · “ele não nasce, não morre; não veio de lugar algum; não se tornou ninguém” · «na jāyate mriyate vā vipaścin nāyaṃ kutaścin na babhūva kaścit» · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
17. 6.3 · *Kaṭha Upaniṣad*, I.2.23 (2.23 em Olivelle), Olivelle 1998, nota p. 605 · “só o homem que ele escolhe” · «yam evaiṣa vṛṇute» (variante «tasyaiṣa ātmā vivṛṇute tanūṃ svām») · [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo]
18. 6.3 · *Chāndogya Upaniṣad*, VIII.4.1, Olivelle 1998 · o Si como dique · «setu» · [V-skt; V-en: Olivelle; paráfrase]
19. 6.1 · Rāmānuja, *Śrībhāṣya*, II.3.18–20, Thibaut, SBE 48 · a distinção eterna das almas (ver 1.2) · «—» · [V-en: Thibaut; tradução do estudo]
20. 6.1, 6.3 · Madhva, por Cowell e Gough, *Sarva-darśana-saṃgraha* · as almas eternamente distintas (ver 1.2) · «—» · [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar]

### *A tradição*

1. 6.1 · Kabīr, em Tagore, *Songs of Kabir*, poema II · a casta disputada · «—» · [V-en: Tagore; paráfrase]
2. 6.1 · Gandhi, *Harijan*, 11/07/1936 · guarda a *varṇa* e recusa a intocabilidade · «—» · [V-en: Gandhi; paráfrase]
3. 6.1 · Ambedkar, *Annihilation of Caste*, § 20 · a casta disputada · «—» · [V-en: Ambedkar; paráfrase]
4. 6.1 · Radhakrishnan, *The Hindu View of Life*, pp. 93–94 · “produto da tolerância e da confiança”; “degenerado num instrumento de opressão” · «—» · [V-en: Radhakrishnan; tradução do estudo]
5. 6.1 · Thibaut, introdução a SBE 34 · o “véu” e o “principle of illusion” (ver 1.10) · «—» · [V-en: Thibaut]

### *O cânon e os escritos*

1. 6.1, 6.5 · Cânon v1.2, “Origem” · “cada pessoa carrega uma luz interior atemporal”; “o fluxo do tempo, das gerações, das civilizações”
2. 6.1, 6.2, 6.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “a luz não se acende — ela se revela”
3. 6.1, 6.3 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo […] são seu instrumento”
4. 6.1, 6.2, 6.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “pessoal, nunca individual”; “guarda a luz para devolvê-la ao fluxo”; a lamparina posta no rio
5. 6.5 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “vira lamparina de museu”

6. 6.1 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
7. 6.2 · Tratado da Luz Interior, “Definição” · “a dignidade não é conquistada, é descoberta”
8. 6.1, 6.5 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · o encobrimento pelo medo, pelo hábito e pela adaptação às expectativas alheias
9. 6.1, 6.2 · Tratado das Águas Comuns, “Objeção provável e resposta breve” · “abrir-se não é diluir-se”
10. 6.2 · Meditações Práticas, “O Acender da manhã” · “ela já está lá, atemporal, esperando ser revelada”
11. 6.1 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “revisita o rio percorrido no dia”
12. 6.5 · Estudo I, 3.1 · “sobre a natureza do eu ele não tem tese, só sobre o seu valor e a sua integridade” · [leitura do estudo]
13. 6.5 · Estudo II, 6.5 · a lamparina em três lugares · [leitura do estudo]
14. 6.1, 6.3, 6.5 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I · “a Lux é de alguém”
15. 6.1, 6.3 · Decisão n.º 6 de 03/11/2026, Estudo I · “nenhuma pessoa está fora da Lux” diante do renascimento, do *kamma* e da desigualdade; “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite”
16. 6.3 · Decisão n.º 4 de 03/11/2026, Estudo I · a margem do cânon é dentro do rio
17. 6.1 · Decisão n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II · “o cânon não diz que a noite é prova”
18. 6.3 · Decisão n.º 5 de 03/11/2026, Estudo II · o retiro em si ao lado da margem
19. 6.3 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II · (g) aberta até o tratado da justiça
20. 6.3 · Decisão n.º 4 de 03/11/2026, Estudo II · o *logos* é estrutura, nunca nome da Luz
21. 6.1, 6.2 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
22. 6.5 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026, Estudo XIII · “de onde vem o começo fica sem dizer”
23. 6.5 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo X · a fonte “continua sem nome no cânon”
24. 6.3 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · o veto é a própria Luz, sem voz externa
25. 6.3 · Decisão n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII · aceita a dívida e recusa a eleição

# APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES

## Conferências pendentes

Este estudo traz 121 passagens marcadas para conferir e 761 marcas de verificação ao todo (contadas por grupo entre colchetes, no Prólogo e nos seis capítulos; 57 das marcas "a confirmar" estão no corpo e 64 nas listas de Fontes, que repetem em parte as mesmas passagens; 13 das 761, no "Como ler este estudo", definem as marcas e não marcam passagem). Nada abaixo é doutrina: são dados de fonte, página, edição e numeração que a leitura cuidadosa de um exemplar em mãos pode fechar. Os itens estão numerados entre parênteses dentro de cada célula. Toda citação lida em reconhecimento óptico (Thibaut, Mayeda, Mahadeva Sastri, Adidevananda, Woods) deve ser conferida na imagem da página antes de sair em PDF. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

| Tipo | O que falta |
|---|---|
| Edições não abertas | (1) O português do Vedanta: as *Upaniṣads* de Gloria Arieira (Vidya Mandir); a *Bhagavad Gītā* de Rogério Duarte (Companhia das Letras, 1998) e a de Huberto Rohden; Schopenhauer por Jair Barboza. Nenhuma foi aberta, e todo o português do Vedanta é tradução do estudo, salvo o que vem por intermediário nomeado (Gerpe a partir de Prabhavananda, *Os Upanishads: Sopro Vital do Eterno*, Pensamento, 1987, p. 46, por Carvalho, Gouvêa e Loundo, *Principia* 17, 2013, p. 154; Botelho, *Estudos Orientais* 5, 2006; a versão do Instituto Gita Society Brasil, que o estudo diz não valer como texto). (2) Olivelle, *Upaniṣads* (Oxford World's Classics, 1996), dado no Prólogo e no capítulo 6 como "a referência das Upaniṣads": não foi aberto; as páginas dos capítulos 1 a 5 são as de *The Early Upaniṣads* (1998). (3) O sânscrito dos comentários de Śaṅkara e de Rāmānuja (*Brahmasūtrabhāṣya*, *Upadeśasāhasrī*, comentários à *Gītā*, *Śrībhāṣya*): só os *sūtra* estão no GRETIL; as glosas, não. (4) A letra de Madhva: o estudo só conhece a exposição de Cowell e Gough (Londres, 1882, cap. V, pp. 94–95), de um doxógrafo *advaita*; o pesquisa de fontes do estudode fontes aponta o *Anuvyākhyāna* e o *Viṣṇutattvanirṇaya* como onde procurar [a confirmar]. (5) Os intérpretes: Hacker (1950, 1983 e "Schopenhauer and Hindu Ethics"), Brereton (1986), Halbfass (*India and Europe*, a paginação inferida do texto digitalizado), Deussen (Johnston, 1912), Otto (Bracey e Payne, 1932), Radhakrishnan (*Indian Philosophy* II, páginas aproximadas), Sharma (1962), Deutsch, Rambachan, Lipner, Zaehner e Aurobindo: nenhum foi lido além do que está dito nas bibliografias. (6) Ambedkar, *The Buddha and His Dhamma*: edição a completar (a pesquisa de fontes dá "BAIAE, Japão"). (7) A tradição que chega só por intermediário dos Estudos anteriores: Hegel (resenha de 1827 e o Tao), Schopenhauer II, cap. 17, Levinas (pp. 102 e 218), Ricoeur (pp. 32 e 187), Jaspers e Buber, *Metafísica* XII, 7, *A cidade de Deus* VIII, 9, *Diatribes* I, 14, 6, *Meditações* IV, 3, Sartre, Kierkegaard e os *Saṃyutta Nikāya* 22.59 e 44.10. (8) O alemão de Hegel, o alemão de Schopenhauer fora dos §§ 63 e 66, e o português de Schopenhauer (Barboza) e de Hegel: não abertos. |
| Passagens com [página a confirmar], [localização a confirmar], [tese a confirmar], [atribuição a confirmar] ou [data a confirmar], | **Prólogo**: (1) Madhva: tudo o que o estudo diz dele é [tese a confirmar]; as cinco marcas "a confirmar" de "Como ler este estudo" definem as marcas e não trazem passagem própria. **Cap. 1**: (2) 1.1, "Vedānta" como "o fim do Veda" [tese a confirmar]; o *Ṛgveda* (c. 1500–1000 a.C.), os Brâhmaṇas e os Āraṇyakas (c. 1000–500 a.C.) [data a confirmar]; Rāmānuja (c. 1017–1137) e Madhva (1238–1317) [data a confirmar]; Vivekananda, Ramana, Radhakrishnan e Ambedkar [data a confirmar]. (3) 1.2, a numeração de Thibaut contra a do GRETIL e a de Rāmānuja [paráfrase; localização a confirmar]; Madhva e as cinco diferenças, em Cowell e Gough [tese a confirmar]; Nimbārka, Vallabha e Caitanya, só nomeados [tese a confirmar]. (4) 1.3, o *sākṣin* como "testemunha" [tese a confirmar]; *Aitareya* III.3, *Kaṭha* I.2.20 e *Māṇḍūkya* 2, em Olivelle [página a confirmar]; Botelho [página a confirmar]. (5) 1.4, Madhva lê *a-tat tvam asi*, em Radhakrishnan, p. ~467 [tese a confirmar; página a confirmar]. (6) 1.5, *Kaṭha* I.2.4 e |

| Tipo | O que falta |
|---|---|
| por capítulo e seção | *Gītā* V.15, em Edgerton [página a confirmar]. (7) 1.6, "você se torna o que pensa" [atribuição a confirmar]; *jīvanmukti* não vem em Thibaut [tese a confirmar]; *Bṛhadāraṇyaka* III.2.13 e IV.4.5–7 e *Kaṭha* I.1.20–29 [página a confirmar]. (8) 1.7, *śravaṇa*, *manana* e *nididhyāsana* são de manual e não vêm em Thibaut [tese a confirmar]; *Gītā* II.19, II.20, II.47, XVIII.66 e XVIII.73 [página a confirmar]. (9) 1.8, o *dharma* [paráfrase; localização a confirmar]; *Jābāla Upaniṣad*, 4 [tradução do estudo; atribuição a confirmar]; *Gītā* III.35 [página a confirmar]. (10) 1.10, Cohen sobre *nāmarūpa* [tese a confirmar]; *vyāvahārika* e *pāramārthika*, de que em Thibaut só aparece *vyavahāra* [tese a confirmar]; Gauḍapāda, *Kārikā* II.32, em Nikhilananda [página a confirmar]. (11) 1.11, *Yogasūtra*, em Woods [página a confirmar]. (12) 1.12, *Gītā* IV.13, IX.32 e XVIII.44 [página a confirmar]; IX.32 lido como porta e como confirmação da hierarquia [tese a confirmar]; Śaṅkara, I.3.34–38 [localização a confirmar]; o que Rāmānuja e Madhva dizem de II.1.34–36 [localização a confirmar]; as três classes de almas em Madhva [tese a confirmar]; Kabīr, poema II [página a confirmar]; a conversão de Ambedkar em 1956 [tese a confirmar]. (13) 1.13, Hacker e o inclusivismo [V via secundária: Lapshin; tese a confirmar]; *Ṛgveda* I.164.46, em Griffith [página a confirmar]. **Cap. 2**: (14) 2.2, *Gītā* V.15 [página a confirmar]. (15) 2.3, *Kaṭha* I.2.23, em Hume e Müller ("reveals his own person") [página a confirmar]. (16) 2.4, *Gītā* II.47 [página a confirmar]. (17) 2.6, *Kaṭha* I.2.20 e *Chāndogya* VIII.1.1 [página a confirmar]. (18) 2.7, Basava, em Ramanujan, *Speaking of Śiva* [página a confirmar; localização a confirmar]. (19) 2.8, *Chāndogya* VIII.4.1 e *Gītā* V.15, primeira metade [página a confirmar]. (20) 2.9, *Gītā* III.35 e XVIII.41–48 [página a confirmar]. (21) 2.10, Nammāḻvār (séc. IX–X) [data a confirmar]; os *ālvār* lidos como o "Veda tâmil" na tradição de Rāmānuja [tese a confirmar]; a aproximação da celebração dos *ālvār* e a do cânon [tese a confirmar]. (22) 2.11, *Bṛhadāraṇyaka* II.4 e IV.5 e *Gītā* IX.32 [página a confirmar]. (23) 2.12, Madhva, em Cowell e Gough [tese a confirmar]. **Cap. 3**: (24) 3.1, Madhva lê *ayam ātmā brahma* como elogio, em Radhakrishnan, *Indian Philosophy* II [V via secundária; tese a confirmar]. (25) 3.2, Madhva e as diferenças "reais e desde toda a eternidade" [tese a confirmar]; Rāmānuja e Madhva afirmam a pessoa eterna [tese a confirmar]. (26) 3.5, Hacker, via Eltschinger, a partir da p. 268 [página a confirmar]; Cohen [tese a confirmar]; *Bṛhadāraṇyaka* IV.4.5, em Olivelle, pp. 120–121 [página a confirmar]. (27) 3.10, o que Rāmānuja e Madhva dizem de II.1.34–36 [tese a confirmar]. (28) 3.11, a letra de Rāmānuja, dos *ālvār* e de Vivekananda sobre a casta [localização a confirmar]; as almas em classes por natureza em Madhva [V via secundária: Sharma; tese a confirmar]. **Cap. 4**: (29) 4.1, Halbfass, cap. 6, pp. 84–99, e Eltschinger, sobre Hacker, pp. 268 ss. [página a confirmar]. (30) 4.2, Schopenhauer entre as primeiras leituras ocidentais do budismo [tese a confirmar]; tê-las ligado num só testemunho [leitura do estudo; localização a confirmar]. (31) 4.3, Madhva, em Cowell e Gough [tese a confirmar]. (32) 4.4, a comparação do *Brahman* com o Bem, atribuída a Radhakrishnan e a Zaehner, sem texto de nenhum dos dois [tese a confirmar]; *Kaṭha* II.2.15 (5.15), p. 399, e *Gītā* II.22, em Edgerton [página a confirmar]. (33) 4.5, as três aproximações do *Brahman* com o motor imóvel, ouvidas pelo Estudo XI [tese a confirmar]; *Brahmasūtra* I.1.2, em Thibaut [página a confirmar]. (34) 4.6, Arendt: nenhuma passagem sobre o Vedanta [localização a confirmar]. (35) 4.7, o todo vivo cujas partes são as almas, que nenhum intérprete nomeado compara [tese a confirmar]. (36) 4.9, Abhishiktananda, Panikkar, Griffiths e Dupuis, só apontados [tese a confirmar]; Heidegger e a Índia [tese a confirmar]; o *Brahman* e o Tao [tese a confirmar]; Radhakrishnan, *Indian Philosophy* II, p. 525 ss. [página a confirmar]. (37) 4.10, as pontes (*Brahman* e Bem; *Brahman* e motor; Si e *logos*) sem intérprete nomeado [tese a confirmar]; as datas de Śaṅkara, Rāmānuja e Madhva na abertura do capítulo [data a confirmar]. **Cap. 5**: (38) 5.1, Madhva e as diferenças reais [V via secundária: Cowell e Gough; tese a confirmar]; *Gītā* II.20, II.47 e IX.32 [página a confirmar]; Śaṅkara, I.3.19, o cristal, em Thibaut, pp. 186–187 [página a confirmar]; *Taittirīya* II.1 e *Brahmasūtra* I.1.2 [página a confirmar]; Eltschinger sobre Hacker [página a confirmar]. (39) 5.3, a frase "pessoal, atemporal e irredutível", que o Estudo VII atribui ao fecho das Fichas I a VI, não se acha nas Fichas nem no cânon [localização a confirmar]; a aproximação do |

| Tipo | O que falta |
|---|---|
| | *Brahman* com o motor imóvel (Estudo XI, 4.8), sem intérprete nomeado [tese a confirmar]. (40) 5.4, Madhva e as almas eternamente distintas, e as almas más [tese a confirmar]. **Cap. 6**: (41) 6.3, (ck) e (cp), Madhva, segundo um doxógrafo, e "se a letra confirmar" [tese a confirmar]; nas Fontes, Madhva por Cowell e Gough [tese a confirmar]. |
| Passagens traduzidas pelo estudo | (1) Do sânscrito, entre outras: "o Si é então a sua fonte de luz" (*Bṛhadāraṇyaka*, IV.3.6); "tu és isso" / "é assim que és" (*Chāndogya*, VI.8.7); "a face da verdade está coberta por um disco de ouro" (*Īśā*, 15); "ele não nasce, não morre; não veio de lugar algum; não se tornou ninguém" (*Kaṭha*, I.2.18); "O mal não o queima; ele queima todo o mal" (*Bṛhadāraṇyaka*, IV.4.23); "Que o seu interesse esteja só na ação, nunca nos frutos" (*Gītā*, II.47); a *Gītā* IX.32 e XVIII.44; *Yogasūtra* I.2; *Ṛgveda* I.164.46. A cotejar com Arieira (*Upaniṣads*) e com Duarte e Rohden (*Gītā*), que não foram abertos. (2) Do inglês, entre outras: Śaṅkara e Rāmānuja (Thibaut); o *Upadeśasāhasrī* (Mayeda); os comentários à *Gītā* (Mahadeva Sastri, Adidevananda); Manu (Bühler); Gauḍapāda (Nikhilananda); Woods; Griffith; Basava (Ramanujan); Kabīr (Tagore); Ramana, Gandhi, Ambedkar, Vivekananda e Radhakrishnan; Otto (Bracey e Payne); Hegel (Sibree); Schopenhauer (Haldane–Kemp); Deussen (Johnston). Nenhum cotejado com edição brasileira ou portuguesa. (3) Do alemão: Schopenhauer, § 63 e § 66 [V-de], a cotejar com Barboza. (4) Do espanhol: as passagens de Ricoeur que vêm pelo Estudo IX (*Autobiografia intelectual*, p. 32; *Finitude e culpabilidade*, p. 187). (5) As passagens de Levinas, Hegel, Aristóteles, Agostinho, Epicteto, Marco Aurélio, Sartre e outros que vêm pelos Estudos VII a XII e I e II: são as traduções desses estudos, e valem o que valem lá. (6) Cada tradução deve ser cotejada com a edição brasileira ou portuguesa correspondente, quando houver, antes de qualquer publicação. |
| As traduções fixadas e o que uniformizar | (1) *Antarjyotis* (*Bṛhadāraṇyaka*, IV.3.7): "a luz interior no coração" (1.3, 2.1) e "luz interior dentro do coração" (3.1): uniformizar. (2) *Tat tvam asi*: "tu és isso" (Prólogo e capítulos); "Tu és isso" e "Isso és tu" na citação de Śaṅkara, I.1.4 (1.4 e 3.9); "é assim que és" só como a tradução de Olivelle. Uniformizar a citação de Śaṅkara. (3) *Kaṭha*, I.2.20: "mais sutil que o mais sutil, maior que o maior, é o Si que jaz aqui escondido" (1.3) e "Mais fino que o mais fino […] está aqui escondido" (2.6): uniformizar. (4) Rāmānuja, II.3.18–20: "a corrente de suas obras" (Prólogo, 1.2, 3.2) e "das suas obras" (5.1): uniformizar. (5) *Sat-cit-ānanda*: "existência, consciência, bem-aventurança" (1.3) e "Existência–Consciência–Bem-aventurança" (5.3). (6) Madhva (Cowell e Gough): "isto mesmo é real e desde toda a eternidade; se tivesse tido começo, teria fim" (1.2); "real e desde toda a eternidade" (2.12, 4.3); "reais e desde toda a eternidade" (3.2). O inglês das Fontes só traz ‘This same is real and from all eternity’; a oração "se tivesse tido começo, teria fim" não tem o original nas Fontes [conferir]. (7) *Jyotis*: "fonte de luz" (Olivelle) é a tradução do estudo, e "luz" (Hume, Müller, Radhakrishnan) a leitura registrada; *antarjyotis* é "luz interior". (8) *Ātman*: sem tradução fixa; "o Si", com maiúscula, só na voz do Vedanta (1.3); "este Si" e "o Si" alternam nas citações. (9) *Pātra* (*Īśā*, 15): Olivelle traz ‘golden dish’ e o estudo "disco de ouro" (11 ocorrências); conferir com a letra e com Arieira. (10) *Avidyā*: "ignorância" (Kaṭha, Gītā, Upadeśasāhasrī) e "nesciência" (Thibaut, Rāmānuja); *vidyā*: "conhecimento". (11) *Pāpayonayaḥ*: "de origem baixa" (Edgerton: "base origin"); "de ventre pecador" nas outras versões (1.12). (12) *Vṛṇute* / *vivṛṇute*: "escolhe" e "revela", duas leituras, não duas traduções (ver "As quatro leituras em disputa"). (13) *Adhyāsa*: "superposição"; *mahāvākya*: "grandes sentenças"; *sākṣin*: "testemunha"; *kṣatriya*, *vaiśya*, *śūdra*: "guerreiros", "comerciantes", "servos". |
| As quatro leituras em disputa | (1) *Bṛhadāraṇyaka* IV.3.1 (1.3): o GRETIL imprime *sam enena vadiṣya*, "conversarei com ele"; Olivelle, seguindo Śaṅkara, lê *sa mene na vadiṣye*, "pensou: não direi" (p. 111, notas pp. 515–516). Só o sânscrito do GRETIL foi conferido [V-skt]; falta ler o passo no exemplar de Olivelle e dizer qual leitura decide o que Yājñavalkya faz. (2) *Bṛhadāraṇyaka* IV.3.6–7 (1.3, 2.1, 4.4, 5.4): Olivelle verte *jyotis* por "fonte de luz" e lê a cena como preâmbulo ao sono e ao sonho (nota, pp. 515–516); Hume (pp. 132–133), Müller (pp. 162–164) e Radhakrishnan (pp. 255–256) traduzem "luz". O estudo escreve |

| Tipo | O que falta |
|---|---|
| | "fonte de luz" e registra a outra; falta conferir as páginas de Hume, Müller e Radhakrishnan e a nota de Olivelle. (3) *Kaṭha* I.2.23 (1.9, 2.3, 3.9, 4.6, 6.3 (cq)): *vṛṇute*, "aquele que ele escolhe" (Olivelle, nota p. 605), contra *vivṛṇute*, "a quem ele se revela" (GRETIL, Hume, Müller); a escolha decide a chave do verso, graça ou revelação, e o estudo não a decide. Faltam as páginas de Hume e de Müller [página a confirmar] e a nota de Olivelle. (4) *Chāndogya* VI.8.7 (1.4, 3.1, 5.1): "é assim que és" (Olivelle, p. 253, nota pp. 560–561, que segue Brereton, 1986: qualidade, não identidade), "tu és isso" (Radhakrishnan, pp. 458–459), a leitura de Rāmānuja (um *Brahman* "distinguido por diferença", *Śrībhāṣya* I.1.1, p. 130) e a de Madhva, *a-tat tvam asi* (Radhakrishnan, p. ~467 [tese a confirmar]). Brereton não foi aberto. (5) Fora das quatro, mas no mesmo regime: *Bhagavad Gītā* IX.32, *pāpayonayaḥ*, que o estudo registra pela tradução de Edgerton ("base origin") e pela de outras versões ("de ventre pecador"). |
| A numeração da *Kaṭha*, dos *Brahmasūtra* e das demais | (1) *Kaṭha*: Olivelle e o GRETIL numeram por *vallī* contínua (I.2.18 = 2.18; I.2.20 = 2.20; I.2.23 = 2.23; I.3.3 = 3.3; II.2.15 = 5.15; I.1.20–29 = 1.20–29); Hume, Müller e Radhakrishnan, por *adhyāya.vallī.verso*. A "*Katha Up.* II.18-19" da Ficha é a numeração contínua; a corrente é I.2.18–19, e o estudo a usa, declarando as duas (1.3 e Prólogo). Uniformizar a fórmula "(2.18 em Olivelle)": as Fontes dos capítulos 3 e 6 dão por vezes só I.2.23 ou I.2.20. (2) *Brahmasūtra*: o estudo segue Thibaut; I.3.19 de Thibaut é 1,3.18 no GRETIL, e II.1.14 é 2,1.15; I.1.1–4 e II.1.34–36 coincidem; a numeração de Rāmānuja nem sempre é a de Śaṅkara. (3) *Bṛhadāraṇyaka*: recensão Kāṇva (Olivelle, GRETIL); a Mādhyandina numera diferente e não foi usada. (4) *Chāndogya*: o GRETIL funde VI.1.6 e 1.7 e VI.10.2 e 10.3; o estudo segue Olivelle. (5) *Muṇḍaka*: *muṇḍaka.khaṇḍa.verso* (3.1.1), a de Olivelle. (6) *Gītā*: capítulo.verso de Edgerton; III.35 = XVIII.47 (o mesmo verso). (7) *Chāndogya* VI.2.1 chega só por Loundo, na numeração de Gerpe e Prabhavananda (p. 154); Olivelle, p. 247, é a página de VI.1.4, e VI.2.1 fica sem página: conferir em Olivelle. |
| O que o estudo declara não aberto, por via secundária ou a confirmar, e onde o registra | (1) **Madhva**: a letra, nas obras dele, não foi achada; só a exposição de Cowell e Gough e as leituras de Radhakrishnan (p. ~467; *Indian Philosophy* II) e de Sharma (1962). Registro: Prólogo ("Como ler"), 1.2, 1.4, 1.12, 2.12, 3.1, 3.2, 3.11, 4.3, 5.1, 5.4, 6.1, 6.3 (ck), (cp). A tese corrente (almas em três classes, uma destinada às trevas) "não afirmar sem a letra"; se confirmada, é a fronteira mais grave diante de "nenhuma pessoa está fora da Lux" [hipótese do estudo]. Falta abrir Madhva (o pesquisa de fontes do estudode fontes aponta o *Anuvyākhyāna* e o *Viṣṇutattvanirṇaya* [a confirmar]) ou Sharma, com página. (2) **Śaṅkara, *Comentário aos Brahmasūtra*, I.3.34–38** (o *śūdra* e o estudo do Veda): não lida e não citada; registro: Prólogo e 1.12 [localização a confirmar]. Falta ler em Thibaut (SBE 34) e decidir se 3.11 a usa. (3) **Hacker, 1950** (*ZDMG* 100, pp. 246–286, a partir da p. 268; pp. 248–249 e 253–254): lido por Eltschinger (INDOLOGY, 9 abr. 2020, citado por Uskokov e Buescher) e por Cohen (Advaita-L, 18 maio 2022); registro: 1.10, 3.5, 4.1, 5.1 [V via secundária; página a confirmar; tese a confirmar]. Falta abrir o artigo. Hacker, 1983 (pp. 14 e 20), só por Lapshin (resumo inglês); Hacker, "Schopenhauer and Hindu Ethics", só por Decock e Debona. (4) **Os *ālvār***: ficaram sem letra (Prólogo); registro: 2.10 (Nammāḻvār, séc. IX–X [data a confirmar]; "Veda tâmil" [tese a confirmar]) e 3.11 (a letra de Rāmānuja, dos *ālvār* e de Vivekananda sobre a casta [localização a confirmar]). Falta abrir uma tradução de Nammāḻvār e dizer a página. (5) **Rāmānuja e Madhva sobre os *Brahmasūtra* II.1.34–36**: matéria a localizar [tese a confirmar] (1.12, 3.10). (6) **Termos de manual** que não vêm em Thibaut: *jīvanmukti* (1.6); *śravaṇa*, *manana*, *nididhyāsana* (1.7); *vyāvahārika*, *pāramārthika* (1.10) [tese a confirmar]. (7) **Nimbārka, Vallabha, Caitanya**: só nomeados (1.2). (8) ***Jābāla Upaniṣad*, 4** (1.8): sânscrito e tradutor não conferidos; a tradução inglesa é de uma página da Bhagavad Gītā USA, atribuída a Radhakrishnan [atribuição a confirmar]. (9) **Sharma**: o marcador [V via secundária: Sharma; tese a confirmar] de 3.11 não nomeia intermediário; a pesquisa de fontes só nomeia a obra. (10) **Radhakrishnan e Zaehner** sobre o *Brahman* e o Bem (4.4): sem texto de nenhum dos dois. (11) **As três aproximações do *Brahman* com o motor imóvel**, ouvidas pelo Estudo XI, e o Si e o *logos*, ouvidos pelo Estudo II: sem intérprete nomeado (4.5, 4.7, 4.10, 5.3). (12) **Arendt** |

| Tipo | O que falta |
|---|---|
| | e **Heidegger** sobre a Índia: nenhuma passagem achada (4.6, 4.9). (13) **Nenhuma tradução portuguesa do Vedanta** foi conferida (Prólogo). |
| Intérpretes conhecidos só por intermediário ou só nomeados | (1) Por intermediário: Hacker (via Eltschinger, Cohen, Lapshin e Decock e Debona); Brereton (via Olivelle); Madhva (via Cowell e Gough, Radhakrishnan); Loundo e Gerpe/Prabhavananda (via *Principia* 17); Uskokov e Buescher (citam Eltschinger); Hegel, Levinas, Ricoeur, Jaspers, Buber, Aristóteles, Agostinho, Epicteto, Marco Aurélio, Sartre, Kierkegaard e a literatura budista (via os Estudos VII a XII, I e II). (2) Só nomeados, sem obra ou sem tese citada: Arieira, Duarte, Rohden, Barboza, Deutsch, Rambachan, Lipner, Zaehner, Aurobindo, Sharma, Nimbārka, Vallabha, Caitanya, Abhishiktananda, Panikkar, Griffiths, Dupuis. (3) Nomes do plano e da pesquisa de fontes que o estudo não usa e que ficam fora da bibliografia: Lia Diskin e Carlos Alberto da Fonseca (o plano põe a dúvida: "Fonseca? conferir"), Gambhirananda, Mayeda 1979, Max Müller no SBE 1, van Buitenen, Sargeant, Flood e Martin, Senart, Renou, Doniger, Flood, Slaje, Böhtlingk, Alsdorf e Rau, Hiriyanna, Dasgupta, Fort, Eliade, Feuerstein, Herman, Bernasconi, Huxley, Guénon, Schuon, De Michelis, Singleton, Mehta, Savarkar. |
| As frases virais e o que se achou | (1) "O que pensas, tornas-te" / "você se torna o que pensa": não tem essa letra em *Bṛhadāraṇyaka* IV.4.5; a passagem diz «yathākārī yathācārī tathā bhavati», "como age, como se comporta, assim se torna" (1.6, Prólogo) [atribuição a confirmar]. (2) "*Namaste*: a luz em mim saúda a luz em ti": folclore ocidental, não achado em texto algum (Prólogo) [atribuição a confirmar]. (3) "A verdade é uma, os sábios a chamam por muitos nomes": *Ṛgveda* I.164.46, «ekaṃ sad viprā bahudhā vadanti agniṃ yamaṃ mātariśvānam āhuḥ», fala de deuses védicos (Agni, Yama, Mātariśvan), não de religiões; Hacker chama inclusivismo a esse modo (1.13) [V via secundária: Lapshin; tese a confirmar]. (4) "*Ahaṃ brahmāsmi*": nasce numa narrativa da origem do mundo (*Bṛhadāraṇyaka*, I.4.10) antes de ser fórmula de prática (1.4); "tudo é um" e *so 'ham*, que o plano mandava localizar, o estudo não usa. (5) Só (1) e (2) circulam sem a passagem, segundo o Prólogo; (3) e (4) são lidas com a letra. |
| Datas duvidosas | (1) Śaṅkara: c. 700–750 (estudiosos modernos) ou 788–820 (data tradicional), uma diferença de quarenta a oitenta anos que o estudo não decide (1.1). (2) Rāmānuja, c. 1017–1137; Madhva, 1238–1317 [data a confirmar]. (3) O *Ṛgveda*, c. 1500–1000 a.C.; os Brâhmaṇas e os Āraṇyakas, c. 1000–500 a.C. [data a confirmar]; a *Bṛhadāraṇyaka* e a *Chāndogya*, séculos VII–VI a.C., com um século de margem, datação "tão estável quanto um castelo de cartas" (Olivelle, Introdução, pp. 12–13); a *Taittirīya*, a *Aitareya* e a *Kauṣītaki*, séculos VI–V; as Upaniṣads em verso, a *Kena* a mais antiga, depois *Kaṭha*, *Īśā*, *Śvetāśvatara* e *Muṇḍaka*; a *Praśna* e a *Māṇḍūkya*, não muito antes da era comum. (4) A *Gītā*: Edgerton, "provavelmente antes do início da nossa era, mas não mais que poucos séculos antes" (v. 2, cap. I [página a confirmar]), contra a faixa corrente de c. 200 a.C. a 200 d.C. (5) Os *Brahmasūtra* de Bādarāyaṇa, c. 400–450 d.C.; Gauḍapāda, c. 600. (6) Nammāḻvār, séculos IX–X, data disputada [data a confirmar]; Kabīr, século XV. (7) Vivekananda (1863–1902), Ramana (1879–1950), Radhakrishnan (1888–1975), Ambedkar (1891–1956) [data a confirmar]; Aurobindo (1872–1950), do plano, sem conferência aberta. (8) A conversão de Ambedkar ao budismo em 1956 [tese a confirmar]. (9) "Vedānta" como "o fim do Veda" [tese a confirmar]. |
| Divergências de edição e dados | (1) **Olivelle**: o Prólogo e o capítulo 6 foram uniformizados para *The Early Upaniṣads*, 1998, que é a edição cujas páginas foram lidas; a edição de bolso de 1996 não foi aberta. (2) **Mayeda**: o plano dá 1979; o estudo cita *A Thousand Teachings*, SUNY, 1992. (3) **Edgerton**: "HOS 38–39" (capítulos 1 a 4) e "HOS 38" (capítulo 5, Fontes n.º 2). (4) **Thibaut, SBE 38**, IV.1.15: p. 358 (1.6) e pp. 357–358 (3.6). (5) **Rāmānuja**, *Śrībhāṣya* I.1.1: p. 39 (1.9) e pp. 39–40 (5.3); II.3.18–20: pp. 543 e 545–546 (1.2) e p. 543 (3.2, 5.1). (6) **Śaṅkara**, I.3.19: pp. 186–187 (2.3, 5.1) e p. 185 (2.3, 3.4). (7) **O Prólogo diz que o sânscrito das Upaniṣads e da *Gītā* foi conferido no GRETIL**; a *Muṇḍaka* está em sanskritdocuments.org (ITRANS convertido a IAST) e a *Kārikā* de Gauḍapāda em wisdomlib.org: corrigir o Prólogo ou a bibliografia (n.º 11 e 20). (8) **Mahadeva Sastri**: |

| Tipo | O que falta |
|---|---|
| | 1901 (a 3.ª ed., 1918, também está no archive.org); **Adidevananda**: sem ano na cópia. (9) **Cowell e Gough**: "Londres, 1882" no capítulo 2 e "Londres" sem editora nos demais; editora Trübner só no capítulo 2. (10) **Radhakrishnan**, *Indian Philosophy* II: "2.ª ed., 1929" é do pesquisa de fontes do estudo, não do estudo. (11) **Hume**: *Kaṭha* I.2.18, p. 349, só no capítulo 5. (12) **A edição-base das *Upaniṣads* no GRETIL** e a do *Yogasūtra* (Maas) são as dos arquivos, sem edição crítica nomeada. (13) **Marcadores sem definição no "Como ler este estudo"**: [V-pt: tradutor] (6 ocorrências), [V-de] (3), [data a confirmar] (5) e [Ficha, não cânon] (24); as Fontes do capítulo 6 trazem [V-en; tradução do estudo] sem dois-pontos (n.º 17, caso único). Definir ou uniformizar. |
| Registros dos Estudos anteriores usados sem reabrir | (1) Estudo VII, 4.4: a resenha de Hegel de 1827 (as páginas de W11 e W18 vêm pelo Estudo VII, [localização a confirmar]) e "um Vedanta de segunda mão, sem Śaṅkara". (2) A frase "pessoal, atemporal e irredutível", atribuída pelo Estudo VII ao fecho das Fichas I a VI: não se acha nas Fichas nem no cânon [localização a confirmar]. (3) Estudo XI, 1.10 e 4.8: "a causa final produz movimento sendo amada" e as três aproximações do *Brahman* com o motor imóvel [tese a confirmar]. (4) Estudo VIII, 4.6, Levinas, pp. 102 e 218; Estudo IX, 4.6, Ricoeur, pp. 32 e 187: a edição portuguesa de Levinas e as espanholas de Ricoeur são [dados a completar]. (5) Estudo X, 4.7: Jaspers e Buber. (6) Estudo XII, 4.8: *A cidade de Deus* VIII, 9. (7) Estudo I, 3.1, 3.8, 4.1, 4.2, 4.6, 4.8: o *Saṃyutta Nikāya* 22.59 e 44.10, a disputa de família, a primazia em Schopenhauer (II, cap. 17). (8) Estudo II, 1.6, 2.6, 3.1 e 4.8: *Diatribes* I, 14, 6; *Meditações* IV, 3; "a Lux é de alguém"; a comparação do Si com o *logos*, que o Estudo II passou ao IV. |
| O que a decisão do fundador pode resolver | Nada nas conferências é doutrina. À decisão do fundador cabem: (1) as perguntas abertas (ci) a (cr), mais as herdadas (g), (j) e (k); (2) a fórmula (6.2): "o Lumen Fluens aceita do Vedanta a descoberta e recusa a dissolução", ou a reserva "aceita a testemunha, como leitura, e recusa a dissolução", ou emenda (ci); (3) o tratamento dos nomes: se o que a série deu ao *logos* e à mente luminosa, estrutura e nunca nome da Luz, vale para o *ātman*, o *Brahman*, o *sākṣin*, a *cit* e o *tat tvam asi* (cj); (4) a Ficha reescrita (5.4, pergunta (cr)): cinco toques e cinco fronteiras, "a luz interior atemporal" no lugar de "o eu atemporal", sem "ignorância", "sempre esteve lá", "única", "participação", "véu", "margens" nem "história real"; (5) se Madhva, caso a letra confirme as almas más por natureza, entra na fronteira da casta (cp); (6) os registros de procedimento: a numeração da *Kaṭha* (I.2.18–19, e não "II.18-19"), "no *advaita* de Śaṅkara" no lugar de "no *advaita*", e a *māyā* sem "véu". O que as conferências fecham é só o dado de fonte. |

#

## APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO

Contagem feita com `grep -o` sobre os sete arquivos do estudo (Prólogo e capítulos 1 a 6; o enunciado fala em "seis arquivos" e são sete). Cada ocorrência do marcador conta uma vez, e um marcador composto, como [V-skt; V-en: Olivelle; tradução do estudo], conta em cada uma das suas partes; por isso as linhas não se somam. A coluna "Definições" tira da conta as vezes em que o "Como ler este estudo" (Prólogo) cita a marca para defini-la; "Em uso" é o total menos as definições. Os capítulos trazem o marcador no corpo e de novo nas listas de Fontes.

| Marcador | Prólogo | Cap. 1 | Cap. 2 | Cap. 3 | Cap. 4 | Cap. 5 | Cap. 6 | Total | Definições | Em uso |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| [V-skt] | 12 | 80 | 40 | 26 | 16 | 20 | 14 | 208 | 1 | 207 |
| [V-en: …] | 15 | 150 | 55 | 53 | 40 | 40 | 19 | 372 | 1 | 371 |
| [V-pt via secundária: …] | 1 | 2 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 5 | 1 | 4 |
| [V via secundária: …] | 1 | 10 | 2 | 9 | 39 | 7 | 0 | 68 | 1 | 67 |
| [tradução do estudo] | 14 | 140 | 51 | 48 | 64 | 46 | 12 | 375 | 1 | 374 |
| [paráfrase] | 3 | 25 | 10 | 8 | 12 | 1 | 6 | 65 | 1 | 64 |
| [tese a confirmar] | 2 | 17 | 4 | 9 | 10 | 6 | 2 | 50 | 1 | 49 |
| [localização a confirmar] | 1 | 4 | 1 | 1 | 2 | 1 | 0 | 10 | 1 | 9 |
| [página a confirmar] | 1 | 24 | 12 | 3 | 6 | 7 | 0 | 53 | 1 | 52 |
| [atribuição a confirmar] | 1 | 3 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 4 | 1 | 3 |
| [data a confirmar] | 0 | 3 | 1 | 0 | 1 | 0 | 0 | 5 | 0 | 5 |
| [leitura do estudo] | 4 | 8 | 14 | 23 | 39 | 26 | 9 | 123 | 1 | 122 |
| [inferência do estudo] | 1 | 0 | 0 | 1 | 2 | 0 | 0 | 4 | 1 | 3 |
| [hipótese do estudo] | 3 | 1 | 7 | 7 | 10 | 8 | 3 | 39 | 1 | 38 |
| (extra) [V-pt: tradutor] | 0 | 4 | 0 | 0 | 2 | 0 | 0 | 6 | 0 | 6 |
| (extra) [V-de] | 0 | 0 | 0 | 0 | 3 | 0 | 0 | 3 | 0 | 3 |
| (extra) [Ficha, não cânon] | 1 | 0 | 1 | 7 | 7 | 8 | 0 | 24 | 0 | 24 |

Contagem por grupo entre colchetes (um grupo, composto ou não, conta uma vez):

| Onde | Prólogo | Cap. 1 | Cap. 2 | Cap. 3 | Cap. 4 | Cap. 5 | Cap. 6 | Total |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Marcas de verificação no corpo | 25 | 108 | 51 | 56 | 86 | 43 | 13 | 382 |
| Delas, com "a confirmar" ou "a conferir" | 5 | 22 | 5 | 7 | 12 | 5 | 1 | 57 |
| Marcas de verificação nas listas de Fontes | 10 | 121 | 53 | 49 | 74 | 53 | 19 | 379 |
| Delas, com "a confirmar" ou "a conferir" | 0 | 28 | 13 | 6 | 7 | 9 | 1 | 64 |
| Total de marcas de verificação | 35 | 229 | 104 | 105 | 160 | 96 | 32 | 761 |
| Total com "a confirmar" ou "a conferir" | 5 | 50 | 18 | 13 | 19 | 14 | 2 | 121 |

Notas de leitura do painel:

1. **Passagens conferidas no sânscrito e em inglês.** [V-skt] marca 207 usos e [V-en: …] 371; a maioria dos [V-skt] vem junto de [V-en], na forma [V-skt; V-en: tradutor; tradução do estudo]. Os comentários de Śaṅkara e de Rāmānuja, o *Upadeśasāhasrī*, Manu e a literatura moderna levam só [V-en], porque o sânscrito deles não foi conferido (exceto o *sūtra* comentado).
2. **Português.** Só há [V-pt: tradutor] em Botelho, na versão do Instituto Gita Society Brasil e em Dinucci (6 ocorrências), e [V-pt via secundária: Loundo] em um único verso, *Chāndogya* VI.2.1 (4 em uso). Nenhuma Upaniṣad nem a *Gītā* foram conferidas em tradução portuguesa; o português do Vedanta é, em toda parte, [tradução do estudo] (374 usos).
3. **Via secundária.** [V via secundária: …] soma 68 ocorrências (67 em uso, fora o marcador-modelo do Prólogo), em quatro famílias: os Estudos anteriores (VII, VIII, IX, X, XI, XII, I e II), com 34; Cowell e Gough, para Madhva, com 10; Hacker, por Eltschinger (8), Cohen (3), Lapshin (4) e Decock e Debona (2), com 17; Radhakrishnan (4) e Sharma (2), para Madhva e a casta, com 6.
4. **O que fica por conferir.** Os grupos com "a confirmar" ou "a conferir" somam 121 (57 no corpo, 64 nas Fontes). [página a confirmar] tem 52 usos em uso, concentrados nas páginas de Olivelle e de Edgerton dos capítulos 1 e 2; [tese a confirmar] tem 49 usos em uso, e 25 dos 50 totais estão ligados a Madhva, a Cowell e Gough ou a Sharma.
5. **Leitura, inferência, hipótese.** [leitura do estudo] (122), [hipótese do estudo] (38) e [inferência do estudo] (3) são marcas do estudo, não de fonte: nenhuma pede conferência de exemplar; pedem decisão do fundador quando viram pergunta (ci) a (cr).
6. **Marcadores fora da lista de pedido.** [V-de] (3 usos, Schopenhauer §§ 63 e 66, no capítulo 4) e [V-pt: tradutor] (6) estão na tabela como linhas extras; [Ficha, não cânon] (24) marca citação da Ficha do Estudo IV e das Fichas V e VI.

## Painel de verificação

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens do budismo foram conferidas, quando possível, no páli (SuttaCentral) ou no sânscrito dos originais, com as traduções inglesas e portuguesas à vista (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o

que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-pi], [V-skt], [V-en] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

| Marca | Total | Corpo | Aparato |
|---|---|---|---|
| [V-skt; tradução do estudo] | 176 | 68 | 108 |
| [V-en; tradução do estudo] | 169 | 71 | 98 |
| [leitura do estudo] | 133 | 92 | 41 |
| [V via secundária] | 70 | 33 | 37 |
| [… a confirmar] | 56 | 15 | 41 |
| [hipótese do estudo] | 38 | 38 | 0 |
| [tese a confirmar] | 36 | 35 | 1 |
| [V-en] | 34 | 13 | 21 |
| [V-skt] | 30 | 14 | 16 |
| [paráfrase] | 11 | 6 | 5 |
| [V-pt] | 8 | 5 | 3 |
| [inferência do estudo] | 4 | 3 | 1 |
| [tradução do estudo] | 3 | 2 | 1 |
| [V-de; tradução do estudo] | 3 | 1 | 2 |
| [hipótese do estudo; ver 6.3, questão (cj)] | 2 | 2 | 0 |
| [paráfrase; … a confirmar] | 2 | 2 | 0 |
| [hipótese do estudo, por analogia com as decisões de 03/11/2026 sobre os estudos ii e i] | 1 | 1 | 0 |

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

| Capítulo | Citações | Palavras |
|---|---|---|
| Prólogo — O estado da questão e o método | 93 | 5163 |
| 1. O Vedanta em sua melhor forma | 135 | 5485 |
| 2. Onde nos tocamos | 115 | 3950 |
| 3. Onde nos separamos | 156 | 5463 |
| 4. O Vedanta diante das casas da série | 77 | 3966 |
| 5. A Ficha e as prévias: o que a série já disse do Vedanta | 109 | 3142 |
| 6. Síntese, fórmula e questões abertas | 110 | 4500 |
| Total | 795 | 31669 |

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII a XIII; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.